

Tatiana Silva Poggi de Figueiredo

NEOFASCISMO EM CENA:

O avanço conservador norte-americano e o caso da National Alliance

Professor (a) Orientador(a) : Cecília Silva Azevedo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de História Social da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em História.

Niterói
2008

F475 Figueiredo, Tatiana Silva Poggi de.

Neofascismo em cena: o avanço conservador norte-americano e o caso da *National Alliance* / Tatiana Silva Poggi de Figueiredo. – 2008.

159 f.

Orientador: Cecília da Silva Azevedo.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2008.

Bibliografia: f. 152-159.

1. Estados Unidos – Aspecto político. 2. Neoliberalismo. 3. Neofascismo. I. Azevedo, Cecília da Silva. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia III. Título.

CDD 330.973

Tatiana Silva Poggi de Figueiredo

Neofascismo em Cena:
o avanço conservador norte-americano e o caso da *National Alliance*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de História Social da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em História.

Aprovada em março de 2008.

Banca examinadora

Profª. Drª. Cecília Silva Azevedo – Orientadora
UFF

Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira da Silva
UFRJ

Profª. Drª. Viginia Maria Gomes de Mattos Fontes
UFF

Niterói
2008

Agradecimentos

Meus profundos agradecimentos a todos aqueles que me ajudaram, aturaram, contribuíram ou simplesmente me acompanharam nessa jornada.

Resumo

Dissertação de mestrado dedicada ao estudo da organização neofascista *National Allinace*, fundada em 1974. Procuraremos demonstrar, ao longo da pesquisa, que *National Alliance* é um aparelho privado de hegemonia, empenhado na difusão de projeto contra-hegemônico de caráter educacional desde seu surgimento -durante o processo de consolidação do Estado de bem-estar social- até seu pleno desenvolvimento -durante o Estado neoliberal-, investindo fortemente na produção de materiais de mídia.

Palavras-chave: Estados Unidos da América. Estado Neoliberal. Neofascismo.

Abstract

Masters dissertation dedicated to the study of National Alliance, a neofascist organization founded in 1974. Throughout the research activity National Alliance will be understood as a private apparatus of hegemony, committed to extending of a counter-hegemonic project of educational character since its emergence -during the process of consolidation of the Welfare State- until its full development -during the Neoliberal State-, strongly investing in the production of media infrastructure.

Keywords: United States of America. Neoliberal State. Neofascism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	
Fascismo e Neofascismo	4
CAPÍTULO II	
Os opositores do <i>New Deal</i>	28
CAPÍTULO III	
O acirramento das lutas	61
CAPÍTULO IV	
O caso da <i>National Alliance</i>	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
BIBLIOGRAFIA	152
FONTES	160

Introdução

O interesse por temáticas relativas ao fascismo me é companheiro desde os tempos de graduação, quando àquele momento nos dedicávamos ao estudo de revoltas armadas e formas de sociabilidade em campos de extermínio durante a Segunda Guerra Mundial. Felizmente, mas também com algum pesar, fomos capazes de desenvolver uma pesquisa sobre um dos raríssimos pontos ainda pouco abordados no âmbito do Holocausto e do segundo conflito mundial. Sob a orientação do querido professor Geraldo Beauclair, tal pesquisa concretizou-se na forma de trabalho de conclusão de curso, apresentado a essa mesma universidade ao fim de 2004.

Impossibilitada de dar continuidade ao trabalho dadas às prováveis dificuldades de financiamento para o desenvolvimento de uma dissertação de mestrado fora do país e minhas próprias dificuldades com o idioma alemão ainda em início de aprendizado, decidi ir a procura de um novo objeto.

E o primeiro contato com este novo objeto, com esta nova pesquisa que aqui se inicia não se deu por meio de livros ou em alguma palestra, seminário ou congresso, mas ironicamente talvez pelo canal menos acadêmico da atualidade, a televisão. Sim, foi justamente assistindo à televisão que me deparei com um documentário bastante interessante sobre neofascismo nos EUA, no qual o apresentador conversava um pouco com membros de uma organização de nome *National Alliance*, sediada em Hillsboro, West Virgínia. Ao longo do documentário entrei pela primeira vez em contato com o universo do neofascismo norte-americano, com o projeto da *National Alliance* e a repercussão dos mesmos no cenário político e social dos EUA. Por meio dele, conheci também uma série de organizações não-governamentais como o *Southern Poverty Law Center*, o *Center for Democratic Renewal* e a *Anti-Defamation League*, fundadas com o objetivo de combater a intolerância e o preconceito. Usadas como fontes indiretas de pesquisa pela equipe de produção, alguns dados, fornecidos principalmente pela primeira, foram igualmente apresentados ao longo do documentário. E foi exatamente um desses dados, mais especificamente a afirmação de que haveria 654 ‘grupos de ódio’ ativos nos EUA em 2004¹, juntamente com os curiosos depoimentos dados pelos membros da organização, que

¹ *Southern Poverty Law Center. Intelligence Project. Active U.S. hate groups in 2004.*

primeiramente me deixaram chocada, mas logo depois me fizeram perceber quão fértil poderia ser esse campo estudo.

Optei, então, por trazer o estudo do fascismo para um momento ainda mais contemporâneo -a história do presente- e em um país que a muito se dedica à digitalização, disponibilizando documentos em rede –os EUA. Graças aos avanços da tecnologia e maior familiaridade com o idioma, tive a oportunidade de permanecer no campo do fascismo, me dedicando a partir de agora a desvendar e entender as causas da expansão do neofascismo na sociedade norte-americana em particular. Assumindo este como objetivo geral, concentrar-me-ei especificamente no estudo da organização *National Alliance* e na análise dos materiais de mídia produzidos pela mesma. Privilegiarei ainda o período entre a data de fundação em 1974 à morte do fundador e líder William Luther Pierce em 2002, uma vez que com o falecimento do mesmo a organização envereda em uma sucessão de crises políticas em torno da sucessão, acabando por levar ao desmembramento da mesma com saída de muitos integrantes.

O corpus documental consistirá, portanto, dos materiais de mídia produzidos pela *National Alliance*, juntamente com reportagens do jornal *New York Times*, de forma a que possamos perceber as notícias veiculadas pela grande mídia em torno das temáticas do conservadorismo, em particular do neofascismo. Periódico de âmbito nacional e ampla circulação, o *New York Times* foi também escolhido por ser um dos canais de mídia, ao lado do *Washington Post*, mais frontal e nomeadamente atacado pela *National Alliance*. Já a escolha desse em detrimento do *Washington Post* se deu por motivos mais pragmáticos, pois o *New York Times* é o único periódico norte-americano disponível para pesquisa na Biblioteca Nacional.

Tentarei demonstrar, ao longo da pesquisa, que *National Alliance* é um aparelho privado de hegemonia, notadamente uma fábrica de intelectuais orgânicos neofascistas, empenhado na difusão de um projeto contra-hegemônico de diretriz educacional desde seu surgimento em 1974, durante o processo de consolidação do Estado de bem-estar social, até seu pleno desenvolvimento, em um Estado neoliberal.

No primeiro capítulo, procuraremos desenvolver um debate historiográfico e conceitual sobre fascismo e neofascismo. O seguinte inicia já a construção da hipótese geral, segundo a qual a Grande Depressão constitui-se em evento crítico por desencadear

um processo político caracterizado por: primeiramente, revelar internacionalmente de forma drástica, a crise do liberalismo clássico num país que se imaginava detentor do padrão de vida invejado pelo mundo; posteriormente por dar início ao processo de construção de um Estado de bem-estar social nos Estados Unidos nos moldes do *New Deal*; e finalmente por constituir-se no marco inicial da reação conservadora às políticas keynesianas. O terceiro capítulo consiste na conclusão da hipótese geral, na qual procuraremos demonstrar que o crescimento e desenvolvimento espetacular de organizações neofascistas organizados em aparelhos privados na sociedade civil, assim como a origem do neoliberalismo norte-americano são frutos de uma reação às conquistas do Estado de bem-estar social e, no caso dos neofascistas, também às conquistas em torno da ampliação dos direitos civis e do multiculturalismo. O quarto e último capítulo é, finalmente, dedicado a *National Alliance*, seu desenvolvimento e crescimento, especialmente durante a crise econômica da década de 1980. Dispensarei especial atenção ao trabalho de desenvolvimento e criação de canais de mídia, pelos quais a organização difunde muito mais do que o seu projeto e estratégias políticas específicas, mas substancialmente uma concepção de mundo. Serão analisados os diversos materiais desenvolvidos pela organização, buscando entender com profundidade as particularidades do pensamento neofascista norte-americano, as particularidades do projeto da própria *National Alliance* no âmbito do neofascismo norte-americano e as críticas desta tanto aos projetos social-democrata quanto ao neoliberal.

Pesquisar Estados Unidos, esta verdadeira caixinha de surpresas, que apresenta desde as facetas mais multiculturais -como podemos observar pelos candidatos democratas nas atuais primárias para presidente- às mais racistas e excludentes expressões de autoritarismo, será um desafio, mas que certamente renderá boas histórias.

Capítulo I

Fascismo e Neofascismo

Boom. Explode o prédio federal Alfred Murrah em Oklahoma City. O ano é 1995 e em 19 de abril e os EUA presenciam estarecidos o caso mais chocante de terrorismo interno. O atentado provocado por Timothy McVeigh, jovem de 27 anos com fortes ligações a milícias paramilitares patriotas, explode o prédio do governo matando 167 pessoas e ferindo outras 650.² Adepto de ideologia neofascista militante, o jovem McVeigh decide pelo atentado como forma de protesto contra o que acreditava ser o prelúdio da instauração de uma Nova Ordem Mundial, teoria segundo a qual a soberania norte-americana seria posta em xeque pela imposição de um sistema coletivo liderado pela ONU.³

O incidente em Oklahoma City trouxe à tona um debate por muitos esquecido ou propositalmente silenciado, tido mesmo como morto. Coisa do passado, ligado ao contexto da Segunda Guerra Mundial, o debate em torno do fascismo pouco avançou para além das fronteiras das décadas de 1920, 1930 e médio 1940, passando perigosamente a impressão de ser este um fenômeno datado. O atentado de Oklahoma veio como um choque de realidade, ainda que tardio, para o fato de que o fascismo teima em bater à porta do século XXI. Como entender, então, Timothy McVeigh, as milícias e outras manifestações neofascistas? Fenômenos esporádicos? Anomalias sociais? Reminiscências do passado, frutos da nostalgia? Ou frutos de causas mais profundas, estruturais?

O debate proposto neste momento introdutório terá como objetivo a tentativa de responder a tais perguntas enfocando a importância do estudo do fascismo em nossos dias, em especial o desenvolvimento deste nos Estados Unidos da América. Para tal, procuraremos estabelecer um debate ressaltando: primeiramente, as rupturas e continuidades entre o fascismo das décadas de vinte e trinta na Europa, denominado ‘fascismo histórico’ por Francisco Carlos Teixeira da Silva⁴, e o movimento observado em

² BERLET, Chip & LYONS, Matthew. **Right-wing populism in America: too close for comfort**. New York: Guilford Press, 2000.p.1.

³ Idem. p.287- 301.

⁴ TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Os fascismos. In: REIS FILHO, Daniel Aarão et.al.(org). **O século XX**.vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

fins do século XX; e posteriormente as diferentes análises sobre o movimento fascista contemporâneo nos EUA.

Nesse sentido, acreditamos ser de importância fundamental uma abordagem, ainda que breve, sobre o conceito de fascismo assim como algumas interpretações clássicas do dito ‘fascismo histórico’ e do fascismo contemporâneo ou neofascismo.

A partir de então, acreditamos poder estabelecer as diferenças e pontos de contato entre esses dois momentos, demonstrando que, mais do que a simples passagem do tempo ou movimento marginal ou organização política de monstros ensandecidos, o fascismo é uma ideologia e um projeto político distinto e específico dentro do âmbito do pensamento conservador, estando ainda fortemente ligado às mudanças no seio do capitalismo no país ou região em que este movimento se desenvolve.

Em sua tentativa de construção de um modelo geral explicativo para o fascismo, Teixeira da Silva ressalta que “o fenômeno fascista surge como uma possibilidade da moderna sociedade de massas, e não apenas de um período histórico determinado e já findo na aventura humana”⁵ e que, portanto, tornar-se-ia empobrecido qualquer estudo sobre o fascismo europeu do entreguerras que não levasse em consideração o neofascismo e suas possibilidades.

Como podemos notar, o autor propõe, para fins puramente didáticos, uma distinção entre os dois momentos básicos, quando pode ser observada uma maior articulação de algumas sociedades em torno do projeto fascista. É adotada, então, a designação ‘fascismo histórico’ em referência ao fenômeno vivenciado durante o entreguerras e o termo neofascismo em referência a proliferação de partidos e agrupamentos de caráter fascista observada nos anos 90. Com respeito a esses últimos, Teixeira da Silva cita, por exemplo, o francês Front Nacional, de Jean Marie Le Pen, a italiana Aliança Nacional, de Gian-Franco Fini, os Nacionalistas Populares Alemães (DNV) e o russo Partido Liberal Democrático, liderado por Jirinovski.⁶

Ao longo de seu texto, o autor busca enfatizar que somente a conjuntura do entreguerras e as argumentações clássicas pautadas unicamente nos acontecimentos particulares deste contexto específico -derrota na primeira guerra mundial, o Tratado de

⁵ TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. op. cit., p.113.

⁶ Idem, p.121.

Versalhes, a crise de 1929- não seriam suficientes para uma explicação adequada para o desenvolvimento e popularização do movimento fascista, principalmente se pensarmos em neofascismo.

Entretanto, tais aspectos não devem ser de modo algum desprezados e uma das interpretações, a nosso ver, mais completas nesse sentido é a formulada por Otto Bauer já em 1936. De acordo com o economista austríaco, o fascismo seria o produto de três processos interligados. Primeiramente, as conseqüências da primeira-guerra além de fomentar o nacionalismo entre as nações derrotadas, “expulsou da vida burguesa e desempregou as grandes massas de combatentes”, muitos deles futuros integrantes das milícias fascistas; em segundo lugar, a grave crise econômica do pós-guerra levava à miséria enormes massas de camponeses e pequenos burgueses, muitos dos quais descrentes na democracia iriam engrossar as fileiras do partido e manifestações fascistas; e, finalmente, o desejo por parte dos setores capitalistas em restabelecer sua margem de lucro, aumentando a exploração sem o perigo de maiores resistências por parte da classe operária.⁷

A análise de Bauer, feita no calor dos acontecimentos, está mais próxima de um estudo das causas e menos de uma tentativa de estabelecer um conceito. Mas nos revela desde aquele momento questionamentos importantes sobre as próprias causas apontadas. Nos instiga a pensar, por exemplo, sobre os interesses de classe dentro do fascismo. Seria o fascismo um projeto de uma determinada classe (da pequena burguesia, nas palavras de Bauer)? Ou seria uma ditadura desenvolvimentista, sabiamente arquitetada pelas classes dominantes apoiada pelos setores médios, visando a preservação e desenvolvimento do capitalismo monopolista-financeiro?

Essas questões levantadas a partir da análise de Bauer instigaram posteriormente diversos pesquisadores a avançar nas discussões. Seymour Martin Lipset sistematiza em 1963 a hipótese do fascismo como expressão dos ressentimentos experimentados pelos setores médios, um “extremismo de centro”, tendo como base “o rancor dos antes independentes pequenos comerciantes, artesãos, camponeses e outros integrantes das ‘antigas’ classes médias, que então se viam comprimidos entre os trabalhadores industriais

⁷ BAUER, Otto. O fascismo. In: FALCON, Francisco et.alli(org). **Fascismo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

e os grandes empresários...”⁸ A questão do desenvolvimentismo também rendeu frutos. Talcott Parsons em 1942 já sugeria que uma possível causa para a vitória do fascismo poderiam ser as tensões de classe provocadas pela permanência das tradicionais elites pré-industriais durante o processo de desenvolvimento econômico desigual, característico de países de industrialização rápida e tardia, como foi o caso de Alemanha e Itália.⁹ Tal interpretação pode nos levar perigosamente a associar fascismo a qualquer tipo de autocracia ou autoritarismo, retirando as especificidades do mesmo e, conseqüentemente, destituindo o termo de sentido. Diferentemente de ditaduras militares experimentadas na América Latina ou de clássicos casos de bonapartismo, o fascismo como já afirmado anteriormente supõe extraordinária mobilização popular, é um movimento de massa que suscita medo e entusiasmo. “A maioria das ditaduras militares atua como simples tirania, sem ousar desencadear a excitação popular do fascismo.”¹⁰ O espetáculo é elemento característico do fascismo. E por mais tentadora que seja a associação entre tirania clássica e fascismo, uma vez que ambos mostram-se profundamente anti-democráticos, façam uso de uniformes e apareçam pesadamente militarizados, não devemos nos deixar levar por conclusões precipitadas e superficiais.

Por mais cruéis que elas [ditaduras e formas autoritárias clássicas] sejam, falta-lhes a manipulação do entusiasmo das massas e a energia demoníaca do fascismo, que vão lado a lado com a missão de ‘abandonar as instituições livres’ em nome da unidade, da pureza e da força nacionais.¹¹

Além de Bauer, autores como Hugh Trevor-Roper e Stuart Joseph Woolf levantaram outros aspectos do contexto igualmente relevantes e que viriam a contribuir para o crescimento e popularização do movimento. Para além dos efeitos da guerra, Woolf em sua tentativa de encontrar elementos comuns entre as diversas expressões de fascismo durante o entreguerras, irá destacar como centrais o papel desempenhado pelo “forte sentimento nacionalista...comum à Europa, de Portugal à Finlândia”, o “anti-socialismo...inclusive nos países onde o marxismo não era uma ameaça real” e a presença

⁸ LIPSET, 1963. apud. PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.p.343.

⁹ PARSONS, Talcott. Democracy and social struggle in pre-nazi Germany. In: PARSONS, Talcott. **Essays in sociological theory**. IL: Free Press, 1954.p.104-123.

¹⁰ PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.p.355.

¹¹ Idem. p. 354.

de “um governo parlamentar débil e ineficaz”.¹² Similarmente, Trevor-Roper também aponta para crises no sistema e para a refuta ao socialismo. Para este autor, o fascismo consistiria em um movimento político nascente do temor, do medo por parte dos setores médios, esmagados por um liberalismo de tipo *laissez-faire* decadente e em crise; do desenvolvimento de uma revolução proletária. “Desse modo, cada etapa do surgimento do fascismo europeu pode relacionar-se com um momento de pânico da classe média, causado ou por crises econômicas ou por sua consequência; a ameaça da revolução socialista.”¹³

Pode-se mesmo argumentar se não seriam tais análises um tanto simplistas, lineares, baseadas em eventos naturalmente decorrentes uns dos outros no sentido em que, conforme a cadeia especulada, um governo dito débil, abalado por crises políticas e econômicas levaria, invariavelmente, à organização popular em torno do projeto socialista e à conseqüente reação fascista na forma de processo contra-revolucionário salvador do capitalismo. Poulantzas observa um direcionamento bastante parecido nas discussões desenvolvidas pela Terceira Internacional. Nesta ocasião particular, pensava-se o fascismo como produto inevitável da democracia burguesa e que a passagem gradual, quase imperceptível desta até o fascismo seria mesmo a essência da democracia burguesa. O fascismo, logo, não consistiria em uma nova forma de governo, mas simplesmente uma gradação das formas repressivas já presentes na democracia.¹⁴ Diversos autores contestam tal hipótese e buscam enfatizar, cada um a sua maneira, o fascismo enquanto fenômeno político distinto do liberalismo, da social democracia e das tantas formas de autoritarismo. Mandel nos alerta que:

O fascismo...não é simplesmente a ditadura aberta do capital monopolista. É uma forma especial do ‘executivo forte’ e de ditadura aberta, caracterizada pela destruição completa de todas as organizações da classe operária- mesmo as mais moderadas e, sem dúvida, da própria social-democracia.¹⁵

O mesmo autor, em crítica a August Thalheimer, reforça a especificidade do fascismo enquanto ideologia e forma de organização política dentro do âmbito do próprio do

¹² WOOLF, Stuart Joseph. Uma Introdução. In: FALCON, Francisco et.alli(org). **Fascismo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.p.39.

¹³ TREVOR-ROPER, Hugh. O fenômeno do fascismo. In: FALCON, Francisco et.alli(org). **Fascismo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.p.55-56.

¹⁴ POULANTZAS, Nicos. **Fascism and Dictatorship** NLB: London, 1974.p.58. O autor cita ainda ao longo de sua argumentação algumas outras referências como: MANUILSKY, Dmitri. **Report to the Eleventh Plenum**, 1931. e HIRSCH, W. Faschismus und Hitlerpartei. In:**Die Internationale**, January, 1932.

¹⁵ MANDEL, Ernest. **Sobre o fascismo**. Lisboa: Antídoto, 1976.p.47.

pensamento conservador. E, ainda que possamos não concordar com a suposição de ‘autonomia crescente do aparelho de Estado’ ou o fato dele estabelecer uma relação direta entre operariado e luta revolucionária, a diferença qualitativa entre bonapartismo e fascismo é de grande valia, principalmente no que concerne à forma de se relacionar com discursos contra-hegemônicos.

A. Thalheimer sub-estima a diferença qualitativa entre bonapartismo e fascismo: no primeiro, há uma autonomia crescente do aparelho de Estado acompanhada por uma repressão tradicional sobre o movimento revolucionário; no segundo, há uma autonomia crescente do aparelho de Estado, acompanhada pela destruição de **todas** as organizações da classe operária e pela tentativa de atomizar completamente os trabalhadores através de um movimento pequeno-burguês.¹⁶

Quanto ao automatismo afirma Poulantzas:

Embora seja verdade que o fascismo não seja estranho à democracia parlamentarista; e embora seja também verdade que o Estado burguês (e o sistema capitalista) carregam dentro de si as ‘sementes’ do fascismo e as ‘sementes’ da revolução (e nós não podemos nos esquecer disto), é também verdade que o fascismo não pode ser explicado somente pelo automático, linear, necessário germinar destas sementes, tampouco a revolução pode ser atribuída a tal processo.¹⁷

Com os olhos mais voltados para a realidade empírica, Bauer também alerta em 1936 para a possibilidade de, por vezes, tão perigosa confusão.

A classe capitalista e os grandes proprietários de terras não cederam o poder à horda fascista para defender-se frente a uma revolução proletária eminente, mas com o objetivo de diminuir os salários, destruir as conquistas sociais da classe operária e varrer os sindicatos e posições de força política da mesma. Ou seja, não para combater um socialismo revolucionário, mas para por abaixo as conquistas de um socialismo reformista.¹⁸

Bauer, assim como tantos outros que buscam interpretar e entender o fascismo, não parte de uma análise comparativa dos casos, não busca destrinchar a especificidade do fascismo enquanto ideologia, mas entender por que este movimento político se desenvolveu em certos países da Europa naquele determinado momento. E nesse sentido específico,

¹⁶ Idem, p.52.

¹⁷ POULANTZAS, Nicos. op.cit., p.58. Deste ponto em diante todas as traduções apresentadas ao longo do trabalho serão responsabilidade desta autora, que se compromete a acrescentar os trechos originais para a pronta consulta do leitor. “*Although it is true that fascism is not alien to parliamentary democracy; and although it is also true that the bourgeois State (and the capitalist system) carry within them both the ‘seeds’ of fascism and the ‘seeds’ of revolution (and we must not forget this), it is still true that fascism cannot be explained just by the automatic, linear, necessary germination of these seeds, any more than revolution can be ascribed to such a process.*”

¹⁸ BAUER, Otto. op.cit, p.76.

acreditamos que ele é bastante feliz, em especial no que diz respeito a sua análise criteriosa daquele momento político, econômico e social da história européia e o papel desempenhado pelos diversos agentes sociais coletivos. Woolf e Trevor-Hoper, diferentemente, já dedicam atenção especial aos aspectos que caracterizariam um movimento ou projeto político como fascista. Contudo, ambos os estudos assim como os de Bauer ainda restringem o fascismo a “um breve e claro período na história européia”, “inseparável da especial experiência de uma geração: a geração que floresceu –ou que não conseguiu florescer- entre as duas guerras mundiais”.¹⁹

Do mesmo modo que uma análise do fascismo pura e simplesmente pela conjuntura constitui-se em uma abordagem limitada, o contrário parece a nós perigo semelhante. Este tipo de abordagem pode ser encontrado nos escritos do alemão Ernst Nolte, que acredita ser possível entender o fascismo como um fenômeno a-histórico, metapolítico ou descolado de uma realidade histórica específica..²⁰ Esforços como o de Nolte em buscar um *minimum fascista* são interessantes no momento em que, via comparação dos casos, podemos encontrar pontos de contato, algo que nos possibilite identificar um certo movimento ou projeto político como fascista, mas não devem de modo algum bastar enquanto análise de um fenômeno histórico. É preciso ter em mente que principalmente no caso do fascismo estamos tratando de movimentos nacionalistas e que, naturalmente e mais do que nunca, as especificidades e particularidades nacionais de tempo e espaço desempenham um papel primordial na estruturação e delineamento de cada caso.

...os fascismos, enquanto regimes autoritários antiliberais, antidemocráticos e anti-socialistas possuiriam suas próprias especificidades nacionais, suas histórias específicas, que, por sua vez não descaracterizariam a universalidade e autonomia do fenômeno ante outras formas de autoritarismo (ditadura, bonapartismo e ditaduras militares).²¹

Sem descartar as especificidades nacionais e inspirado nas análises de Wolfgang Schieder sobre as manifestações fascistas durante o entreguerras, Teixeira da Silva destaca alguns aspectos comuns nas diversas manifestações dos movimentos fascistas ao longo do tempo, aspectos integrantes da ideologia fascista. São eles: o antiliberalismo, autoritarismo e aversão à democracia, e anti-socialismo.

¹⁹ TREVOR-ROPER, Hugh. op.cit., p.51.

²⁰ NOLTE, Ernst. O fascismo enquanto fenômeno metapolítico. In: FALCON, Francisco et.alli(org). **Fascismo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

²¹ TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. op. cit., p.118.

Enfatizando a falência do sistema liberal, o projeto fascista se apresentaria como nacional. “O conjunto de medidas tomadas pela Revolução Francesa com a libertação do indivíduo dos entraves do Antigo Regime... lançaria os indivíduos na multidão anônima, no seio de uma massa amorfa, incapaz de refazer seus laços de identidade...”²² A secularização da vida pública viria como um furacão, destruindo os vínculos dos homens com o sobrenatural, com o místico, com a submissão a uma ordem transcendental. Segundo Teixeira da Silva, a representatividade política de ordem liberal ou democrática, desde a revolução exercida por meio dos partidos políticos, seria tida pelo fascismo como a fonte de todas as discórdias, propagando o caos social, uma vez que os partidos representariam sempre interesses setoriais, parciais e, portanto, não-nacionais.

Com seu governo não-intervencionista e sua crença no debate aberto, seu pouco controle sobre a opinião das massas e sua relutância a recorrer ao uso da força, os liberais, aos olhos dos fascistas, eram guardiões da nação culposamente incompetentes no combate à luta de classes desencadeada pelos socialistas.²³

Assim, na ideologia fascista ambos o liberalismo e, em um grau ainda mais preocupante, a democracia seriam formas de governo incapazes de se manter e atuar com autoridade, incapazes de gerir a Nação como um todo, uma unidade, posto que esfacelados por uma série de interesses particulares.

A proposta fascista viria exatamente na busca pela superação desse caos social ou das contradições existentes no sistema liberal pela implantação de uma ordem corporativista e de um Estado uno e harmônico, despido de contradições e de interesses particulares conflitantes. “O Estado, assim concebido, apresenta-se como fator de coesão nacional, capaz de reerguer a Nação e restaurar a identidade nacional dilacerada pelas lutas ensejadas pelo regime liberal.”²⁴ O objetivo seria, aqui, a correção do que era considerado a fraqueza original intrínseca ao liberalismo e a democracia, isto é, a luta, a discórdia, eliminando-se a possibilidade de livre associação, calando-se os debates e divisões políticas. A Nação, mitificada em seu poder não apenas agregador, mas profundamente acolhedor, viria a contemplar o ideal de vida comunitária em contraposição à frieza e solidão geradas pelo humanismo secularista.²⁵

²² Idem, p.130.

²³ PASTÓN, Robert. op.cit., p.44.

²⁴ TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. op. cit., p.133.

²⁵ KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p.15.

[O] mito da nação como sucedâneo da autêntica comunidade humana pela qual as pessoas anseiam é uma característica essencial do fascismo e se manifesta em todos os movimentos desse tipo, independentemente dos países em que se realizam e independentemente das formas particulares que assumem.²⁶

Diferentemente do socialismo ou comunismo, o fim das diferenças proposto pelo fascismo não envolve em momento algum uma proposta de eliminação das desigualdades sociais. E é isso que os faz, em última instância, projetos notadamente antagônicos. Porque:

no fascismo não há espaço para o outro, mesmo o outro hierarquizado e subordinado [como no liberalismo e na democracia], tampouco para sua educação e conversão num homem novo... uma idéia força, raça ou nação, torna-se o único valor moral em torno do qual ergue-se um poderoso código de ação.²⁷

O projeto fascista não propõe, ao contrário do socialista e comunista, uma transformação radical ou eliminação da ordem capitalista. “O que o fascismo criticava no capitalismo não era sua exploração, mas seu materialismo, sua indiferença para com a nação e sua incapacidade de incitar as almas.”²⁸ E se, a princípio este parece agregador, uma vez que ao atentarmos para formação social de um movimento fascista podemos perceber a presença de diferentes classes sociais (mesmo sendo este um projeto dos setores médios) e de um discurso impregnado de críticas aos grandes monopólios, em prol de igualdade de oportunidades, visando uma competição mais justa, não devemos nos iludir em pensar o fascismo enquanto um socialismo nacional como bem expresso no nome do conhecido partido político dos anos 30²⁹.

Organizações fascistas ainda que atraíam setores da classe trabalhadora não prezam pela emancipação ou elevação político-cultural das mesmas. O projeto fascista é um projeto dos setores médios ante a ameaça, ainda que irreal, de proletarização. Mas, constituiriam os setores médios uma classe? Formariam estes uma dita classe média?³⁰

²⁶ Idem, p.16.

²⁷ TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. op.cit., p.149.

²⁸ PAXTON, Robert. op. cit., p.27.

²⁹ Refiro-me ao nome oficial do partido nazista alemão. Traduzida para o português, a sigla NSDAP - *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*- significa ‘Partido nacional-socialista trabalhista alemão’. Mais leituras sobre fascismo como forma radical de anti-capitalismo ver: WEBER, Eugen. **Varieties of fascism**. NY: Van Nostrand, 1964. LAQUEUR, Walter(org). **Fascism: a reader's guide**. Berkley:Univ. of California Press, 1976. FURET, François. **The passing of an illusion:the idea of communism in the twentieth century**. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1999.

³⁰ Reconhecemos a existência de um intenso debate concernente ao conceito de classe social e nesse ínterim uma discussão ainda mais controvertida em torno, primeiramente, da existência ou não de uma classe média e, no caso da existência da mesma, quais setores sociais comporiam essa classe. Entretanto, não nos

Rodolfo Stavenhagen pontua alguns aspectos que não podem ser ignorados ao pensarmos em classe social. Segundo o mesmo, a classe muito antes de um conceito analítico e de uma categoria histórica é um fenômeno real, ou seja, encontra-se no seio de estruturas sociais constituídas historicamente.³¹ Antes dele, Antônio Gramsci já apontava para a objetividade da existência das classes sociais em sua análise dos três momentos distintos das relações de força. Segundo o autor sardo, o primeiro desses níveis desvendaria uma correlação de forças vinculada à estrutura objetiva, independente da vontade dos homens.³² “Sobre a base desta estrutura, do grau de desenvolvimento das forças materiais de produção, erguem-se os grupos sociais, cada qual representando uma função e ocupando uma posição dada na produção. Neste nível, a classe existe objetivamente.”³³ Estruturas sociais, posto que históricas, diferenciam-se não apenas no tempo, mas também no espaço, o que nos leva a concluir que em formações sociais distintas e em diferentes épocas encontramos classes sociais particulares, características daquela formação social naquele tempo. Logo, as classes:

...formam-se, desenvolvem-se, modificam-se, na medida em que vai se transformando a sociedade. Representam as contradições principais da sociedade; são o resultado dessas contradições e, por sua vez, contribuem para o desenvolvimento das mesmas.³⁴

Juntamente com o autor, não consideramos satisfatório, portanto, o esquema bastante difundido composto por classes ‘altas’, ‘médias’ e ‘baixas’, uma vez que este não mantém relação alguma com estruturas sócio-econômicas históricas e concretas quaisquer, necessárias para a compreensão das classes. A designação dos setores médios pelo clássico e certamente tentador, posto que bem menos desafiador, termo ‘classe média’ não nos parece cabível e ainda que:

uma categoria social não se encontr[e] em oposição estrutural a uma classe, mas ocup[e] sob todos os pontos de vista uma posição intermediária, então não é uma

debruçaremos com afinco nessas questões, limitando-nos a apresentar nosso direcionamento com respeito a este mesmo debate. Para um debate mais profundo, ver em: THOMPSON, 1987; VELHO, 1977; POULANTZAS, 1974.

³¹ STAVENHAGEN, Rodolfo. Estratificação social e estrutura de classes. In: VELHO, Otávio Guilherme et alli (org). **Estrutura de classes e estratificação social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.p.149.

³² GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.p.40.

³³ BIANCHI, Álvaro. Revolução passiva: o pretérito do futuro. In: BOITO Jr., Armando, GALVÃO, Andréia, TOLEDO, Caio.(org) **Crítica Marxista**. n.º23. São Paulo: Revan, 2006.p.41.

³⁴ STAVENHAGEN, op.cit., p.149.

classe, mas apenas uma fração, uma camada ou simplesmente uma categoria intermediária.³⁵

Sem perder de vista o parâmetro básico das relações de dominação-subordinação, que perpassam não apenas as classes antagônicas fundamentais (dominante e dominada), mas também as inúmeras frações presentes nas mesmas, podemos considerar “que um contingente importante dos trabalhadores de ‘colarinho branco’ faz parte do proletariado” assim como uma outra parte desses setores intermediários “representa uma extensão estrutural da burguesia.”³⁶

Ao olharmos com mais atenção os setores médios de uma formação capitalista complexa em nossos dias, podemos observar dois grandes grupos distintos, com nada em comum a primeira vista, no processo de produção propriamente dito. Teríamos, primeiramente os pequenos proprietários. Esses poderiam ser proprietários dos meios de produção em escala limitada, como uma pequenina fábrica, ou uma propriedade de revenda de pequeno porte, como uma loja, ou mesmo um proprietário de imóveis, ou um especulador financeiro, que vive da renda proveniente de seus investimentos. Nota-se desde já que este grupo atua em momentos distintos da produção: o primeiro na produção real de bens, o segundo na distribuição dos mesmos e o terceiro na atividade especulativa de capital. Ainda assim, todos são proprietários, extraem mais-valia e/ou sobretrabalho e disso vivem. Por isso, podemos considerá-los uma fração dominada da classe dominante.

Um segundo grande grupo não seria composto por proprietários ou por aqueles que vivem da extração de sobretrabalho, mas por indivíduos que vivem efetivamente do próprio trabalho, com remunerações razoáveis e exercendo atividades que, por vezes, podem lhe trazer algum tipo de *status* na sociedade. Enquadrariam-se aqui os intelectuais, os ditos profissionais liberais, gerentes e supervisores em geral e os ditos técnicos e burocratas. Todos eles que ainda que proprietários de algo (como residências, por exemplo), não vivem da extração de sobretrabalho. Seriam eles a fração dominante da classe dominada.

Como podemos perceber, esses dois extratos sociais principais também não participam nos mesmos estágios da produção, estão submetidos a diferentes tipos de exploração, alguns são proprietários outros não, alguns vivem do lucro gerado pelo trabalho de outrem, outros não. Ainda assim, de um modo ou de outro ambos encontram-se

³⁵ Idem, p.161.

³⁶ Idem, Ibidem, p.161-162.

invariavelmente em uma posição subordinada ou em relação às demais frações de sua classe ou em relação a todas as frações presentes no bloco dominante. E será a esta realidade comum de subordinação que Poulantzas irá atribuir uma outra realidade: a de que, ainda que diferentes sejam suas inserções na economia, muito similares serão suas atuações na arena política e em termos de inclinação ideológica.³⁷

A mudança dessa condição ou permanência nela se dá devido ao medo, para não dizer pavor, de perder sua posição minimamente vantajosa dentro da ordem capitalista. Para entender melhor esse aspecto, novamente nos voltamos para Poulantzas. Poulantzas, ao delinear algumas características ideológicas do setor denominado por ele como pequena-burguesia buscará enfatizar o ‘mito da escada’. Segundo ele, “com o medo da proletarização abaixo e atraídos pela burguesia acima, a pequena burguesia aspira juntar-se à burguesia pela ascensão individual do ‘melhor’ e ‘mais capaz’”.³⁸ Assim, podemos rapidamente perceber o anseio desesperado por grande parte dos dois extratos que denominei fração dominada da classe dominante e fração dominante da classe dominada pela permanência em uma sociedade com constante mobilidade social, que os possibilite ao menos sonhar que um dia possam sair da condição subordinada. Seus olhos voltam-se sempre para cima, em direção aos mais altos degraus da escada e para chegar lá em cima sonham, lutam.

Trata-se, agora, de um novo momento da correlação de forças -o político-, no qual podemos avaliar os graus de consciência e organização políticas alcançados pelas classes. O individualismo presente na concepção apresentada acima, fruto não apenas da ambição particular, mas também do medo da proletarização, impede os incluídos nesse setor de olharem para os lados, ou seja, que se vejam como parte de um todo subordinado, incluindo naturalmente também as demais frações da classe dominada. E isso leva, conseqüentemente, ao não desenvolvimento da consciência de classe para além do nível econômico-corporativo. Os demais graus da consciência -o “da solidariedade de interesses entre todos os membros do grupo social” e o último, no qual são superados final e definitivamente os interesses corporativos, tornando-se, então, a luta pelos “interesses de

³⁷ POULANTZAS, op.cit., p.239-240.

³⁸ Idem, p. 241. “*With the fear of proletarianization below, and the attraction of the bourgeoisie above, the petty bourgeoisie aspires to join the bourgeoisie, by the individual rise of the ‘best’ and ‘most able’.*”

outros grupos subordinados”-³⁹ não se desenvolvem, ficam prematuros ou são propositalmente relegados, tamanho o medo. Os setores médios como um todo, levados por interesses imediatistas, de nível econômico-corporativo contentam-se mediocrementemente com a situação de subordinação a qual vivenciam. Na verdade, muitas vezes lutam para que em sua suposta segura mediocridade permaneçam, para que a ordem capitalista se mantenha.

A essa luta contra a queda Poulantzas associa ainda a conseqüente luta contra as transformações de cunho revolucionário. Naturalmente, para que se tenha para onde olhar, para que se mantenha ao menos a ilusão da mobilidade social torna-se inviável a luta em torno de um projeto social igualitário. O medo da proletarização, real pesadelo dos setores médios, é maior que o desejo de superação de sua condição de subordinação. Tão maior, que faz com que os projetos políticos desses setores se concentrem em uma luta fervorosa contra os efeitos e não contra as causas da proletarização.

É o medo da proletarização, o medo da queda, que leva muitos integrantes dessas frações a aderirem a projetos fascistas. Sem olhar para as reais causas do depauperamento econômico crescente vivenciado, vêm no outro a causa de suas angústias, a causa de suas mazelas. Fazem do outro ‘bode expiatório’ e jogam nele a culpa por seus infortúnios.

O projeto fascista é embrionariamente hierárquico, considerando a desigualdade social, racial, econômica inerente ao homem. Assim, o fascismo tem repulsa absoluta e é profundamente anti-comunista e contrário a qualquer tentativa de se estreitar desigualdades. A desigualdade é um pressuposto filosófico do fascismo no sentido em que a própria natureza é desigual, o homem como parte dela também há de ser. A sociedade passa pela idéia de família, uma grande família nacional. Ora, os membros da família são desiguais logo, a ordem social é naturalmente hierárquica.

Tal característica faz o projeto fascista um tanto atraente aos detentores do capital, que variadas vezes o apoiaram, não exatamente por compartilhar de sua ideologia, mas porque seus pressupostos servem muito bem em momentos contradições profundas entre as frações de classe integrantes do bloco no poder⁴⁰. Esta interpretação, da qual compartilhamos, fora primeiramente proposta por Nicos Poulantzas em 1972 em uma obra

³⁹ GRAMSCI, Antonio. op. cit., p.41.

⁴⁰ Segundo alguns autores marxistas a exemplo de Antônio Gramsci e Nicos Poulantzas, as classes sociais em uma formação social capitalista complexa estão divididas em frações de classe, sendo a dominação política exercida por uma aliança entre certas frações com importância desigual. A esta aliança designamos bloco no poder.

de grande fôlego intitulada 'Fascismo e Ditadura'. Logo de início, o autor grego já salienta que o início de um processo de fascização não seria marcado de forma alguma pelo nascimento de organizações de caráter fascista. Estas poderiam existir como vozes contra-hegemônicas muito antes de um suposto começo do processo ou poderiam simplesmente existir sem sequer iniciar tal processo. Mas, caso este se desenvolvesse e efetivamente se instaurasse enquanto ordem, Poulantzas acredita que isso corresponderia:

a uma situação de aprofundamento e de aguda exacerbação das contradições internas entre as classes e frações de classe dominante. (...)No caso do processo de fascização, a exacerbação das contradições internas no bloco de poder manifesta-se pela sua extensão característica no plano político e no plano ideológico, o que se repercute na crise de representação e na crise ideológica profundas que afetam esse bloco.⁴¹

Assim, o que podemos perceber no caso do fascismo conforme nos indica o autor é uma profunda crise de hegemonia do bloco no poder, um momento crítico em que nenhuma fração da classe dominante consegue impor a sua direção às demais classes e frações do bloco, isto é, quando a aliança não é mais capaz de por si mesma gerir suas próprias contradições e as do sistema como um todo (se tivermos em mente que a ideologia da classe dominante é o verdadeiro cimento de uma formação social).

Voltando finalmente ao nosso caso, o neofascismo norte-americano, acreditamos que não estamos tratando exatamente do desenvolvimento de um processo de fascização. Buscaremos, ao longo desta pesquisa, tratar essas manifestações enquanto vozes contra-hegemônicas crescentes existentes no sistema, alertando desde já para o fato de que esta visão é ainda hoje compartilhada por muito poucos estudiosos da área.

Como resultado das leituras feitas até o momento, pudemos perceber que a imensa maioria dos que se dedicam ao estudo do neofascismo norte-americano são sociólogos e jornalistas, desenvolvendo trabalhos bastante descritivos, como numa tentativa desesperada de mapear algo que fora por tanto tempo por muitos erroneamente negligenciado.⁴² O que encontramos, com exceções naturalmente, é um conjunto incrivelmente interessante de trabalhos que se assemelham a manuais, contendo um mapeamento muito bem feito de uma

⁴¹ POULANTZAS, Nicos. **Fascismo e Ditadura: a terceira Internacional face ao fascismo**. Vol.1.Lisboa: Portucalense, 1972.p.81-82.

⁴² Ver: DOBRATZ, Betty & SHANKS-MEILE, Stephanie. **The White separatist movement in the United States: white power, white pride!** Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press, 2000.; RIDGEWAY, James. **Blood in the face**. New York: Thunder's Mouth Press, 1995. RYAN, Nick. **Into a world of hate: a journey among the extreme right**. New York: Routledge, 2004.

série de organizações neofascistas, um breve histórico das mesmas, rápida biografia de seus líderes e muitos, muitos depoimentos orais. De vez ou outra, arriscam-se esses autores a tirar pequenas conclusões, em defender timidamente suas hipóteses. Fica a impressão de que estão sempre com medo de analisar a fundo a questão do neofascismo, tateando cuidadosamente o terreno novo, não apenas porque pouco estudado, mas porque presente temporalmente.

Não podemos dizer que isso não tenha dificultado nossa jornada na pesquisa, mas acreditamos que tal realidade instigará ainda mais nossa curiosidade e nos impulsionará ainda mais na tentativa de estabelecer, mesmo passível de inúmeras críticas posteriores, uma explicação sistêmica para o fenômeno.

Outros estudos, mesmo contendo algumas das críticas apontadas acima, já se encaminham nessa direção e ainda que não desenvolvam a fundo uma perspectiva sistêmica, ou seja, levando em consideração que essas organizações e o movimento neofascista norte-americano ocorrem no interior de um país capitalista em estágio avançado, já os consideram como parte de uma dada ordem, parte constituinte do sistema político.⁴³ Há de se considerar, portanto, dois pontos primordiais que irão delimitar as particularidades do neofascismo por nós enfocados: primeira e obviamente que este se dá em um determinado lugar, no caso os EUA e posteriormente como funcionam as relações sociais neste lugar aonde os movimentos irão se desenvolver, neste caso relações sociais capitalistas em estágio avançado.

O sociólogo Jerome Himmelstein em importante trabalho sobre as transformações no pensamento conservador norte-americano nos alerta já na introdução de seu livro *'To the Right: the transformation of American conservatism'* para o perigo de se entender não apenas o neofascismo, mas também tantas outras tendências políticas ditas 'radicais', como "perturbações episódicas da vida política Americana, um grito fútil de protesto contra mudanças sociais inexoráveis, uma resposta emocional transitória ao deslocamento social."⁴⁴ Himmelstein argumenta, e com ele concordamos, que análises desse tipo são um tanto problemáticas exatamente por que ao tratar tais movimentos como eventos episódicos,

⁴³ Ver: HIMMELSTEIN, Jerome. **To the Right: the transformation of American conservatism** California: Univ.of California Press,1990.; BERLET & LYONS, op.cit.; DIAMOND, Sara. **Roads to Dominion: right-wing movements and political power in the United States**. New York: Guilford Press, 1995.

⁴⁴ HIMMELSTEIN, op.cit. p.2. "...an episodic disruption of American political life, a futile cry of protest against inexorable social change, a transient emotional response to social dislocation."

retira-se deles a sua substância, seu poder organizativo em torno de um projeto fundamentado e bem definido. A simples gritos fúteis e desesperados de protesto faltam organização, forma e direcionamento claro. Outro problema, para além do menosprezo pelo discurso de oposição, é a idéia implícita de uma norma, um centro, uma certa realidade básica da qual esses movimentos não participariam, a existência de uma regra da qual fugiriam. Este centro ou matriz normativa fora por muitos identificado no pacto social-democrata do Estado de bem-estar social, no consenso fruto da negociação entre as clássicas posições antagônicas. E é com base nesse pensamento que Daniel Bell escreve convencido no início da década de 1960 que “a era das ideologias terminou”.⁴⁵ Com respeito a um viés interpretativo bastante parecido Chip Berlet e Mathew Lyons nos falam ainda sobre o modelo *centrist/extremist*, segundo o qual o sistema político norte-americano seria essencialmente livre e democrático, que este seria essencialmente pragmático, racional e tolerante, sendo esta essência constantemente ameaçada por extremistas da direita e da esquerda.⁴⁶ Em linha bastante similar, temos também aqui novamente a idéia de que as manifestações neofascistas, por exemplo, seriam algo externo, disfunções da norma, comprometendo o bom funcionamento do sistema social pré-determinado. Influenciadas pelo pensamento funcionalista, tais análises dominaram a sociologia norte-americana dos anos da guerra até meados da década de 60. Dentre tantos adeptos, Himmelstein identifica alguns expoentes como Talcott Parsons, Seymour Martin Lipset, David Riesman, Nathan Glazer, Richard Hofstadler e Daniel Bell.

Críticos desse viés interpretativo, muitos pesquisadores dentre os quais destacamos os acima citados Himmelstein, Berlet, Lynos e Sara Diamond já constroem suas argumentações entendendo o conservadorismo liberal, no caso de Himmelstein, e também o neofascismo, nos casos de Berlet, Lyons e Diamond, como parte integrante e constituinte do sistema político norte-americano. Na procura pelo entendimento das origens da *New Right*, Himmelsstein busca estabelecer as continuidades históricas de todo um movimento de oposição ao *New Deal* e as reformas advindas da emergência de um Estado de bem-estar social. Muito mais que um histórico dos conflitos políticos nos EUA, o autor procura entender o surgimento e desenvolvimento da *New Right* como fruto de uma realidade social

⁴⁵ BELL, Daniel. **The end of ideology: on the exhaustion of political ideas in the fifties**. New York: Free Press, 1965.p.402-403. “*The ideological age has ended.*”

⁴⁶ BERLET, Chip & LYONS, Matthews. op.cit.p.14.

marcada por uma série de transformações não apenas políticas, mas também sociais, econômicas e culturais.⁴⁷

Com uma proposta mais ambiciosa, Sara Diamond se dedica ao estudo comparativo de toda a sorte de movimentos conservadores ou em suas palavras movimentos da direita (*right-wing movements*) desde a década de 1940 até o tempo presente. De acordo com sua análise, Diamond destaca basicamente três grandes e distintas categorias de movimento: o movimento conservador, profundamente anticomunista e desde década de 70, já conhecido como *New Right*, marcado também por forte ênfase no tradicionalismo moral; a direita racista (*Racist Right*), composta por organizações como a clássica Ku Klux Klan, as milícias paramilitares, entre outros adeptos do separatismo branco; a direita cristã (*Christian Right*) organização política de setores religiosos cristãos em torno da defesa do patriarcalismo. Seu estudo comparativo torna-se particularmente interessante por estabelecer não apenas as relações entre os movimentos das diferentes categorias entre si, mas por analisar a interação destes com agências governamentais ao longo do tempo. Apesar da larga delimitação temática e temporal, o trabalho desenvolvido por Diamond é deveras relevante por enfatizar a historicidade dos movimentos de direita e principalmente por desvendar interessantíssimas relações entre as diversas organizações entre si e entre estas e o poder público. Em suas palavras:

Somente entendendo de onde os ativistas dos movimentos vieram podemos ver para onde vão. E somente entendendo como os ativistas desenvolveram suas visões de mundo e planos de ação, de modo variado, em conflito e colaboração com outras forças sociais podemos entender completamente por quê os movimentos fazem as escolhas estratégicas que fazem.⁴⁸

Berlet e Lyons, com os olhos mais voltados para a problemática do neofascismo, também criticam as interpretações de fundo funcionalista, alegando que estas obscurecem o fato de que a intolerância, assim como a criação de ‘bodes expiatórios’ (*scapegoating*) estão profundamente enraizados na sociedade e nos sistemas políticos.⁴⁹ Seguindo esta premissa, os autores se debruçam, então, em uma atividade de mapeamento das tendências

⁴⁷ HIMMELSTEIN, Jerome. op. cit.

⁴⁸ DIAMOND, Sara. op.cit..p. 4-5. “Only by understanding where movement activists have come from can we see where they are headed. And only by understanding how activists have developed their world views and plans of action, variably, in conflict and collaboration with other social forces, can we fully appreciate why movements make the strategic choices they do.”

⁴⁹ BERLET, Chip & LYONS, Matthews. op. cit, .p.14.

conservadoras, ou como colocado por eles, um mapeamento da direita nos EUA, com vistas a compreender o lugar do neofascismo no sistema político atual assim como suas relações com outros estratos da ‘direita’.

Ao longo de sua tarefa na busca de definir e nomear tantas tendências, observamos que os autores, assim como Diamond, não fazem uso dos termos fascismo e neofascismo. E se esta os classifica como direita racista, Berlet e Lyons propõem o conceito de populismo de direita (*right-wing populism*). Na introdução de seu livro, os autores definem o movimento populista de direita como um dos tipos de movimento populista repressivo. Esse último combinaria um contraditório sentimento anti-elitista com esforços visando manter ou intensificar sistemas sociais baseados na desigualdade. Movimentos populistas repressivos seriam, segundo os autores, em grande parte impulsionados pelo descontentamento coletivo com relação a sua própria opressão, mas que ao invés deste ser canalizado na direção de mudanças sociais que revertam esse quadro, se concentra na revolta contra grupos sociais ainda mais oprimidos e não necessariamente ligados à sua condição de infortúnio, os ‘bodes-espiatórios’(*scapegoat*). Os movimentos populistas de direita conteriam todos esses elementos aliados a uma reação aos movimentos libertários, reformas sociais ou revolução. Ainda assim, o que entendemos a partir do debate acima como fascismo em sua especificidade, é considerado por Berlet e Lyons como o estrato mais violento do populismo de direita.⁵⁰

Ao final desta breve explanação do conceito, pode o leitor atento perceber que nele se encontram muitas das características enfatizadas acima como pertencentes ao fascismo, o que nos faz mesmo indagar sobre a necessidade da criação de um novo conceito. Em momento algum no texto os autores deixam claro a razão pela qual rejeitam o termo. Outro problema igualmente grave é que, sendo o fascismo considerado um último estrato do populismo de direita, os autores retiram deste sua especificidade enquanto formação ideológica, passando a ser uma gradação, uma forma mais violenta de uma mesma formação político-ideológica, o populismo de direita. Como já visto anteriormente, fascismo não se coloca apenas contra movimentos reformistas e revolucionários, mas

⁵⁰ Idem, p.5. Berlet e Lyons ainda ressaltam que o termo ‘direita’ requer atenção especial, não devendo ser confundido como um sinônimo para ‘conservador’ ou ‘reacionário’, uma vez que muitos movimentos considerados populistas de direita advogam algum tipo de mudança social à sua maneira, é claro

também contra as tendências liberais, reacionárias ou qualquer outra que tolere de alguma forma discursos divergentes.

Também percebemos que o populismo de direita, apesar de amplamente usado no decorrer do texto, simplesmente não aparece em nenhuma das subdivisões propostas ao longo do desenvolvimento do tal ‘mapa da direita’! O mapa, por sua vez, é criado sem nenhum tipo de interlocução com especialistas da temática, nem mesmo como forma de respaldo a sua proposta. Assim, saltam aos nossos olhos uma infinidade de categorias: a direita reacionária, procurando voltar o relógio em direção a um passado idealizado; o conservadorismo, enfatizando estabilidade e ordem além de tradicionalismo moral e livre mercado; o ultraconservadorismo, como uma gradação do exposto anteriormente; a direita cristã (*Christian Right*), podendo estar presente em quaisquer dos setores caracteriza-se por interpretações religiosas acerca de questões culturais, sociais e econômicas; e finalmente a *Hard Right*, de abordagem política mais inflexível, rejeitando abertamente o discurso pluralista e encontrando adeptos entre os ultraconservadores e a extrema-direita (*Far Right*).⁵¹

Ao analisarmos sua proposta mais de perto, nos deparamos com um quadro tão imenso de possibilidades, que mais do que ajudar, atrapalha. Contudo, existem ainda elementos mais problemáticos do que a mera quantidade. Observando as subdivisões propostas, notamos que estas são geradas com base em divergências puramente políticas, como se um dado posicionamento político, não fosse reflexo de toda uma visão de mundo, ou seja, de um certo direcionamento ideológico. Muitos dos originalmente incluídos em categorias como a direita cristã e os ultraconservadores podem pertencer também a outras como a *Hard Right*. Não fica claro igualmente o lugar dos adeptos do neoliberalismo. Não seriam eles parte da ‘direita’? É de extrema relevância a iniciativa dos autores em diferenciar os diversos setores políticos da ‘direita’ e louvável seu esforço na construção e definição das categorias. Entretanto, o resultado parece a nós um tanto confuso e mal fundamentado, fazendo-nos optar pelo uso de categorias mais clássicas como (neo)fascismo, (neo)liberalismo, social-democracia etc.

Não obstante às críticas com relação aos três trabalhos acima mencionados, reconhecemos sua importância em diversos sentidos. Primeiramente, por desenvolverem

⁵¹ Idem, ibidem, p.16.

um trabalho detalhado e primoroso com respeito ao desvendar de uma diversidade de organizações, seus líderes e materiais produzidos. Finalmente, por enfatizarem o aspecto histórico dos movimentos e das organizações neoliberais e fascistas, buscando as origens de suas reivindicações nas transformações sociais da sociedade norte-americana e ressaltando os conflitos entre si e entre outras tendências políticas. Por esta razão, ainda que não tenham desenvolvido uma perspectiva classista ou análises profundas sobre os efeitos das mudanças do sistema capitalista norte-americano com relação aos movimentos que se propõem a analisar, reconhecemos que Berlet e Lyons, Diamond e Himmelstein engendram interpretações mais interessantes que as lutas desconexas pós-modernas propostas por Manuel Castells.

Ao contrário do que advoga a agenda pós-modernista, acreditamos que interpretações do cenário sócio-político enquanto lócus de lutas fragmentadas guiadas por interesses sempre muito particulares não são suficientes para o entendimento de fenômenos ocorridos dentro do sistema capitalista. Não nos parece igualmente satisfatória a alegação popularizada por Foucault de que não mais existiria um centro na história e de que o poder se encontraria então disperso, pulverizado em resistências desconectadas do sistema como um todo. Segundo Semprini:

O conflito pela posse de riquezas ou de meios de produção –as duas alavancas tradicionais do poder no espaço social –é progressivamente substituído por uma guerra pelo controle dos símbolos (...) Conquistar o poder discursivo tornou-se o principal desafio nas sociedades onde o individualismo e o subjetivismo ocupam um espaço crescente e onde tanto o espaço social como a identidade dos grupos que o compõe são definidos em termos socioculturais.⁵²

Seguindo perspectiva bastante similar, encontramos as recentemente tão em voga análises da sociedade em rede. De acordo com as mesmas, os processos sociais seriam configurados por um movimento constante de inclusão e exclusão de redes. Tal movimento, segundo autores como Manuel Castells, seria possibilitado pelo desenvolvimento da tecnologia informacional, destacando o papel dos aparatos midiáticos enquanto lugar onde seriam travadas as lutas pelo poder entre as identidades comunais⁵³. Ao longo da recente trilogia ‘A Era da Informação: economia, sociedade e cultura’ Castells defende a tese de

⁵² SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. São Paulo:Edusc,1999.p. 125.

⁵³ CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade: A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. Vol. 2.São Paulo: Paz e Terra, 1999.

crise do Estado Nação enquanto entidade soberana, atribuindo basicamente três causas para tal: o processo de *desindustrialização* (deslocamento geográfico da produção); a individualização do trabalho (enfraquecimento dos mecanismos de defesa coletivos, negociação individualizada, integração do trabalho a rede); a crise da família patriarcal (decorrente dos movimentos de liberação sexual, ingresso da mulher no mercado de trabalho, legalização do aborto etc.). Com seus alicerces sendo paulatinamente corroídos, o Estado-Nação, na visão de Castells tem, naturalmente, sua autoridade e legitimidade questionadas. Chega, assim, à conclusão abaixo:

Como a democracia representativa concretiza-se na noção de um órgão soberano, a indefinição de fronteiras de soberania leva a incertezas no processo de delegação da vontade popular. A globalização do capital, a ‘multilaterização’ das instituições de poder e a descentralização da autoridade para os governos regionais e locais ocasionam uma nova geometria do poder, talvez levando a uma nova forma de Estado, o Estado em rede.⁵⁴

Débil o Estado e pulverizado o poder, só resta aos grupos sociais se associarem às redes existentes, essas “estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação”⁵⁵ ou dedicarem-se à resistência comunal (que não deixa de ser a criação de uma nova rede). Das redes, e não mais da sociedade civil em pleno processo de desintegração -dado o próprio processo de desintegração do Estado-Nação em geral- é que se formariam e se desenvolveriam, então, sujeitos históricos, conscientes, enfim o ator social coletivo, empreendedor de projetos transformadores.⁵⁶

Em curta, mas valiosa análise (visto que meus interlocutores são escassos) da direita cristã e do neofascismo o autor os reconhece enquanto duas dentre as tantas expressões de resistência comunal analisadas ao longo da trilogia. Qualifica a primeira como um movimento reativo à crise do patriarcalismo, questionando os benefícios trazidos pela modernidade e pela dita secularização, voltando-se assim à construção de uma identidade social baseada em imagens de um passado romantizado, ansiando pela segurança

⁵⁴ CASTELLS, Manuel. **Fim de Milênio: A Era da Informação: economia, sociedade e cultura** Vol.3. São Paulo: Paz e Terra, 1999.p. 423.

⁵⁵ CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. Vol.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.p.499.

⁵⁶ CASTELLS, Manuel. op.cit. (b) p.28.

proporcionada pelos valores tradicionais e instituições fundadas na verdade eterna de Deus.⁵⁷ No que toca a direita cristã o autor se limita a apontamentos breves sobre o que caracterizaria o fundamentalismo e a construção da identidade por meio do princípio de conversão tipicamente norte-americano conhecido como *born again*⁵⁸.

Por meio desse ‘renascer’ pessoal, toda a personalidade passa por um processo de reconstrução, tornando-se o ponto de partida para a construção de uma noção não só de autonomia e identidade, mas de ordem social e objetivo político.⁵⁹

A resistência comunal imposta pelos ‘renascidos’ passaria, então, por uma idéia de oposição pelo isolamento, numa tentativa de reafirmação do patriarcalismo diante de mundo caótico, hostil e em pleno desmoronamento moral.

Já com relação aos neofascistas, o autor se propõe a investigar unicamente o caso das milícias paramilitares caracteristicamente racistas e violentas. Aqui a análise torna-se ainda mais descritiva. O autor destaca a forma organizativa em núcleos independentes, inexistindo matriz nacional. Qualifica, a nosso ver equivocadamente, as milícias enquanto representantes da ala mais ativa e organizada do auto-proclamado movimento patriótico, enfatizando a tendência a uma visão de mundo conspiratória e paranóica, que considera o governo federal joguete dos interesses do capital financeiro global, dedicado a implantar uma Nova Ordem Mundial. Tenta ainda traçar um perfil dos integrantes em potencial e ressaltar a importância do uso de mídia variada para a manutenção de vínculos entre grupos e indivíduos. Interessante, informativo, mas pouco crítico, deixando de aproveitar contexto tão rico a pesquisa.

O modelo teórico proposto e a análise desenvolvida por Castells acerca dos fundamentalistas e das milícias, apesar de apresentar dados interessantes colhidos de fontes como o *Instituto Gallup* e os jornais *The Nation* e *NY Times*, não dedica espaço a um estudo das causas, faltando igualmente em apresentar a relação das supostas resistências com os demais grupos sociais e o poder público. A palavra ‘Estado’ (nem ousar dizer capitalista) mesmo o ‘em rede’ proposto pelo autor sequer é mencionada durante a análise das resistências comunais. Ficamos sem saber o papel e os efeitos dessas resistências em

⁵⁷ Idem, p.37.

⁵⁸ Ato de fé e perdão pelo qual um ser é absolvido de seus pecados para ganhar a vida eterna. *Born Again* não é um princípio exclusivo do fundamentalismo protestante, muitos católicos também se identificam como *Born Again*.

⁵⁹ CASTELLS, Manuel. op.cit. (b) p.39.

especial dentro do próprio sistema de rede. A historicidade da própria ‘resistência’ é negligenciada sem que percebamos as rupturas e permanências com relação às prévias formas de mobilização política dos fundamentalistas e xenófobos.

Uma vez entendido o cenário político enquanto conjunto de lutas particulares e separadas perde-se de vista a noção de processo histórico e a relação das mesmas lutas com sistema social do qual fazem parte. Parece-me mesmo, a mérito de caracterização, que esse está para os pós-modernos pulverizado e para os adeptos da sociedade em rede, fluido, uma vez que a rede pode se estender e contrair infinitamente em nós e mais nós, que por uma identidade ou outra venham a achar ou perder pontos de contato. É ainda um tanto pobre a idéia compartilhada de que o poder residiria nas redes de troca de informação e manipulação de símbolos. Tal concepção qualifica os códigos produzidos pelas diversas resistências enquanto únicos impulsionadores da dinâmica social, além de limitar o campo de luta aos âmbitos da mídia.

Sem querer de modo algum desqualificar o papel desempenhado pelo campo midiático ou a importância incontestável dos símbolos, precisamos ter em mente que a luta política extrapola tanto, espacialmente, o campo midiático quanto, essencialmente, o da mera divergência ao atentarmos para as relações de dominação e subordinação. Também problemático é o pessimismo político implícito na idéia de que um relativismo tão absoluto obstrui invariavelmente a aspiração por uma resistência de caráter unificado voltada para contestação estrutural do capitalismo.

Um enfoque materialista tampouco significa subtrair a importância dos aspectos culturais na experiência humana. Ao contrário, é sobretudo na fase atual do capitalismo que autores como Fredric Jameson entendem o papel especialmente relevante desempenhado pela cultura. Segundo o autor, o capitalismo tardio é essencialmente dependente de uma lógica cultural baseada em toda sorte de imagens voltada para o consumo. Os produtos culturais produzem hoje muito mais que significados e tendências, mas especialmente lucros, grandes lucros⁶⁰.

Ellen Wood também se insere no debate, marcando a relevância dos aspectos culturais na interpretação das sociedades contemporâneas. “Como podemos negar a importância da língua e da política cultural em um mundo tão dominado por símbolos,

⁶⁰ JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização**. Petrópolis: Vozes, 2001.

imagens e comunicação de massa, para não falar na superestrada da informação?”⁶¹ Segundo a mesma, não precisamos aceitar os pressupostos pós-modernistas para compreender o papel de tais aspectos. Estes clamam, sim, por uma explicação materialista.

É assim, dentro desse parâmetro -o Estado capitalista, mais especificamente o Estado ampliado proposto por Gramsci- e nunca fora dele que buscaremos compreender o processo de expansão de ideologias conservadoras como a neoliberal e fascista bem como a multiplicação de aparelhos privados e projetos políticos alinhados com as mesmas no seio da sociedade norte-americana contemporânea. Desse modo, o neofascismo em países centrais será tratado por nós enquanto produto da sociedade de massas, mas não apenas. Este movimento e suas organizações se desenvolvem dentro de um dado estágio do capitalismo monopolista-financeiro, em Estados de conformação político-econômica neoliberal e proliferam de modo espetacular, engrossando suas fileiras de adeptos com os desesperançados setores subordinados em decorrência da crise do Estado de Bem-Estar Social a partir dos fins da década de 1970.

⁶¹ WOOD, Ellen. O que é a agenda pós-moderna? In: WOOD, E. e FOSTER, J.B.(org). **Em defesa da história**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.p.17.

Capítulo II

Os opositores do *New Deal*

Uma família isolada muda-se de suas terras. O pai pedira dinheiro emprestado ao banco e agora o banco queria as terras. A companhia das terras -que é o banco, quando se ocupa dessas transações - quer tratores, em vez e pequenas famílias nas terras. (...) E uma família pernoita numa vala e outra família chega e estacas são fincadas na terra e tendas surgem. Os dois homens acocoram-se no chão e as mulheres e as crianças escutam em silêncio. Aí está o nó, ó tu que odeias e temes revoluções! Mantém esses dois homens apartados: faz com que eles se odeiem, receiem-se, desconfiem um do outro. Porque aí começa aquilo que tu temes. Aí é que está o germe. Porque aí transforma-se o 'Eu perdi minhas terras', uma célula se rompeu e dessa célula rompida brota aquilo que tu tanto odeias, o *Nós* perdemos nossas terras'. Aí, é que está o perigo, pois que dois homens nunca se sentem tão sozinhos e abatidos como um só. E desse primeiro 'nós' nasce algo muito mais perigoso: 'Eu tenho um pouco de comida' e 'Eu não tenho nenhuma'. Quando a solução deste problema é 'Nós temos um pouco de comida', aí a coisa toma um rumo, aí o movimento já tem um objetivo.⁶²

O trecho acima, retirado do emocionante 'As vinhas da ira' de John Steinbeck, nos mostra um pouco dos reflexos da Grande Depressão para o homem do campo nos Estados Unidos. Durante o correr da obra, acompanhamos toda a jornada da família Joad, que, por não ter como pagar suas dívidas, perde sua terra e parte para Califórnia em busca de emprego e novas oportunidades.

A mais severa e delongada crise econômica norte-americana é campo de intenso debate, principalmente em torno de suas causas. As maiores polêmicas e divergências mais profundas podem ser basicamente percebidas no tocante à qualidade micro ou macro-econômica da crise. Irving Fisher e Lionel Robbins interpretam a Depressão como resultado direto da instável estrutura de crédito da década de 1920. O excesso de crédito e especulação aliados à fraca e mal estruturada rede bancária teriam causado o colapso do mercado financeiro iniciado com quebra da bolsa em 1929. Enfatizando causas de cunho imediatista como a quebra abrupta do mercado de ações, os autores buscam explicar a intensidade e profundidade da crise como decorrente da conseqüente falência do sistema bancário, que por sua vez inibiriam os investimentos, o que reduziria os lucros e finalmente levariam a cortes na produção e na força de trabalho.⁶³

⁶² STEINBECK, John. **As vinhas da Ira** São Paulo: Abril Cultural, 1972. p.202-204

⁶³ FISHER, Irving. **Booms and Depressions: Some First Principles**. New York: Adelphi, 1932.

Em crítica a tal perspectiva, Bernstein argumenta que a quebra da bolsa em 1929 fora menos importante que outros desenvolvimentos econômicos de característica mais estrutural, geradores, esses sim, de impactos desastrosos durante o período do entreguerras. Bernstein ressalta ainda que “aqueles que à época argumentavam que a Depressão era sintomática de uma profunda fraqueza nos mecanismos do capitalismo foram parcamente ouvidos”, parecendo suas interpretações exageradas e histéricas.⁶⁴

Muito mais do que uma mera crise financeira de grandes proporções ou mais uma crise econômica inerente ao sistema capitalista, a crise de 1929 e o decorrente período denominado Grande Depressão constituem um marco na história norte-americana, pois, segundo Hobsbawm, foram capazes de destruir por meio século o liberalismo econômico. Como enfatiza o mesmo autor:

a Grande Depressão obrigou os governos ocidentais a dar às considerações sociais prioridade sobre as econômicas em suas políticas de Estado. Os perigos implícitos em não fazer isso –radicalização da esquerda e, como a Alemanha e outros países agora o provavam, da direita-eram demasiado ameaçadores.⁶⁵

Assim, a Grande Depressão será aqui tratada enquanto evento de suma importância exatamente por desencadear um processo político riquíssimo caracterizado por: primeiramente revelar de forma drástica, internacional e explosiva a crise do liberalismo clássico num país que se imaginava detentor do padrão de vida invejado pelo mundo; posteriormente por dar início ao processo de construção de um Estado de bem-estar social nos Estados Unidos nos moldes do *New Deal*; e finalmente por constituir-se no marco inicial da reação conservadora às políticas keynesianas. Tal reação apresentar-se-á, à época, ainda pouco organizada politicamente, sem grandes associações, organizações e projeto político ideológico bem definido. Os opositores conservadores do *New Deal* (e aqui incluímos também os Republicanos) como veremos mais adiante, divergiam política e ideologicamente em inúmeros aspectos, o que dificultava de imediato a constituição de uma reação organizada capaz de deter o avanço das políticas keynesianas. Ainda assim, não podemos ignorar a existência do discurso contra-hegemônico e seu papel na dinâmica dos

⁶⁴ BERNSTEIN, Michael. The Great Depression as historical problem. In: **OA H Magazine of history**. Vol.16. Nº1.Fall, 2001.p.1. “Those who at the time argued that the depression was symptomatic of a profound weakness in the mechanisms of capitalism were only briefly heard.”

⁶⁵ HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.p.99.

processos políticos. As décadas de 1930 e 1940 serão claramente tempos desfavoráveis tanto para liberais quanto para fascistas em termos de popularidade nacional. Contudo, serão essas mesmas décadas essenciais para a rearticulação política desses elementos, forjando alianças e reformulando seus projetos nos termos do que será mais tarde conhecido como neoliberalismo e movimento patriótico.

A crise de 1929 vem encerrar a '*Belle Époque*' norte-americana, expondo suas mais profundas fissuras e incoerências. O crescimento econômico astronômico vivenciado pelos EUA desde o alvorecer do século XX propiciou, para alguns naturalmente, uma enorme euforia social, marcando os anos 20 como anos de prosperidade inigualável no imaginário social. O produto interno bruto havia crescido 62% entre 1914 e 1929, somente 3,2% da força de trabalho encontrava-se desempregada em 1929.⁶⁶ E o sonho parecia não ter fim. Os salários subiam, os níveis de inflação eram baixos, os investimentos internos e externos eram vultosos, as exportações, principalmente para Europa em processo de reconstrução, cresciam. A década de 20 destacou-se pelo consumo de massa criando ícones como o automóvel e outros bens de consumo duráveis como o rádio e demais eletrodomésticos.⁶⁷

Entretanto, assim como durante a '*Belle Époque*' européia, esta versão *yankee* também não era bela para todos e ao contrário do vigor extraordinário apresentado no setor industrial urbano, o sol não brilhava assim tão forte nas áreas agrícolas. Anthony Badger destaca três grupos distintos que mesmo antes da Depressão já sofriam com a pobreza: camponeses que viviam de subsistência, concentrados principalmente na região dos Apalaches e Grandes Lagos; imigrantes ilegais, particularmente encontrados nas fazendas californianas; e o maior deles composto por aproximadamente oito milhões e meio de camponeses sulistas vivendo como arrendatários em fazendas de algodão.⁶⁸ Os produtores (grandes e pequenos), por seu lado, também enfrentavam dificuldades. Badger relata que o *cornbelt* do meio-oeste assistira a mais violenta demonstração de fúria por parte dos produtores em reação a queda dos preços dos produtos agrícolas.⁶⁹

⁶⁶ SHERMAN, Howard. **História do Pensamento Econômico**. Petrópolis: Vozes, 1993, p.164.

⁶⁷ ARRUDA, José Jobson de Andrade. A crise do capitalismo liberal. In: AARÃO, Daniel et alli (org). **O século XX**. vol.II. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 2000, p.13-17.

⁶⁸ BADGER, Anthony. **The New Deal: the depression years 1933-1940**. Houdmills: Macmillan, 1989, p.27-28.

⁶⁹ Idem, p.15.

Produtores rurais não participaram da prosperidade dos anos 1920: a renda per capita rural era um terço da média nacional. Encorajados a expandir a produção durante a primeira guerra, produtores continuaram a aumentá-la nos anos 1920. (...) Produtores rurais entusiasmadamente faziam empréstimos para a compra de novo maquinário e novas terras: em 1929 a dívida agrícola atingira um total de 9.8 bilhões de dólares.⁷⁰

Os excedentes rurais tornavam-se crônicos, fazendo baixar os preços dos produtos agrícolas e com eles o nível de vida das camadas rurais. Era o início do endividamento de milhares de famílias como a de Tom Joad. O endividamento, longe de atingir apenas grandes produtores, afetara muito e mais duramente o pequeno produtor. Isso porque o endividamento do grande produtor era fruto do início do processo de mecanização no campo e este traria uma mudança significativa nas relações de trabalho no campo. Para o pequeno produtor isso significava desemprego ou endividamento, como forma de tentar se manter a todo custo no mercado, seguido, geralmente, da perda de suas terras, para outros produtores ou para os bancos.

A tão clamada prosperidade industrial também não veio sem um preço, um preço alto. Trabalhadores da indústria do aço cumpriam jornadas de doze horas por dia, em algumas fábricas sete dias por semana. Arruda finalmente nos fornece dados impressionantes sobre o abismo social e racismo deflagrados, gerando desde já questionamentos sobre quem exatamente se beneficiava e usufruía do dito *american way of life*. Segundo o mesmo, “as desigualdades cresceram na década de 1920, pois cerca de 60% das famílias americanas viviam com rendas anuais abaixo de 2 mil dólares, portanto, num patamar baixo de subsistência”.⁷¹

Tal quadro, ainda que bastante superficial, já nos dá elementos para entender o caráter desta crise marcada pelo aparente contraditório binômio formado por superprodução e subconsumo. Como era de se esperar, a Europa passo a passo começa a se reerguer, retomando a produção de muitos bens outrora importados dos EUA. Consideravelmente reduzidos as exportações e os investimentos, vemos esses produtos e capitais redirecionados para o mercado interno. Mas este, dada a concentração desigual da renda e a impossibilidade de investimentos lucrativos infinitos, não fora capaz de absorver tamanho

⁷⁰ Idem, ibidem, p.14-15. “Farmers had not participated in the prosperity of the 1920’s: per capita farm income was one third of the national average. Encouraged to expand production during World War I, farmers had continued to increase their outputs in 1920’s....Farmers borrowed enthusiastically to purchase the new machinery and the new land: by 1929 total farm debts stood at \$9.8 billion.”

⁷¹ ARRUDA, José Jobson. op. cit, p.25.

montante. Assim, dado que “os gastos totais em bens e serviços caem abaixo do valor do conjunto de bens e serviços produzidos”, observa-se à época um crescimento dos estoques de produtos agrícolas e industriais encalhados e uma redução significativa da produção por falta de consumo.⁷² Visando a manutenção de uma margem de lucro estável, empresários arrocham os salários e reduzem drasticamente o quadro de pessoal. Estava formado o ciclo da crise. Desemprego generalizado e redução salarial comprometeram mais ainda o consumo, os lucros despencaram invariavelmente. Os investimentos, por sua vez, se retraíram posto que as empresas já estavam funcionando em capacidade ociosa.

A administração do republicano Hoover (1929-1933) essencialmente liberal não cogitava maiores intervenções no mundo da produção, limitando-se a elevar os direitos alfandegários, reduzir as taxas de desconto bancário e a estimular o consumo e o armazenamento por meio de créditos, ou seja, aquisição de empréstimos. Mas estes só fizeram agravar o problema. “Entre 1929 e 1932, registraram-se 85.000 falências de empresas; mais de 5.000 bancos suspenderam suas operações; o valor das ações na Bolsa de Nova Iorque caiu de 87 bilhões de dólares para 19 bilhões de dólares; 12 milhões de pessoas ficaram desempregadas...”.⁷³

O resultado no campo é intensamente retratado por Steinbeck ao longo de todo *‘As vinhas da Ira’* e rapidamente mostrado em nossa epígrafe. Famílias inteiras de pequenos e médios produtores endividadas, com suas propriedades hipotecadas de modo a cobrir os gastos de armazenamento da produção.

O ano de 1932 foi um dos mais sombrios da história da república americana. (...) Agricultores bloqueavam rodovias e faziam parar os caminhões de leite em protesto contra a queda dos preços de seus produtos ou resistiam à autoridade do xerife que vinha para expulsá-los de suas casas.⁷⁴

Somava-se a isso o processo de mecanização do campo. Tão temido e odiado no romance de Steinbeck, é o trator (e por trás dele o banco, seu fiel financiador), símbolo da entrada do capitalismo monopolista no campo. O trator, monstro arrebatador ou símbolo da modernidade e do progresso? Ambos, as consequências de sua entrada no cenário social é que variam. Para a família Joad o trator “faz duas coisas diferentes: traça sulcos nas terras e expulsa-nos delas. Não há quase diferença entre esse trator e um tanque de guerra. Ambos

⁷² SHERMAN, Howard. op. cit, p.169.

⁷³ Idem, p.165.

⁷⁴ PERKINS, Dexter. **A época de Roosevelt:1932-1945**.Rio de Janeiro: Ed. Cruzeiro,1967.p.17.

expulsam os homens que lhes barram o caminho, intimidando-os, ferindo-os”.⁷⁵ Muitos agricultores foram à falência, engrossando as fileiras já compostas por centenas de camponeses desempregados no fluxo migratório campo-cidade. Entre eles vemos novamente os Joad, uma família entre “meio milhão de homens [que] caminha pelas estradas; um milhão mais prepara-se para a caminhada; dez milhões mais sentem as primeiras inquietudes.”⁷⁶ Em seu caminho rumo à Califórnia, acabam por se reconhecer em outros tantos, vítimas de infortúnios bastante similares. Solidarizam-se então com eles, reconhecendo aliados para expressão pública de suas inquietudes e reivindicações. Finalmente, organizam-se politicamente num ‘nós’ ativo e perturbador.

A adesão de muitos ao movimento popular organizado será um outro aspecto de extrema relevância na década de 1930. Falava-se de revolução não apenas entre os setores populares, mas também entre a intelectualidade, alguns apoiando abertamente um candidato comunista a presidência.⁷⁷ A causa socialista ganhou inúmeros adeptos, o partido comunista viu seus filiados e simpatizantes aumentar e o movimento sindical cresceu e se popularizou entre os trabalhadores. O contraste entre a situação desesperadora da América do norte e o desenvolvimento a todo o vapor da URSS fez com que muitos aderissem à luta popular organizada.⁷⁸

Enquanto o resto do mundo, ou pelo menos o capitalismo liberal ocidental, estagnava, a URSS entrava numa industrialização ultra-rápida e maciça sob seus novos planos Quinquenais. De 1929 a 1940, a produção industrial soviética triplicou, no mínimo dos mínimos.⁷⁹

Observa-se, logo, que tal adesão estava então diretamente associada e profundamente influenciada pela experiência de falta de oportunidade, miséria e desencanto coletivamente vivida por aqueles atores, fosse nas fábricas, nos campos ou nas ruas. Os conflitos tendiam a se acirrar e o clima tornava-se tenso na medida em que esses milhares de indivíduos reconheciam-se num ‘nós’, mais ainda quando esse ‘nós’ aderiu a uma causa popular e decidia se organizar. Como veremos logo adiante, a temática da relação capital-trabalho será uma constante na administração Roosevelt, uma vez que o governo dedicará

⁷⁵ STEINBECK, John. op. cit, p.202.

⁷⁶ Idem, p.204.

⁷⁷ PERKINS, Dexter. op.cit.p.18.

⁷⁸ SHERMAN, Sherman. op. cit, p.166.

⁷⁹ HOBBSAWM, Eric. op. cit, p.100.

especial atenção ao sindicato, garantindo a este o direito de livre organização e barganha coletiva com os patrões.⁸⁰

Profundamente desgastado com efeitos da crise, o Partido Republicano perde as eleições de 1933 para o democrata Franklin Delano Roosevelt. Este, consciente do desafio que tem pela frente declara publicamente:

Estamos diante de mais produtos agrícolas do que podemos consumir e com excedentes que outras nações não tem condições de comprar, a não ser por preços baixos demais. Vemos nossas fábricas com capacidade de produzir mais bens do que podemos consumir, ao mesmo tempo em que nossa capacidade de exportação está descendente. (...) o povo deste país foi erroneamente encorajado a acreditar que poderia manter em crescimento constante a produção de suas fazendas e fábricas e que algum mágico encontraria meios de que este crescimento fosse consumido com razoável lucro para o produtor.⁸¹

Roosevelt mostrava-se bastante cético quanto ao futuro do capitalismo em sua forma liberal, por vezes até mesmo irônico ao remeter-se àqueles que criam que o pleno funcionamento da economia liberal estava ligado à existência de um mágico, a mão mágica do mercado auto-regulável. O importante é que o novo presidente enxergava os limites do liberalismo, tinha consciência de que estava lidando com o desgaste de um projeto político não mais aplicável.

Foi precisamente a ausência de qualquer solução dentro do esquema da velha economia liberal que tornou tão dramática a situação dos tomadores de decisões econômicas. Para enfrentar a crise imediata, a curto prazo, eles tinham, em sua visão, de solapar a base a longo prazo de uma economia mundial florescente.⁸²

Sociedades capitalistas em estágio avançado apresentam-se, segundo Gramsci, entrecortadas por uma série de projetos políticos conflitantes. Esses se encontram vinculados por uma relação de hegemonia. É preciso ter em mente que um dado projeto político, ainda que claramente hegemônico, é sempre permeado por resistências, projetos antagônicos. Segundo Antônio Gramsci, a hegemonia é caracterizada por um processo ininterrupto em prol da construção de um certo equilíbrio inter e intra-classe, base sobre a qual percebemos a margem de consenso. É imprescindível que sejam levados em conta os interesses das frações e classes dominadas sobre as quais se exerce hegemonia. Entretanto,

⁸⁰ LIMONCIC, Flávio. Do pacto nacional à globalização: Estado e sindicato na regulação do capitalismo norte-americano. In: **Revista de história regional**. Vol.4, nº1 (verão 1999).p.129-146.

⁸¹ HUNT, John Gabriel (org). **The essential Franklin Delano Roosevelt. FDR's greatest speeches, fireside chats, messages and proclamations**. New York: Gramercy Books, 1955.p.52-53.

⁸² HOBBSAWM, Eric. op. cit, p.98.

tais compromissos e sacrifícios de ordem econômico-corporativa não comprometem de modo algum nem a posição hegemônica, ainda que temporária, nem o fato implícito nela de que o grupo dirigente exerce papel decisivo no núcleo da atividade econômica. Williams nos ajuda a esclarecer esta complexa dinâmica ao afirmar que a hegemonia:

também sofre uma resistência continuada, limitada, alterada, desafiada por pressões que não são as suas próprias pressões. Temos então de acrescentar ao conceito de hegemonia o conceito de contra hegemonia e hegemonia alternativa que são elementos reais e persistentes na prática.⁸³

Como podemos observar, o projeto dirigente mesmo ocupando posição hegemônica é constantemente contraposto por outros, advindos tanto da classe dominada quanto de frações presentes na própria classe dominante.

Entretanto, em momentos de crise esta pluralidade se mostra mais explícita, uma vez que o projeto hegemônico encontra-se claramente desgastado. O que observamos é que a crise de 1929 e a Grande Depressão vêm exatamente deflagrar a crise de hegemonia do projeto liberal e descortinar uma multiplicidade de projetos alternativos à velha ordem, que não apresentava mais meios satisfatórios para uma superação de sua própria crise interna.

A arena privilegiada de conflito entre os diferentes projetos objetivando construção da hegemonia por meio do consenso ativo dos governados é exatamente o Estado. Este será considerado aqui dentro da perspectiva gramsciana e, portanto, em sua dimensão ampliada. O Estado ampliado se constitui em “uma unidade dialética na qual diferentes projetos estão presentes e buscam conformar as massas para a organização científica do trabalho e da vida característica da sociedade urbano-industrial.”⁸⁴ Sua qualidade ampliada justifica-se por conter em sua dimensão superestrutural duas grandes esferas interdependentes: sociedade civil e sociedade política. A sociedade civil, lugar privilegiado dos aparelhos privados de hegemonia, juntamente com a sociedade política, conjunto de mecanismos jurídico-administrativos e aparelhos oficiais de repressão/coerção, constituem os dois grandes planos superestruturais formadores do Estado em sentido amplo.⁸⁵ Para além de uma simples aparente separação do plano superestrutural em esferas, é preciso ser destacado o caráter já mencionado de interdependência entre as esferas expresso em suas funções

⁸³ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.p.115-116.

⁸⁴ NEVES, Lúcia Maria Wanderley (org). **A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005.p.15-16.

⁸⁵ GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. vol.2. Rio de Janeiro: Civilização. Brasileira, 2004.p.20-21.

organizativas e conectivas. “Para a vida de um Estado duas coisas são absolutamente necessárias (...): força e consenso, coerção e persuasão, (...) sociedade política e sociedade civil, política e moral, direito e liberdade...”⁸⁶

O Estado em Gramsci transcende, portanto, a noção usual do termo no momento em que incorpora ao Estado restrito ou governo as noções de hegemonia e sociedade civil. Gramsci alarga a própria perspectiva de poder no momento em que, sem esquecer das forças de subjugo, destaca também os componentes consenso e legitimação. O consenso, elemento diferenciador da análise gramsciana, é construído “a partir dos sujeitos coletivos organizados junto aos aparelhos privados de hegemonia -ou seja, na própria sociedade civil, antes de mais nada- bem como através da ação do próprio Estado restrito, que igualmente promove e generaliza a visão de mundo da fração de classe hegemônica.”⁸⁷ O caráter complexo e dinâmico impresso na qualidade ampliada do Estado se faz latente ao percebermos o mesmo enquanto uma relação social também ampliada, um campo de conflito permanente entre as classes sociais fundamentais e intra-classe desencadeado pelas diversas frações. A relação de dominação/subordinação e luta pela construção de hegemonia são também ampliadas nesse sentido. À manutenção da condição de hegemonia vincula-se necessariamente a continuação dos ditos compromissos e de investimento constante, por parte dessa mesma classe dirigente, em aparelhos privados de hegemonia, que trabalharão elaborando e difundindo a ideologia (concepção de mundo expressa implicitamente em todas as manifestações de vida individuais e coletivas) implícita no projeto dirigente.

Uma vez dirigente uma classe dentro do Estado observamos que este é concebido:

como organismo próprio de um grupo destinado a criar condições favoráveis à expansão máxima desse grupo, mas este desenvolvimento e esta expansão são concebidos e apresentados como a força motriz de uma expansão universal, de um desenvolvimento de todas as energias ‘nacionais’, isto é, o grupo dominante é coordenado concretamente com os interesses gerais dos grupos subordinados e a vida estatal é concebida como uma contínua formação e superação de equilíbrios instáveis (...) entre os interesses do grupo fundamental e os interesses dos grupos subordinados, equilíbrios em que os interesses do grupo dominante prevalecem, mas até um determinado ponto, ou seja, não até o estreito interesse econômico-corporativo.⁸⁸

⁸⁶ GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p.243.

⁸⁷ MENDONÇA, Sonia Regina de. **Classes, poder e Estado no Brasil**. Conferência proferida durante o I Simpósio Nacional: Estado Brasileiro- conflitos intraestatais e políticas públicas UFF-RJ 2004.p.6.

⁸⁸ GRAMSCI, Antonio. op.cit. (b), p.41-42.

Estado, portanto: é produtor e difusor de uma dada visão de mundo, notadamente a da classe social dirigente, de modo a manter, pela persuasão permanente e certos compromissos, a hegemonia; desenvolve a economia, no sentido de manter condição privilegiada também a dita classe, apesar de ter de fazer concessões também nesse campo; e polícia através do conjunto de mecanismos através dos quais os grupos dominantes detêm o monopólio legal da repressão e da violência, de modo a assegurar a disciplina das frações de classe que não consentem.

A preocupação com a construção e manutenção do consenso demonstra, pois, o papel educador do Estado em sua concepção ampliada, no sentido em que este promove e assegura a ordem não somente pelos recursos da força, mas principalmente enquanto arquiteto de “uma reforma intelectual e moral adequada ao projeto de sociabilidade dominante dirigente.”⁸⁹

Roosevelt é exatamente eleito por apresentar uma nova proposta política, alterando de modo significativo a relação entre o poder público e a economia. O projeto apresentado pelo Partido Democrata não era obviamente a única proposta alternativa ao liberalismo em decadência. Como pontuamos rapidamente acima, a causa socialista e comunista ganhara diversos adeptos, não apenas na forma de simpatizantes, mas principalmente na forma organizada enquanto membros efetivos de diversos aparelhos privados e mesmo de sua forma mais desenvolvida, o partido.

Originalmente um aparelho privado de hegemonia, o partido avança como organizador da classe ou fração em torno do projeto de reforma intelectual e moral. Mais que suscitador de uma dada visão de mundo e produtor de intelectuais orgânicos, este aparelho em especial deve trabalhar para que a sua vontade coletiva venha a se tornar, de uma forma ou de outra e em diferentes graus, universal e total, ou seja, trabalhar em direção à construção de hegemonia, buscando concomitantemente inserir seus representantes na sociedade política para que um dia venha a se tornar classe dirigente de um novo Estado. O conceito de partido⁹⁰ em Gramsci extravasa, portanto, o sentido usual do termo, podendo apresentar-se na forma de um jornal ou uma associação. É ainda a expressão única de um e

⁸⁹ NEVES, Lucia. op.cit, p.16.

⁹⁰ Aqui nos remetemos ao sentido mais genérico do conceito de partido desenvolvido por Gramsci. Não confundir com o que o autor chama de ‘moderno príncipe’ ou ‘novo príncipe’ que seria, então, o partido revolucionário.

somente um grupo social, por isso, o projeto intelectual e moral de cada partido deve estar invariavelmente ligado a um programa de reforma econômica, “modo concreto através do qual se apresenta toda a reforma intelectual e moral”.⁹¹ A guerra de posição se torna, então, a estratégia política privilegiada dos partidos em busca não apenas da inserção de seus membros dentro da sociedade política, mas especial e fundamentalmente da construção de hegemonia ou liderança cultural-ideológica de um grupo sobre outros na sociedade civil.

Podemos reconhecer os seguintes enquanto partidos nutradores de projetos contra-hegemônicos: o Partido Comunista (*Communist Party of the United States of America*), a Liga Comunista da América (*Communist League of America*) e o Partido Socialista da América (*Socialist Party of America*).⁹² Contudo, não foram esses projetos vencedores na intensa disputa da guerra de posição, e sim o projeto social-democrata.

A proposta econômica do Partido Democrata ficou conhecida como *New Deal* e era profundamente inspirada na teoria econômica do inglês John Maynard Keynes. Segundo a teoria keynesiana, a crise de consumo e investimento deveria ser solucionada com participação ampla e direta do governo, arrecadando fundos ainda que por meio de empréstimos para a promoção projetos de utilidade social. Os investimentos não seriam mais direcionados para a ampliação da capacidade produtiva, mas nem por isso deixariam de ser feitos. Keynes propunha que esses investimentos públicos fossem destinados à ampliação da infra-estrutura nacional, ou seja, na promoção de grandes obras públicas como estradas, escolas, hospitais, parques etc. O principal objetivo seria, então, criar meios de se restabelecer o pleno emprego, aumentar a renda do trabalhador para que este se tornasse um consumidor em potencial dos estoques encalhados.⁹³ Para além de um plano de ação econômica emergencial, o argumento keynesiano em favor dos benefícios da supressão do desemprego em massa era também político, já que se acreditava que este poderia vir a ser política e socialmente explosivo.⁹⁴

Diretriz um tanto similar seguiu o *New Deal* com algumas especificidades. O governo abriu diversas linhas de crédito direcionadas tanto aos produtores agrícolas e

⁹¹ GRAMSCI, Antonio. (b) op. cit, p.19.

⁹² BERLET, Chip & LYONS, Matthew. op.cit, p.121. e Marxists internet archive. <http://www.marxists.org/>. Junho 2007.

⁹³ KEYNES, John Maynard. **The general theory of employment, interest and money**. New York: Harcourt Brace Jovanowitch, 1936.

⁹⁴ HOBBSBAWM, Eric. op. cit, p100.

industriais quanto aos banqueiros para tentar frear a série de falências que vinha assolando o país. O dólar fora desvalorizado em até 41% em 1934 como forma de estimular as vendas de produtos norte-americanos no exterior e estimular a compra dos mesmos internamente em detrimento dos importados.⁹⁵

O combate ao desemprego começara logo em 1933. A nova administração de imediato “concedeu subsídios aos estados para cobrir um seguro-desemprego”, aumentou os salários dos operários de modo a elevar seu poder aquisitivo, fixou um salário mínimo e as jornadas de trabalho, além de abolir o trabalho infantil. Em novembro do mesmo ano é lançado o programa de grandes obras públicas com intuito de absorver a gama de desempregados.⁹⁶

No campo é lançada a lei de controle agrícola (AAA) com o objetivo de conter a superprodução e evitar mais falências. Dexter Perkins considera esta lei de regulamentação uma impressionante tentativa de modificação do livre sistema de agricultura predominante até então nos EUA. Segundo o mesmo, a limitação per se não era desconhecida no mundo dos negócios, “mas uma limitação da produção criada por um sistema de recompensas e punições oficiais era algo totalmente novo. Subsídios por não produzir marcaram o início de uma nova era em importante parte do setor econômico.”⁹⁷

1935 fora o ano de aprovação do *Social Security Act* que, ao fornecer bases mais sólidas para a constituição do Estado de bem-estar social, completava o pacote de proteção ao trabalhador proposto pelo *New Deal*. Por meio dele estavam garantidos entre outros:

- ? A previdência social, assegurando aposentadoria e os seguros desemprego e acidente de trabalho;
- ? Programas de proteção e assistência financeira à criança desamparada;
- ? Auxílio financeiro a portadores de necessidades especiais;
- ? Assistência financeira federal aos estados, condados e distritos para o estabelecimento e manutenção de um serviço público de saúde adequado;
- ? A criação de imposto deduzido em folha como forma de financiar muitos desses programas e benefícios oferecidos.⁹⁸

⁹⁵ ARRUDA, José Jobson. op. cit., p.31.

⁹⁶ Idem, p.31.

⁹⁷ PERKINS, Dexter. op. cit., p.30-31.

⁹⁸ **The Social Security Act of 1935.**

O movimento sindical ganhará pela primeira vez lugar privilegiado na sociedade civil e política e muitas das vitórias do que hoje conhecemos como Estado de bem-estar social podem ser atribuídas à luta sindical e aos acordos fechados com a administração central. As greves, método clássico de pressão, proliferaram durante as décadas de 1930 e 1940. Para mencionar algumas de impacto nacional temos já em 1935 a greve dos *Automotives Industrial Workers Association* (AIWA) seguida quase que imediatamente pelas famosas greves de ocupação entre 1936 e 1937. Sobre esta última, vale destacar o caso da cidade de Flint, onde após 44 dias de paralisação a General Motors finalmente reconheceu o sindicato *United Auto Workers*.⁹⁹

A lei Wagner lançada em 1935 vinha garantir independência à organização dos trabalhadores, assegurando a presença ativa regulada das duas partes -patrões e empregados- durante as negociações. A mesma lei também criava o *National Labor Relations Board* (NLRB) órgão estatal responsável por garantir a tal ‘independência’ ou, como prefiro chamar, presença ativa regulada dos sindicatos, supervisionando as eleições e impedindo o empresariado de organizar os chamados *business unions* (quando os contatos com trabalhadores eram feitos através de representantes dos mesmos escolhidos pelo patronato).¹⁰⁰

O NLRB acabou trazendo o conflito classista para dentro de uma agência estatal, abrindo espaço para possíveis intervenções e limitações por parte tanto do governo federal quanto das próprias organizações empresariais. Entretanto não podemos descartar o significado desse passo para o movimento sindical, que se tornava finalmente legal e ainda tinha o respaldo do poder central. As eleições de 1936 marcam esse pacto:

Nas eleições de 1936, o CIO [Congress of Industrial Organizations] e seu mais importante sindicato, o United Auto Workers (UAW), votaram massivamente em Roosevelt. Em uma de suas peças de propaganda, o UAW reproduzia uma das mais famosas frases do presidente-candidato: ‘Se eu fosse um trabalhador fabril, entraria para um sindicato.’¹⁰¹

Os anos 1930, como um todo, ficaram marcados no imaginário nacional e acreditamos realmente foram os anos de ouro do ativismo do operariado, principalmente

⁹⁹ BERLET, Chip & LYONS, Matthew. op. cit., p.130-141.

¹⁰⁰ LIMONCIC, Flávio. op. cit., p.132.

¹⁰¹ Idem, p.133. apud LICHTENSTEIN, Nelson. **Walter Reuther: the most dangerous man in Detroit**. Chicago: Univ. of Illinois Press, 1995. p.61.

urbano, mas também rural. Schlesinger Jr. nos fala em anos de conscientização, num fervilhar de novas idéias e esperanças que tomara conta da América.¹⁰² Pode-se perceber uma efetiva mobilização social. Partes significativas dos setores dominados urbanos e rurais estavam organizadas em algum tipo de movimento militante, atuando no Partido Democrata e na sociedade civil de forma real -embora menos poderosa talvez do que o esperado por alguns- em prol de melhorias de suas condições de vida. As conquistas angariadas como fruto desta organização e o significado desta inserção na sociedade política no imaginário dos setores dominados não devem ser desprezados.

Tais conquistas sociais e políticas somadas às medidas de recuperação econômica levaram autores como Schlesinger Jr. a interpretar o New Deal sob um certo tom salvacionista, enaltecendo suas medidas. Segundo o mesmo, a grande Depressão marcara um momento particular do ciclo econômico conhecido como ‘maturidade econômica’, ou seja, momento definidor de uma era quando se finda a expansão econômica.¹⁰³ O programa de reformas iniciadas já no primeiro *New Deal* (primeiros cem dias da administração Roosevelt) seria, para Schlesinger, um pacote de reformas que, reconhecendo tal realidade, visava contornar tal situação da melhor maneira possível.

Os princípios do primeiro *New Deal* foram os que a revolução tecnológica havia tornado os negócios inevitáveis; que não se poderia mais confiar na competição para assegurar os interesses sociais; que grandes corporações eram uma oportunidade a ser perseguida, mais do que um perigo para se lutar contra; e que a fórmula para estabilidade na nova sociedade deveria ser combinação e cooperação sob a acrescida autoridade federal.¹⁰⁴

Na interpretação de Schlesinger Jr., o *New Deal* estaria profundamente alinhado com a realidade na qual iria ser implantado e, sem a pretensão de ignorar os aspectos relevantes da conjuntura, procurava não apenas conviver com algumas tendências, mas incorporá-las de forma vantajosa ao do programa. O trecho acima nos remete à tendência a formação de monopólios, processo que não deveria ser visto como obstáculo ao desenvolvimento, mas abraçado pelo novo projeto social-democrata. E, segundo Badger, assim foi feito. O

¹⁰² SCHLESINGER Jr. Arthur. **The coming of the New Deal 1933-1935**. Boston: Houghton Mifflin, 2003.p.385.

¹⁰³ Idem, p.180.

¹⁰⁴ Idem, ibidem, p.179. “The tenets of the first New Deal were that the technological revolution had rendered business inevitable; that the competition could no longer be relied on to protect social interests; that large units were an opportunity to be seized rather than a danger to be fought; and that the formula for stability in the new society must be combination and cooperation under enlarged federal authority.”

“*National Recovery Administration* deu aos empresários e ao governo praticamente poderes de tempo de guerra com relação à produção, salários e preços e os isentou da perseguição anti-truste.”¹⁰⁵ Ao mesmo tempo, somos igualmente remetidos à falência do liberalismo econômico, apontando que esse já não daria mais conta de assegurar os interesses dos indivíduos. A saída, então, na interpretação de Schlesinger Jr., seria abraçar a nova tendência econômica monopolista e politicamente tentar uma nova abordagem dos conflitos via negociação efetiva, ambos sob a ação da autoridade federal interventora. Para o autor todos esses esforços vinham conjugados com o desejo de uma América nova, de novo caráter e que somente agora tivera espaço para se expressar de modo mais tenaz.

Parte do impulso do New Deal foi defensiva –a determinação para proteger a liberdade e oportunidade para os Americanos da devastação trazida pelo desemprego e pelo desespero. Mas parte também foi um desejo de se construir uma América melhor -um desejo que existia bem antes da Depressão, mesmo que a Depressão tenha dado a este um novo vigor e possibilidade.¹⁰⁶

Sem aqui desprezar ou deixar de reconhecer a mudança expressiva que significou o programa social-democrata em comparação com o anterior projeto liberal, a interpretação de Schlesinger Jr., quase uma ode ao *New Deal*, não leva em conta suas limitações, encarando-o como solução perfeita, ou única possível dentro daquele contexto. Quando este nos fala em anos de conscientização, só enxerga esforços em direção a saída social-democrata, explorando pouco as conscientizações em outras direções. Não enxerga outros projetos de outros grupos sociais que talvez não estivessem se sentindo contemplados o suficiente com as medidas do programa. Parece a mim que o autor não se faz perguntas básicas como: Construir uma ‘América’ melhor para quem? Quem eram os empresários envolvidos e que setores da indústria efetivamente se beneficiaram do NRA?

Em linha um tanto diferente, percebemos em autores como Bernstein, Sherman e Badger esforços (por vezes mais, por vezes menos ponderados) em realçar tais limitações, sustentando que o intenso programa de reformas não conseguira por real fim a Depressão e

¹⁰⁵ ¹⁰⁵ BADGER, Anthony. op. cit., p.66. “...*National Recovery Administration* gave businessmen and the government almost wartime powers over production, wages, and prices and exempted business from anti-trust persecution.” O mesmo autor faz ainda a necessária ressalva de que em 1935 o próprio NRA fora julgado inconstitucional, mas que ainda assim a administração Roosevelt tentara perpetuar seus princípios em certas indústrias.

¹⁰⁶ SCHLESINGER Jr., Arthur. op. cit., p.319. “*Part of the New Deal impulse was defensive -the determination to protect the freedom and opportunity to Americans from the ravages of unemployment and despair. But part too was a desire to build a better America -a desire which existed long before the depression, even if the depression gave it a new vigor and possibility*”.

impulsionar o crescimento econômico a níveis similares aos vistos no ante-guerra. Tais autores afirmam que fora mesmo a emergência do segundo conflito mundial que realmente impulsionaria a economia em direção à tão desejada prosperidade. Segundo Bernstein, “cada grande legislação que persiste nos livros estatutários e na memória popular –o NRA, a lei Wagner, o *Tennessee Valley Authority*, as leis de segurança social, a Comissão de Segurança e Câmbio e os mandatos de déficits orçamentários- foi dirigida para remediá-la [a Depressão]”, mas ainda assim, fora somente com a deflagração da guerra na Europa que a produção industrial atingira as marcas de antes da quebra da bolsa.¹⁰⁷

Para eles, as falhas não se concentram somente no campo econômico. Também nos âmbitos político e social os autores apresentam críticas duras quanto ao desenvolvimento do programa que, pelo menos no discurso, tanto prezava pela negociação e pela inclusão de todos por meio da aliança tripartite. O caso do *Tennessee Valley Authority*-TVA é particularmente emblemático nesse sentido. Se para Schlesinger Jr. o TVA se destacou como o acontecimento mais intenso em direção a uma ‘melhor’ América, concentrando preocupações centrais do presidente com relação à terra, às florestas, à água, e a contínua busca pela melhora nas condições de vida da nação¹⁰⁸, o mesmo não foi assim visto por Badger. Com uma análise a nosso ver menos ingênua o autor destaca que:

O desenvolvimento rural serviu às necessidades dos mais afortunados mais do que às do agricultor pobre. O TVA também se conformou com as normas raciais locais, excluindo largamente os negros. Seu crescente sucesso beneficiou realmente os agricultores, mas também trouxe rápida industrialização.¹⁰⁹

A crítica levantada por Badger segue em várias direções, exemplificando em um só projeto toda a complexidade das forças sociais durante os primórdios da construção do Estado de bem-estar social. E que para além de desejos altruístas em prol da melhora das condições de vida da população, estavam presentes os interesses lucrativos do setor empresarial. Não que a industrialização não tivesse trazido imensos benefícios à população

¹⁰⁷ BERNSTEIN, Michael. Why the great Depression was great: toward a new understanding of the interwar economic crisis in the United States. In: GERSTLE, Gary & FRASER, Steve. **The rise and fall of the New Deal order: 1930-1980**. New Jersey: Princeton Univ. Press, 1989.p.33. “Every major piece of legislation that endures on the statute books and in popular memory –the NRA, the Wagner act, TVA, the Securities and Exchange Commission, mandated budget deficits- was addressed to its remedy.”

¹⁰⁸ SCHLESINGER Jr., Arthur. op. cit., p.319.

¹⁰⁹ BADGER, Anthony. op. cit., p.176. “Rural development served the needs of the more substantial, rather than the poorer farmer. The TVA also conformed to local racial norms and largely excluded blacks. Its increasing success did benefit farmers but it also brought rapid industrialization.”

local, evidentemente trouxe. Mas, pelo que Badger destaca, esses benefícios não foram assim tão democraticamente distribuídos, gerando vantagens imensamente maiores para os donos dos novos complexos industriais lá localizados. É evidente ainda a exclusão racial, problema pouco tocado pela administração Roosevelt. Esse grupo social, apesar de um dos atingidos mais duramente durante a Depressão, não fora até aquele momento uma das preocupações principais da administração social-democrata.

As limitações vão também além do campo. Com relação ao movimento operário Badger aponta que:

o compromisso do *New Deal* para com a causa sindicalista não era de modo algum integral.(...) O NRA tinha a função de remover as fontes do conflito industrial, não estimulá-las.(...) O estabelecimento do *National Labour Board* em agosto foi uma aposta *ad hoc* para prevenir as greves perturbadoras do impulso de recuperação.¹¹⁰

E Bernstein completa afirmando que “a persistência da Depressão dificultara as alianças, obrigando os arquitetos do *New Deal* a abandonar uma política de recuperação atrás da outra.”¹¹¹ Ao longo de suas respectivas argumentações, eles desconstroem o argumento de harmonia social para muitos, inclusive Schlesinger Jr., representado na aliança tripartite. Entendem a multiplicidade de interesses ainda conflitantes envolvidos na dinâmica social, entretanto, Bernstein ao utilizar o termo os ‘arquitetos do *New Deal*’ e Badger o ‘compromisso do *New Deal*’ comprometem suas argumentações, no sentido em que não percebem que são aqueles mesmos grupos de interesses conflitantes os ‘arquitetos do *New Deal*’. Mais do que um programa de reformas previamente imaginado pela social-democracia, o Estado de bem-estar social e o próprio desenvolvimento do *New Deal* são um todo de relações sociais. Relações sociais certamente desiguais, mas que não devem em hipótese alguma ser entendidas simplesmente como a imposição coercitiva de uma classe dominante ou de ‘arquitetos’ sobre os demais setores sociais. Tal interpretação faz com que esqueçamos também os limites das lutas dos setores dominados, ou seja, sua parcela de consenso com o projeto reformista.

¹¹⁰ Idem, p.126. “*The commitment of the New Deal to the union cause was by no means wholehearted.(...) The NRA was expected to remove the sources of industrial conflict, not to stimulate it.(...) The establishment of the National Labour Board in August was a ad hoc move to prevent those strikes disrupting the recovery drive.*”

¹¹¹ BERNSTEIN, Michael. op.cit.,p.33.“*The persistence of the depression scrambled political alliances and compelled New Dealers to abandon one recovery policy after another.*”

O próprio movimento operário como um todo teve na Era Roosevelt sucessos e retrocessos. Quantitativamente, um número maior de trabalhadores encontrava-se engajado na luta política. Limoncic nos informa que o número de trabalhadores sindicalizados atingira a marca de mais de 14 milhões ou 30% do total da força de trabalho.¹¹² Qualitativamente, vemos já delineadas duas grandes tendências: primeiramente a relação de hegemonia entre o sindicalismo e os demais movimentos dentro do movimento operário dada sua participação e poder de barganha dentro da sociedade política e civil; e finalmente a tendência de ação por parte desse mesmo sindicalismo na luta por conquistas materiais imediatas, sem maiores articulações com a luta política revolucionária.

O sindicalismo classista foi dando espaço ao sindicalismo de resultados, reduzindo o nível de consciência coletiva do segundo momento do grau econômico-corporativo para o primeiro momento, quando se desconhece a unidade entre o específico e a classe social.¹¹³

O grande capital, por sua vez, segundo a filosofia keynesiana teve que negociar, afrouxar as malhas da exploração, cedendo a algumas das reivindicações históricas dos trabalhadores. Não devemos, contudo nos precipitar e concluir que esta classe tornara-se, então, oposição declarada e inconciliável com os preceitos do *New Deal*. Completamente satisfeita não se mostrou, mas em virtude da seriedade da crise e das proporções que estavam tomando as mobilizações populares, fora esta a solução encontrada de imediato. Frente ao temor da explosão de um possível levante revolucionário, a exemplo do de outubro de 1917, a classe dominante entrega os anéis como forma de preservar os dedos. Não podemos esquecer que o projeto social-democrata, apesar de atender aos apelos e efetivamente implementar parte do projeto das classes dominadas, é a maneira encontrada pelo bloco dominante se manter dominante.

Dentre o grande capital, a fração representada pelo capital financeiro e pelo funcionante em fase de expansão transnacional, em ascensão foram as que apoiaram Roosevelt mais abertamente. Segundo Thomas Ferguson, o segundo *New Deal* [após um primeiro momento de recuperação inicial da crise, aproximadamente 1935-1936] conseguiu conjugar “um novo bloco de poder formado por *capital-intensive industries*, bancos de

¹¹² LIMONCIC, Flávio. op. cit., p. 134. apud LICHTENSTEIN, Nelson. **Walter Reuther: the most dangerous man in Detroit**. Chicago: Univ. of Illinois Press, 1995. p. 123.

¹¹³ NEVES, Lúcia. op. cit., p. 31.

investimento e bancos comerciais orientados para o exterior.”¹¹⁴ O autor ainda nos fornece dados sobre as empresas componentes do bloco. Entre elas estão a Standard Oil do grupo Rockefeller, a General Electric, IBM, Mead Paper, RCA, Pan Am, empresas de tabaco como R.J. Reynolds, grandes varejistas como Edward A. e Lincoln Filene, além de grandes bancos como o Harriman, Goldman Sachs, Dillon Read, Bank of America e Chase National Bank. Berlet e Lyons apontam ainda para uma série de acordos fechados entre esses setores e a administração Roosevelt no sentido da redução das tarifas e barreiras alfandegárias como forma de estimular a expansão de seus negócios.¹¹⁵ Controlavam também agências chave na sociedade política como o *Business Advisory Council*, o Comitê para o Desenvolvimento Econômico (CED) e o Conselho de Relações Internacionais (CFR).¹¹⁶

Entretanto não devemos incorrer no erro de superestimar tal apoio. O compromisso keynesiano, para “além do controle macroeconômico estatal e centralizado, calcado no crescimento e no emprego”, impôs certas limitações sobre as prerrogativas da finança: “as regulamentações da sua atividade nacional e internacional (notadamente através dos acordos assinados em Bretton Woods em 1944), o reconhecimento parcial do direito ao trabalho, inscrito em 1948 na legislação estadunidense, e o desenvolvimento do Estado-providência.”¹¹⁷ Não nos causa espanto, portanto, o apoio de diversos capitalistas financeiros, ainda que em bem menor escala se comparado aos capitalistas industriais, à criação da *Liberty League*, principal aparelho privado contrário ao projeto social-democrata da época.

Wall Street está favoravelmente inclinada na direção da nova *American Liberty League* (...) A comunidade financeira vê no movimento o núcleo de uma nova força em prol do conservadorismo, tanto na legislação quanto no que toca às questões fiscais das legislaturas federal e estadual.¹¹⁸

¹¹⁴ FERGUSON, Thomas & ROGERS, Joel. **Right Turn: The decline of the democrats and the future of American politics.** New York: Hill and Wang, 1986.p.46-48. “a new power bloc of capital-intensive industries, investment banks, and internationally oriented commercial banks.”

¹¹⁵ BERLET & LYONS, op. cit., 2000.p.162.

¹¹⁶ Idem, p.164-165.

¹¹⁷ DUMEIL, Gerard & LEVY, Dominique. Superação da crise, ameaças de crise e novo capitalismo. In: CHESNAIS, François et al. **Uma nova fase do capitalismo?** São Paulo: Xamã, 2003.p.32.

¹¹⁸ New York Times, 24 de Agosto de 1934. ‘Finance welcomes Liberty League’ p.2. “Wall Street is favorably inclined toward the new American Liberty League...The financial community sees in the movement the nucleus of a new force for conservatism, both in legislation and in the fiscal affairs of the federal and State Legislatures.”

Conforme publicado no *New York Times*, foram feitas diversas conferências reunindo líderes da indústria e da finança anteriormente à fundação da organização. Em declarações de alguns grandes nomes do setor financeiro podemos observar mais claramente este apoio. No telegrama enviado por Victor G. Paradise, sócio na Frazier Jelke & Co., a Jouett Shouse, um dos fundadores e patrocinadores da Liga temos:

Eu gostaria de oferecer minhas calorosas congratulações ao senhor e seus associados na formação da *American Liberty League*. Esta merece o apoio conjunto de todos os Americanos de pensamento direitista, para além de suas filiações partidárias. Eu tenho incitado publicamente a necessidade de uma organização nacional de acionistas para preservar seu direito de propriedade e se minhas atividades com esse respeito puderem ser de valor para sua organização, por favor, me informem.¹¹⁹

Declaração parecida fizera Edward F. Hutton, da conhecida agência de corretores E. F. Hutton:

Eu vejo a *American Liberty League* como uma organização não-partidária que está determinada a ver a ver que existe respeito genuíno tanto por direitos humanos assim como pelo direito de propriedade... Eu acredito que nós podemos esperar e conseguiremos pelas mãos de nosso Presidente justa consideração por nossas propostas.¹²⁰

Na luta por maior representatividade e naturalmente um espaço maior dentro da sociedade política, esses dois representantes do grande capital reafirmam a necessidade do respeito incondicional à propriedade privada. Além disso, é interessante como em ambas as declarações fica explícita a tentativa de não vincular a organização com partidos políticos.

Feita a ponderação, podemos concluir que:

Multinacionalistas [capital financeiro e indústrias multinacionais] aceitaram ou favoreceram políticas keynesianas de intervenção ativa do governo na economia, incluindo os programas de bem-estar social pelo bem da paz social, ajuda a países estrangeiros para o desenvolvimento de mercados externos e grandes orçamentos

¹¹⁹ New York Times, 24 de Agosto de 1934. 'Finance welcomes Liberty League'.p.2. " 'May I offer my hearty congratulations to you and your associates in the formation of the American Liberty League. It deserves the united support of all right-thinking Americans regardless of party affiliations. I have been publicly urging the necessity of a national organization of stockholders to preserve their property rights and if my activities in this respect can be of value to your organization, please call on me.' "

¹²⁰ New York Times, 24 de Agosto de 1934. 'Finance welcomes Liberty League'.p.2. " 'I look upon the American Liberty League as a non-partisan organization which is determined to see that there is proper respect for human rights as well as property rights...I that we can expect and we will get at the hands of our President fair consideration for our proposals.' "

milítaires para subsidiar indústrias de alta tecnologia e manter um grande contingente de tropas externamente.¹²¹

E essa era basicamente a proposta do acordo, do novo acordo, do grande acordo proposto por Roosevelt como forma de resolver o conflito de classe, retomar a produtividade e estimular as vendas. A economia seguiria a todo vapor graças ao pacto social-democrata baseado na articulação tripartite entre poder sindical (devidamente disciplinado), governo federal e empresariado.

O pacto realmente funcionou por um breve momento, tirou os EUA do caos da Depressão em sua fase mais aguda, acalmando os ânimos de desesperados, revoltosos e falidos. Não devemos desprezar o significado e os resultados de um período de intensa mobilização política e social em torno de melhores condições de vida e trabalho. Os programas de seguridade social são notadamente um marco dessas conquistas. A sociedade política democratizou-se, ainda que minimamente, a exemplo do movimento dos trabalhadores rurais que assumira efetivamente o poder em Winsconsin e Minnessota.¹²² E o Partido Democrata adquirira nova feição. Se antes tipicamente sulista e rural, apoiava-se largamente a partir de 1930 sobre uma base predominantemente urbana e popular.¹²³

Mas, longe de revolucionário, o *New Deal* está muito mais próximo de um intenso programa de reformas com o objetivo de ‘salvar’ ou de encontrar novas saídas para o desenvolvimento do capitalismo. Mesmo ao pensarmos em sua proposta de promoção da harmonia social -primeiramente pela solução de uma situação emergencial, seguida de estabilização social pela conjugação harmônica de interesses conflitantes- observamos que nem isso foi possível em sua totalidade como nos informam os mais críticos. As lutas dos setores dominados por muitas vezes desafiaram os cálculos nas negociações contidas com social-democratas e conservadores. O grande acordo não abarcava todos, a sociedade não se encontrava representada em sua totalidade na articulação tripartite. E, mesmo com relação aos supostos integrantes das arestas do triângulo, não contemplava a diversidade de interesses de maneira 100% satisfatória. Pensar o Estado (qualquer Estado) em forma ampliada é exatamente levar em conta as mais profundas complexidades da sociedade,

¹²¹ BERLET, Chip & LYONS, Matthew. op. cit., p.164. “... business multinationalists accepted or favored Keynesian policies of active government intervention in the economy, including social welfare programs for the sake of social peace, foreign aid to develop international markets, and big military budgets to subsidize high technology industries and support large troop commitments abroad.”

¹²² HIMMELSTEIN, Jerome. op. cit., p.16.

¹²³ Idem, p.18.

enxergar a variedade de seus atores coletivos e seus também variados interesses expressos em projetos de sociabilidade distintos.

A luta dos setores dominados na busca por maior representação na sociedade política, pela constituição de um Estado mais inclusivo e democrático e a conseqüente implantação efetiva do capitalismo de bem-estar será por nós vista como uma conquista ainda que parcial nesse sentido. Diferente dos que crêem ser o *New Deal* ou de modo mais geral o projeto social-democrata conservador, entendemos que este pode ser um passo significativo na luta dos setores subordinados, mas que esta deve continuar se seus membros pretendem sair da condição em que se encontram. Durante a guerra de posição, os setores dominados avançaram, deram um passo a frente em sua luta, mas não se tornaram classe dominante, nem dirigente.¹²⁴ As conquistas acabaram por ser limitadas, não porque assim desejara Roosevelt e os ‘arquietaos do *New Deal*’, mas porque no processo de luta percebemos claramente a hegemonia da proposta do Estado social-democrata, expressa na combinação dialética de força –pela destruição do sindicalismo operário de base- e persuasão –pela implementação consensual de benefícios sociais e salários razoáveis.¹²⁵

Guiada por pressupostos keynesianos, a pedagogia da hegemonia se desenvolve no sentido de ampliar os direitos sociais por trabalho, moradia, alimentação, saúde, educação, transportes das massas trabalhadoras, com políticas sociais diretamente executadas pelo aparato governamental, tendo por intuito obter o decisivo consenso da maioria da população ao projeto burguês de sociabilidade e aumentar, concomitantemente, a produtividade da força de trabalho [além de] evitar a adesão ao projeto socialista de sociabilidade por amplos segmentos da classe trabalhadora.¹²⁶

O projeto social-democrata de sociabilidade construíra, portanto, uma forte hegemonia, sendo aceito por amplos setores sociais durante muitas décadas aproximadamente até o fim da Guerra Fria. Nem por isso podemos pensar que este fora menos complexo, que tenha enfrentado menos conflitos durante sua existência. Nosso objetivo daqui por diante será exatamente mapear alguns desses conflitos, de modo a entendermos a posterior falência do Estado de Bem-Estar pelo desenvolvimento e expansão de projetos alternativos em torno da disputa pela liderança entre as diversas frações da classe dominante.

¹²⁴ Classe dirigente corresponde à fração dominante da classe dominante.

¹²⁵ GRAMSCI, Antonio. 2001(d).p.247.

¹²⁶ NEVES, Lúcia. op. cit, p.30.

A fração dominada da classe dominante, especificamente o capital industrial voltado para o mercado interno, mostrou-se bem menos integrada na articulação tripartite e no estabelecimento dos ditos compromissos. Grandes indústrias como a têxtil, do aço, de calçados além de empresas de menor porte, como lojistas e comerciantes eram especialmente vulneráveis às crescentes pressões sindicais.

No centro do partido republicano durante o sistema de '96 estava um bloco maciço de grandes indústrias, incluindo as do aço, indústrias têxteis, da mineração e menos monoliticamente a de calçados, das quais o processo de produção de tipo *labor-intensive* automaticamente os fez inimigos mortais do trabalho e paladinos da política do *laissez-faire*.¹²⁷

Em 29 de Abril de 1934, passados os momentos iniciais do caos da Depressão, o *New York Times* já publicava reportagens com as primeiras vozes da oposição:

O período emergencial terminou” declarou o deputado nova yorkino Snell, líder da minoria na Câmara, em depoimento a uma rádio esta semana. Ele exigiu, desse modo, a revogação das leis de emergência e a extinção das agências federais que as estivessem administrando.¹²⁸

A declaração do deputado reflete a constante preocupação de diversos setores da oposição com relação à extensão e duração dos programas de recuperação promovidos pelo poder público. Para Snell e os tantos outros que compartilham de suas críticas a intervenção federal era vista como nociva ou pelo menos preocupante no sentido de possíveis restrições das tão prezadas liberdades individuais. Por isso, é imprescindível a extinção, tão logo quanto possível, das instâncias federais interventoras. A reportagem prossegue com o argumento defendido pelo mesmo deputado que o presidente triunfara ante a Depressão, mas que sua administração se recusava a reconhecer o sucesso, pondo fim aos programas de recuperação devido a “um desejo de mudar o sistema americano, fazendo permanentes o suficiente as leis de emergência e suas agências administrativas com o propósito de instituir

¹²⁷ FERGUSON, Thomas. The coming of the New Deal: the triumph of multinational liberalism in America. In: GERSTLE, Gary & FRASER, Steve. **The rise and fall of the New Deal order:1930-1980**. New Jersey: Princeton Univ. Press, 1989.p.7. “At the center of the Republican party during the System of '96 was a massive bloc of major industries, including steel, textiles, coal, and, less monolithically, shoes, whose labor-intensive production processes automatically made them deadly enemies of labor and paladins of *laissez-faire* social policies.”

¹²⁸New York Times, 29 de Abril de 1934. Seção: watch-tower. ‘Parties come to grips over emergency’s end’ pg. E1. “ ‘The period of emergency is over.’ Declared representative Snell of New York, the House minority leader, in a radio address this week. He demanded, on that basis, the repeal of the emergency laws and the extinction of the Federal bureaus administering them.”

um socialismo de Estado, coletivismo, comunismo ou fascismo no país.”¹²⁹ Percebemos também desde esse momento uma clara associação, a nosso ver bastante indevida, entre o projeto social-democrata e outros projetos de caráter notadamente distinto como o socialista e o comunista. Na visão do deputado, qualquer forma de governo que se proponha a intervir mais diretamente na vida social abriria caminho para uma futura implementação de projetos revolucionários. Se com o objetivo de insuflar ou por real crença, tal associação acaba por destituir ambos os termos de sentido, não reconhecendo as diferenças qualitativas entre um projeto de cunho reformador e outro revolucionário e transformador.

Grandes impérios como a Sun Oil Company, a Sears, famosa varejista do meio-oeste, e as indústrias químicas DuPont mostravam-se hostis às ditas intervenções governamentais que vinham a restringir sua liberdade em âmbito doméstico. Em oposição ao pressuposto keynesiano oficial, este setor afinava-se cada vez mais com os pressupostos do capitalismo concorrencial, imortalizado na forma do *laissez-faire*.¹³⁰

Juntamente com muitos fascistas, eles viam o New Deal como prova de uma aliança sinistra entre o capital financeiro internacional e organizações trabalhistas controladas por comunistas como objetivo de destruir a livre empresa.¹³¹

O capital industrial voltado para o mercado interno rapidamente se organizou juntamente com conservadores dos partidos Republicano e Democrata e já em 1934 fundam a *American Liberty League*, um aparelho privado com o intuito de estabelecer oposição às reformas sociais e à legislação trabalhista proposta pelo New Deal. “A formação da *Liberty League* em 1934 deu proeminência às críticas de ricos empresários conservadores como John J. Raskob, Jouett Shouse e os DuPonts, e aos descontentes Democratas conservadores do Norte como Al Smith.”¹³² Badger revela que antes mesmo do *New Deal* este setor já se alinhava pela defesa do governo limitado e a preservação dos direitos estaduais, estando os próprios fundadores da Liga anteriormente associados a *Association Against the*

¹²⁹ New York Times, 29 de Abril de 1934. Seção: watch-tower. ‘Parties come to grips over emergency’s end’ pg. E1. “...a wish to change the American system by making permanent enough of the emergency laws and their administrative agencies to institute State socialism, collectivism, communism or fascism in the country.”

¹³⁰ BERLET, Chip & LYONS, Matthew. op. cit., p.163.

¹³¹ Idem, p.163. “Along with many fascists, they saw the New Deal as proof of a sinister alliance between international finance capital and communist-controlled working-class organizations to destroy free enterprise.”

¹³² BADGER, Anthony. op. cit., p.285. “The formation of the Liberty League in 1934 gave prominence to the criticism of wealthy conservative businessmen, like John J. Raskob, Jouett Shouse, and the DuPonts, and to disaffected conservative northern Democrats, like Al Smith.”

Prohibition Amendment. “os déficits do New Deal, o controle sobre os negócios, os impostos e a legislação trabalhista colocavam-se como uma ameaça imensamente maior que proibições aos seus conceitos de direitos estaduais e governo limitado.”¹³³

Financiada primordialmente pela família DuPont, General Motors e Sun Oil, a *American Liberty League* ficou particularmente conhecida por tentar em 1936 empreender um fracassado golpe com o objetivo de impedir a reeleição do presidente Roosevelt.¹³⁴ Ainda que fracassado o golpe, o legado mais importante do *American Liberty League* acreditamos tenha sido o aumento progressivo de uma tensão gerada dentro do partido Republicano a época da hegemonia social-democrata.

Na verdade, a Liga aumentou a tensão entre a ala conservadora do partido Republicano, que não via mérito algum no *New Deal* e uma fração moderada associada com os senadores Charles McNary e William Borah, que estavam dispostos a abraçar grandes partes do *New Deal*.¹³⁵

A perda da direção para a social-democracia desestabilizou o partido Republicano, colocando em xeque sua pedra fundamental -o liberalismo- e criando uma profunda cisão entre seus membros. Fica explícito o sentimento de indecisão quanto ao destino do partido por parte tanto dos eleitores Republicanos quanto dos próprios integrantes do partido. As décadas de 1930 e 1940 são marcadas por fortes questionamentos nesse sentido.

Deve o *Grand Old Party* [partido Republicano]...virar as costas, confiando na casualidade política para restaurar mais uma vez seu prestígio e poder sem alterações orgânicas? Deve este tentar vencer o *New Deal* em seu próprio jogo, afastando a velha guarda e oferecendo ao eleitorado um liberalismo temperado, como rejeitado em 1912? Deve, ao contrário, expurgar-se de todas as teorias e práticas avançadas e se tornar um partido verdadeiramente conservador, abraçando a luta pelos direitos estaduais e pelo individualismo crescente? Ou deve se permitir sucumbir sem maiores lutas ao esquecimento, na esperança de que de suas cinzas poderá emergir um novo e mais vigoroso partido com um novo nome e uma nova proposta?¹³⁶

¹³³ Idem, p.285. “*New deal deficits, business regulation, taxation, and labour legislation posed a much greater threat than prohibition to their concepts of states’ rights and limited government.*”

¹³⁴ DIAMOND, Sara. op. cit., p.23.

¹³⁵ BADGER, Anthony. op. cit., p.285. “*In fact, the league increased the tension between the conservative GOP Old Guard who saw no merit at all in the New Deal and the moderate faction associated with senators Charles McNary and William Borah who were prepared to embrace large chunks of the New Deal.*”

¹³⁶ New York Times, 20 de Junho de 1937. ‘*The Republicans face a great decision*’. “*Shall the Grand Old Party...muddle through, trusting to political chance to restore it once more to prestige and power without organic alteration? Shall it attempt to beat the New Deal at its own game by driving out the old guard Tories and offering the electorate a tempered liberalism of the sort it rejected in 1912? Shall it, on the contrary, purge itself of all advanced theories and practice and become a truly conservative party, espousing States’ rights and a large measure of individualism? Or shall it be allowed to lapse without a struggle into oblivion,*

Tem início, então, uma verdadeira luta dentro do partido Republicano, uma luta pela direção dentro do partido. Esta fora, à época, balizada pelo *New Deal* e protagonizada por basicamente dois setores: um em total repúdio e outro em parcial acordo com algumas de suas propostas. A plataforma adotada pelos Republicanos durante sua convenção estadual em Nova York apresenta duras críticas à proposta social-democrata, podendo ser vista como exemplo do pensamento da ala mais conservadora do partido conhecida como Velha Guarda (*Old Guard*).

Nós condenamos: 1) o solapar da forma Americana de governo e a perturbação de nosso sistema econômico; 2) a destruição do estado e dos direitos locais e responsabilidades; 3) uma economia planejada e controlada de concepção vinda de fora imposta e administrada por uma ditadura todo poderosa; 4) a invasão do campo da iniciativa privada pelo governo e manipulada por homens inexperientes; 5) a instalação de uma enorme, incompetente, arrogante e incontrolável burocracia; 6) a decadência do serviço civil; 7) a destruição em massa de teorias acadêmicas contrárias às leis e forças naturais; 8) a promoção de monopólios, a destruição da competição, a fixação dos preços pelo governo;...10) Gasto imprudente do dinheiro do povo sem pensar nos cálculos orçamentários;...13) a tentativa de redistribuir riqueza pela destruição da mesma.¹³⁷

A plataforma republicana de Nova York traz um tom nostálgico, não se contentando em refutar apenas as políticas social-democratas, mas recusando-se a aceitar um processo próprio do desenvolvimento do sistema capitalista, qual seja, a formação de monopólios, a tendência à concentração de capital. Fruto ao mesmo tempo do descontentamento com relação às reformas trazidas pelo *New Deal* e de um sentimento nostálgico de tempos dourados, quando as reivindicações eram mais parcas e menos organizadas e a livre concorrência imperava, a proposta da velha guarda parece querer voltar o relógio, mantendo-se um tanto intransigente em suas posições.

in the hope that from its ashes may rise a new and more vigorous party with a new name and a new rallying cry?"

¹³⁷ New York Times, 29 de Setembro de 1934. 'Platform adopted by the Republicans at their State convention in Rochester'. "...we condemn: 1) the undermining of the American form of government and the disruption of our economic system; 2) the destruction of State and local rights and responsibilities; 3) a planned and controlled economy of alien conception imposed and administered by an all powerful dictatorship; 4) The invasion of the field of private initiative by government and manipulation by inexperienced men; 5) the setting up of a huge, incompetent, arrogant and uncontrollable bureaucracy; 6) the debauching of the civil service; 7) the destruction of cattle, hogs and crops on academic theories contrary to natural laws and forces; 8) fostering of monopolies, destruction of competition, fixing prices by government; ...10) Profligate waste of people's money without thought of the day of reckoning; ...13) the attempt to redistribute wealth by destroying it."

Não menos descontente, podemos observar ainda outro setor dentro do partido e que fará frente à velha guarda na luta pela direção interna. Um dos expoentes dessa tendência nascente a época foi o senador Gerald P. Nye da Dakota do Norte. Referindo-se diretamente à velha guarda, Nye declarou em um encontro nacional do partido que este precisava renascer que “o partido Republicano morreria se seus líderes permanecessem aqueles que não podem oferecer nada mais que *Old Deal* como um substituto para o *New*.”¹³⁸ Um pouco mais a frente no tempo, já no governo Eisenhower, percebemos com mais clareza o que seria este renascer e a modernização do Republicanismo.

A ala liberal do G.O.P. –incluindo o vice-presidente Richard M. Nixon, o secretário do trabalho James Mitchell, o procurador geral William P. Rogers e o Secretário de assuntos Interiores Fred A. Seaton- ...acreditam que a fórmula para a vitória sobre os Democratas em 1960 é a fórmula apresentada ao país em 1952 e 1956 –um candidato popular, atraente e um programa liberal com relação à direitos civis, seguridade social e trabalho.¹³⁹

Fica claro aqui que a ala liberal do GOP não ameaça as conquistas angariadas pelos setores subordinados ao longo da história, em certo nível até procura mantê-las, mas nunca estendê-las. A manutenção de um orçamento balanceado a moda Republicana não permite maiores gastos com a ampliação de programas sociais. Nas palavras do próprio Nixon: “o único caminho para o progresso é por políticas econômicas conservadoras que encorajem o segmento empresarial privado de nossa economia e que não se voltem para o governo toda vez que surgir um problema.”¹⁴⁰

A tensão entre as alas conservadora e liberal do GOP se estenderá por longas décadas, pelo menos até os anos 70, mas nem por isso devemos nos enganar em pensar que o partido Republicano ou GOP -*Grand Old Party*- estava arruinado, esmigalhado pelo Partido Democrata em frações inconciliáveis. A situação claramente desfavorável na arena política, pelo menos naquele momento, do projeto base encabeçado pelo partido -o liberalismo- gerou desgaste sim, e uma real dificuldade inicial de se reorganizar

¹³⁸ New York Times, 14 de Dezembro de 1934. ‘*Rebirth of Party demanded by Nye*’. “*the Republican party would die if its leaders remained those who can offer nothing but the Old Deal as a substitute for the New.*”

¹³⁹ New York Times, 20 de Fevereiro de 1959. ‘*GOP labor feud.*’ “*The liberal wing of the GOP –including vice president Richard M. Nixon, Secretary of Labor James P. Mitchell, Attorney general William P. Rogers and Secretary of the Interior Fred A. Seaton- ...believe the formula for victory over the Democrats in 1960 is the formula presented to the country in 1952 and 1956 –a popular, attractive candidate and a liberal civil rights, Social Security and labor program.*”

¹⁴⁰ New York Times, 17 de Fevereiro de 1959. ‘*Nixon urges GOP to back its credo.*’ “*...the only way to progress is through conservative economic policies that encourage the private enterprise segment of our economy and don’t turn to Government every time there’s a problem to be solved.*”

politicamente, mas como apontado por um jornalista do Kansas: partidos não morrem de cima, mas por suas raízes, e as raízes do partido Republicano no leste e meio-oeste ainda estão cheias de seiva.”¹⁴¹

Outro aparelho inserido na mesma perspectiva da Liga e igualmente patrocinado pelo grande capital foi o *Committee for Constitutional Government* (CCG). Fundado em 1937, o Comitê exerceu significativa pressão em relação à legislação trabalhista e aos impostos.¹⁴²

Por parte dos setores médios encontramos a contra-hegemonia de caráter fascista, bem menos numerosa, mas ainda se fazia presente. Segundo Diamond, havia mais de 100 organizações fascistas ativas durante a Grande Depressão. À época da implementação das reformas do *New Deal* e a conseqüente implantação do projeto social-democrata, fascistas mostravam-se insatisfeitos sob a alegação de que o país estaria caminhando em direção ao socialismo.¹⁴³ Durante o período entre 1942 e 1944, o Departamento de Justiça processara diversos fascistas sob a acusação de sedição. O caso mais notório fora o de Lawrence Dennis, ex-funcionário do Departamento do Estado, que havia se tornado editor de livros e revistas de conteúdo fascista.¹⁴⁴

O mais conhecido dos aparelhos xenófobos, a *Ku Klux Klan*, longe do tamanho e popularidade atingido nos anos 20, não desaparecera por completo. Defensora ferrenha da ordem e moral tradicionais, a KKK, em especial nos estados do sul, uniu esforços junto à polícia e empresas locais, aterrorizando sindicalistas, principalmente negros e camponeses.¹⁴⁵ Desdobramento da *Klan* ao norte, a *Black Legion* gerou frutos, ainda que breves, no Michigan e outros estados. Contabilizando um total de 40.000 membros em 1936, em sua maioria trabalhadores pouco especializados, a Legião perpetrou inúmeros ataques a sindicalistas e ativistas.¹⁴⁶

¹⁴¹ BADGER, Anthony. op. cit, p.286. “Parties do not die from de top but from the roots, and the roots of the Republican Party in the East and Mid-West are still full of courthouse sap.”

¹⁴² DIAMOND, Sara. op. cit, p.23. apud CCG annual reports, pamphlets, newswetters and speech reprints, Reel. 29, Right-wing collection of the University of Iowa.

¹⁴³ DIAMOND, Sara. op.cit., p.22.

¹⁴⁴ Idem. p.22. apud SCHONBACH, Morris. Native american fascism during the 1930 and 1940: a study of its roots, its growth and its decline. NY:Garland, 1958. p.245-247.

¹⁴⁵ BERLET, Chip & LYONS, Matthew. op. cit, p.132.

¹⁴⁶ Idem, p.132. apud SCHONBACH, Morris. Native american fascism during the 1930 and 1940: a study of its roots, its growth and its decline. NY:Garland, 1958.

Significativamente menos violenta que a *Klan* e seus braços, embora não menos fascista, era a *American Silver Shirts*, fundada por William Dudley Pelley em 1933. Particularmente ativa no meio -oeste e na costa do pacífico este aparelho, bastante limitado em número de membros (apenas 15.000 no auge de 1934), era composto predominantemente por protestantes pertencentes aos setores operário e médio da sociedade. A *American Silver Shirts* não prezava ataques violentos, atendo-se a estratégias de propaganda por meio de seu periódico semanal *Liberation*. Era por meio deste veículo que Pelley compartilhava com estimados 50.000¹⁴⁷ leitores seu projeto de sociabilidade intitulado *Christian Commonwealth*. De acordo com o mesmo, Pelley sonhava com um país organizado enquanto uma enorme corporação funcionando a partir de planejamento central; bancos, moeda, propaganda, sindicatos e serviços de advocacia privados seriam abolidos; casamento e maternidade selariam o lugar da mulher dentro desta sociedade; negros, imigrantes, indígenas e judeus viveriam em separado como em guetos e sem direitos políticos básicos como o voto.¹⁴⁸

Extremamente excludente, o *Christian Commonwealth* trazia também forte conteúdo apocalíptico, anti-semítico e anti-coletivista como podemos observar na edição de 21 de agosto de 1938 do *Liberation*. A sociedade apresentar-se-ia de forma basicamente dual contendo elementos ou preceitos julgados enquanto cristãos e demoníacos.

Anti-Cristo	Cristo
Judaísmo	Cristianismo
Materialidade	Espiritualidade
Modernismo	Fundamentalismo
Esquerdismo	Direitismo
Socialismo judaico	Individualismo
Comunismo judaico	Constitucionalismo
Protocolos do Sião	Cumprimento da constituição dos EUA
Manifesto comunista	Carta dos Direitos
Democracia	República constitucional
Comunismo	Americanismo

¹⁴⁷ Idem, ibidem, p.133.

¹⁴⁸ Idem, ibidem, p.133. apud RIBUFFO, Leo. The Old Christian Right: the protestant far right from the Great Depression to the Cold War. Philadelphia: Temple Univ.Press, 1983.p.67 -70.

Internacionalismo	Nacional Patriotismo
Subversão judaica	Vigilantismo Americano
Guerra	Paz ¹⁴⁹

Composta predominantemente por alemães e assim naturalizados, a *German-American Bund* (Liga germano-americana) teve em Fritz Julius Kuhn seu maior líder. Kuhn revelou-se, desde que assumira a liderança em 1936, um importante agente organizador e aglutinador dos inúmeros faccionismos do grupo. Graças a sua atuação militante, Kuhn conseguiu sanar os débitos da organização, criar uma ala paramilitar, o *Ordnungsdienst* e promover inúmeras manifestações. A mais notável entre elas deu-se em fevereiro de 1939 quando conseguiu reunir 22.000 pessoas no coração dos EUA democrata, mais especificamente na cidade de Nova York, para seu comício *Pro-American Rally*. Um dos objetivos da Liga era preservar os alemães da suposta cultura materialista norte-americana dominada por judeus. Assim, a Liga denunciava abertamente a teoria do *melting pot* (cadinho de raças), tipicamente norte-americana de forte apelo no imaginário social, como uma invenção judaica, urgindo aos alemães que se mantivessem ‘puros’, ou seja, longe da degeneração não apenas genética, mas também cultural inevitavelmente trazida pela miscigenação.¹⁵⁰

Por último, mas talvez o aparelho de oposição à social-democracia mais importante deste período, temos a cruzada cristã empreendida pelo pastor Charles Coughlin. A militância política e religiosa do pastor Coughlin data ainda dos anos de 1920, trilhando os primeiros passos da fama de pastor do rádio. O pastor Coughlin inaugura um novo e radical método de mobilização e conscientização política do setor, posteriormente conhecido como direita cristã. Suas primeiras transmissões se dão logo em 1926, explorando o enorme potencial oferecido por um sistema de comunicação, ainda pouco explorado por políticos

¹⁴⁹ Idem, ibidem. p.133. apud SINGERMAN, Robert. *Antisemitic propaganda: an annotated bibliography and research guide*. NY: Garland, 1982.p.xxx. “*Anti-Christ -Judaism, materiality, modernism, leftist, Jewish socialism, Jewish communism, protocols of Zion, communist manifesto, democracy, communism, internationalism Jewish subversion- War. Christ -Christianity, spirituality, fundamentalism, rightist, individualism, constitutionalism, US constitution enforced, Bill of rights, constitutional republic, Americanism, national patriotism, American vigilantism- Peace.*

¹⁵⁰ Idem, ibidem.p.134.

norte-americanos.¹⁵¹ Segundo Berlet e Lyons, seus sermões eram transmitidos em mais de 30 estações de rádio, alcançando um público estimado em 40.000 ouvintes já em 1930.

As primeiras transmissões não poderiam ser consideradas ainda plenamente antagônicas à proposta social-democrata. Na verdade, Coughlin fora, até pelo menos a metade da década de 30, um forte aliado de Roosevelt, denunciando o capitalismo predatório, recriminando a concentração de renda. O pastor apoiara a campanha de 1932, chegando mesmo a parabenizar de maneira extravagante a nova administração.

Quando em uma transmissão radiofônica em fins de 1933, por exemplo, ele casualmente sugerira que seus ouvintes escrevessem a Franklin Roosevelt para expressar sua gratidão por sua liderança inspiradora, o correio da Casa Branca fora inundado por centenas de cartas cheias de entusiasmo.¹⁵²

Como alguns conservadores mencionados acima, Coughlin fazia duras críticas ao capital financeiro. Segundo ele, existiam dois tipos de produtores: os ‘produtores de dinheiro’, que tinham por objetivo a produção e reprodução deste mesmo bem a partir do próprio, e os ditos produtores da ‘verdadeira’ riqueza, cujo objetivo era produzir coisas, objetos a partir de matéria-prima como sapatos, fogões, automóveis etc. Para Coughlin, o industrial “é essencialmente um produtor. O homem de finanças é essencialmente um parasita.”¹⁵³ O capital financeiro aparece como um verdadeiro demônio, responsável por todos os males e infortúnios, tanto dos produtores de bens para o mercado interno, quanto dos trabalhadores. A luta de classe e a realidade de exploração do trabalhador pela extração do sobretrabalho são completamente ignoradas nos discursos de Coughlin. Partem daí suas primeiras, mas profundas críticas ao *New Deal*. Em março de 1934 declara ele:

Hoje capital e trabalho estão em estado de tensão e instabilidade... Ambos são vítimas dos interesses dos financistas, que sabem pouco dos problemas dos industriais e não poderiam ligar menos para as lágrimas do trabalhador... Ambos têm seu sangue sugado por especuladores no mercado de ações e lucrativos de *Wall Street*.¹⁵⁴

¹⁵¹ Idem, ibidem. p.137.

¹⁵² BRINKLEY, Alan. **Voices of protest: Huey Long, Father Coughlin and the Great Depression**. New York: Alfred Knopf, 1982. p.120. “When in a broadcast late in 1933, for example, he casually suggested that his listeners write Franklin Roosevelt to express their gratitude for his inspired leadership, the White House mail room was inundated with hundreds of rapturous letters.”

¹⁵³ BERLET, Chip & LYONS, Matthew. op. cit, p.138. apud COUGHLIN, Charles. The New Deal in money. MI: The radio league of the little flower, 1933. p.118.

¹⁵⁴ Idem, p.139. apud COUGHLIN, Charles. Eight lectures on labor, capital and justice. MI: The radio league of the little flower, 1934. p.119-120.

Mesmo compartilhando com a *American Liberty League* críticas e desafeições para com o capital financeiro, a proposta de Coughlin desembocava em direção oposta. Ao contrário do *laissez-faire* abraçado pela ALL, a *National Union for Social Justice*, sindicato fundado pelo pastor em 1934, apontava para formas de se garantir uma melhor distribuição de renda dentro do próprio sistema capitalista e sem maiores privilégios para o setor financeiro.

Com o passar dos anos 30, Coughlin se afasta cada vez mais da proposta democratizante de Roosevelt, chegando a assumir uma postura cada vez mais intolerante, anti-democrática e anti-semita. Nem por isso tornou-se menos popular. Como afirmam Berlet e Lyons, ele fora o único líder fascista da década de 30 a ter apoio de massa, sendo particularmente caro entre pequenos produtores rurais e pela comunidade católica (em especial irlandeses) do nordeste.¹⁵⁵ Em julho de 1938 seu periódico *Social Justice* começou a publicar os famosos *Protocols of the Elders of Zion*. Primeiramente publicados em 1903 na Rússia e atribuídos à polícia secreta do Tzar, os Protocolos consistem em uma descrição de uma série de reuniões de lideranças judaicas mundiais, com o objetivo de arquitetar um plano de dominação mundial. Os Protocolos carregam ao longo de suas páginas uma série de preconceitos com relação à comunidade judaica, apontando o povo judeu como tirano, especulador financeiro e promotor de uma forma de governo global e coletivista. A obra chega aos EUA e à Europa pelas mãos de emigrados fugidos da Revolução de 1917.¹⁵⁶

Mais tarde, em novembro do mesmo ano (1938), Coughlin irá não só defender a *Kristallnacht*¹⁵⁷ enquanto método eficaz de contenção do comunismo na Alemanha, como funda o *Christian Front*, aparelho mais claramente alinhado com o fascismo e empreendedor de dura violência contra judeus.¹⁵⁸

Como podemos perceber, a implantação do Estado de bem-estar social nos moldes do *New Deal* fora um processo único no desenvolvimento político e histórico dos EUA.

¹⁵⁵ Idem, ibidem, p.143.

¹⁵⁶ Idem, ibidem, p.105.

¹⁵⁷ Alemão para 'noite dos cristais'. Refere-se ao incidente ocorrido em diversas cidades da Alemanha nazista na noite de 9 de novembro de 1938. Nesta ocasião, oficiais nazistas e parte da população civil invadiram, depredaram e incendiaram diversos estabelecimentos comerciais judaicos, sinagogas e residências, deixando as ruas cobertas de cacos de vidro. Diversas pessoas, identificadas como judeus, foram ainda violentamente agredidas, detidas e levadas para campos de concentração.

¹⁵⁸ BERLET, Chip & LYONS, Matthew. op. cit., p.142.

Seus frutos geraram desde o alargamento qualitativo considerável na sociedade política e uma melhor distribuição de renda nacional até à profunda revolta por parte de setores mais conservadores. Entretanto, a gama de discursos oposicionistas se apresentava ainda de modo demasiado pulverizado, sem constituir um bloco sólido, organização coletiva ou projeto minimamente unificado capaz de deter o avanço keynesiano. Novos conflitos não tardariam a aparecer, evidenciando feridas que mesmo temporariamente estancadas, teimavam em sangrar. A Guerra Fria vem, então, aquecer as turbinas do conservadorismo em direção a uma reação organizada e também a dos movimentos sociais na tentativa urgente de manter vivo seu tão prezado, tão lutado Estado de bem-estar social.

Capítulo III

O Acirramento das Lutas

Os opositores conservadores do *New Deal*, como veremos mais adiante, divergiam política e ideologicamente em inúmeros aspectos, o que dificultava de imediato a constituição de uma reação organizada capaz de deter o avanço das políticas keynesianas. As décadas de 1930 e 1940 serão claramente tempos desfavoráveis para os conservadores tanto liberais quanto fascistas em termos de popularidade nacional. O Partido Republicano tornara-se, então, claramente minoritário no Congresso.¹⁵⁹

O projeto social-democrata de sociabilidade construíra durante o entreguerras uma forte hegemonia, sendo aceito por amplos setores sociais durante muitas décadas, aproximadamente até o fim da Guerra Fria. Nem por isso, podemos pensar que este fora menos complexo e que tenha enfrentado menos conflitos durante sua existência.

É durante o período da Guerra Fria que podemos perceber os primeiros avanços em direção a uma reação coletiva e organizada com o objetivo de deter o avanço keynesiano. E, segundo Himmelstein e Diamond, os grandes veículos agregadores da oposição liberal e fascista durante as décadas de 1950 e 1960 serão não apenas a clara oposição ao *New Deal*, mas também o anticomunismo e uma forte crítica ao humanismo secular.

Era comum entre Republicanos a ligação do *New Deal*, suas reformas e significados, ao comunismo. A segunda metade da década de 40 é marcada por crescentes pressões desse partido ao Comitê de Atividades Não-Americanas por investigações de casos de subversão dentro e fora do Partido Democrata.¹⁶⁰ Para além de pressões dentro da sociedade política, esforços também foram feitos na sociedade civil. Intelectuais liberais, como os economistas neoclássicos Friedrich Hayek, Ludwig von Mises e Milton Friedman, assim como figuras tradicionais do que se conhece como Velha Guarda do GOP, como Herbert Hoover e Robert Taft, trabalharam intensamente pela defesa e propagação da ideologia liberal.¹⁶¹ Esta, profundamente influenciada pelo Jus-naturalismo e pela doutrina do *laissez-faire*, estava assentada na defesa das liberdades individual e econômica, no direito à propriedade privada e no papel limitado, senão inexistente, do Estado na

¹⁵⁹ HIMMELSTEIN, Jerome. op.cit., p.19.

¹⁶⁰ Idem, p.19-20.

¹⁶¹ Idem, ibidem., p.46

economia. Além disso, o liberalismo assume ainda, que um conjunto de indivíduos na busca pela realização de suas próprias felicidades individuais viveria harmoniosamente em sociedade.

Lugar privilegiado para articulação política, os periódicos conservadores desempenharam a essa época papel crucial para o desenvolvimento de projetos e propagação ideológica. Entre os mais relevantes podemos citar a *National Review*, o *Human Events* e o *The Freeman*. Na luta contra o dito ‘coletivismo doméstico’, os artigos divulgados por tais periódicos traziam tanto a crítica liberal secular exposta acima quanto à de cunho moralista tradicional. Críticas de fundo moralista da sociedade tornaram-se particularmente intensas no período da Guerra-Fria.

Fruto de longo processo de luta, movimentos sociais em prol da ampliação do Estado de bem-estar e principalmente os movimentos em prol da ampliação dos direitos civis explodiram em diversas regiões do país nas décadas de 1960 e 1970. Mais do que qualquer período, tais décadas ficaram marcadas no imaginário social norte-americano enquanto tempos de contestação e mudança profundos, tempos de ampliação da própria idéia de cidadania e de luta pela tolerância.¹⁶²

No capítulo anterior, procuramos destacar a importância e significado dos movimentos sociais (principalmente o sindical) e suas conquistas no campo dos direitos trabalhistas durante as décadas de 1930 e 1940. Entretanto, observamos que tais conquistas não foram asseguradas para a totalidade dos trabalhadores. A luta pela construção de organizações classistas mais consistentes na sociedade civil, por transformações no cenário social e pela democratização da sociedade política norte-americana de 1930 não se mostrou limitada por consistir em uma luta de cunho reformista –uma vez que a maioria das organizações não advogava projetos revolucionários ou de transformações profundas-, mas de forma limitada se concretizou por este mesmo reformismo ser pouco, muito pouco democratizado entre o conjunto dos trabalhadores. Aqui jaz especificidade do processo de construção da social-democracia estadunidense. Se a social-democracia tem como objetivo básico trazer soluções às crescentes reivindicações dos trabalhadores por meio de uma ampla negociação entre as classes (como forma manter a própria estrutura de classes), esta encontrou nos EUA um terreno especialmente particular, onde o conjunto dos trabalhadores

¹⁶² PAMPLONA, Marco Antônio. **Revendo o sonho americano: 1890-1972**. São Paulo: Atual, 1995.

se encontrava marcado pela segregação de negros, latinos, judeus e asiáticos. Durante a década de 1930, “a estrutura fragmentada do movimento sindical, dividido em habilidades profissionais e disputas raciais, étnicas e religiosas”¹⁶³ dificultava a formação de um coletivo unido pela problemática da classe. Os aparelhos ditos classistas¹⁶⁴ mostravam-se entrecortados não pela diferença, que traz riqueza ao coletivo, mas pela segregação. Limoncic afirma que:

desde o fim das tentativas de integração social, econômica e política dos negros do período da Reconstrução, no pós-Guerra Civil, até a ascensão da CIO [*Congress of industrial Organizations*], a mão de obra negra viu-se sistematicamente rejeitada pelo movimento sindical, particularmente o liderado pela AFL [*American Federation of Labor*].¹⁶⁵

O mesmo autor nos revela ainda quão delicado era o panorama dessas relações no Sul.

No sul, as empresas reproduziam os ‘hábitos locais’ de segregação racial, e os negros só tinham acesso aos postos mais baixos da linha de montagem e tal prática era apoiada, por exemplo, por várias seções estaduais do UAW [*United Auto Workers*], em flagrante contraste com a política nacional dos sindicatos. Por fim, a cruzada do CIO contra os comunistas, tradicionais aliados dos trabalhadores negros do Sul, enfraqueceu decisivamente a empreitada.¹⁶⁶

O diferencial trazido pelas décadas de 1960 e 1970 consiste exatamente em não apenas em ampliar o Estado de bem-estar em suas políticas reformistas, consolidando assim a social-democracia, mas por ampliar também qualitativamente estas conquistas, estendendo-as a outros grupos em certo sentido (legal e politicamente) ainda mais subordinados, posto que privados da cidadania em sua forma plena. As reivindicações observadas em 60 e 70 conjugaram lutas pela ampliação e consolidação dos direitos sociais e dos direitos civis. Foram tempos que marcaram profundamente a sociedade norte-americana ao figurarem enquanto marco de contestação e avanços notáveis na cidadania em direção a uma perspectiva multicultural. Ao movimento em prol dos direitos civis dos afro-

¹⁶³ LIMONCIC, Flávio. op. cit., p.,32.

¹⁶⁴ Com relação às discussões acerca desse ponto, nos centraremos no sindicato como primeira entidade classista. A opção pelo sindicato baseia-se muito mais em uma falta de informação por parte da autora sobre outras entidades classistas de grande porte do que em uma escolha propriamente dita.

¹⁶⁵ LIMONCIC, Flávio. op. cit.p.137.

¹⁶⁶ Idem, p, 137-138. Para maiores discussões ver: SALVATORE, Nick (org). **Seventy years of life and labor. An autobiography. Samuel Gompers**. New York: ILR Press, s.d. LICHTENSTEIN, Nelson. **Walter Reuther: the most dangerous man in Detroit**. Chicago: Univ. of Illinois Press, 1995. LICHTENSTEIN, Nelson. From corporativism to collective bargaining: organized labor and the eclipse of social democracy in the postwar Era. In: FRASER, Steve & GERSTLE, Gary (orgs). **The rise and fall of the New Deal order, 1930-1980**. Princeton: Princeton Univ. Press, 1989.

americanos e a luta pela abolição do *Jim Crow*¹⁶⁷, juntavam-se os movimentos em favor de outras minorias como hispânicos, indígenas, mulheres e homossexuais. Discussões outrora pouco tocadas ou deliberadamente relegadas ao âmbito do pecado como a revolução sexual, o amor livre, a preservação do meio ambiente, o aborto e métodos contraceptivos adentram como um furacão pela porta da frente, juntamente com iniciativas de oposição feroz à política externa norte-americana. Popularizam-se, particularmente entre os jovens, movimentos a favor da paz, contra a guerra, e nesse caso mais especificamente, pela saída dos EUA do Vietnã.

As reivindicações então assistidas faziam parte, seguramente, de um processo complexo de lutas em torno de uma nova idéia de ‘América’ e que, naquele momento, explodiram de forma dramática, iniciando um processo concreto de renovação social em várias direções. Tal processo obteve os primeiros sucessos em 1946, com a criação do Comitê Presidencial sobre os Direitos Civis. No ano seguinte, o mesmo comitê trouxe a público o relatório intitulado ‘Para assegurar esses direitos’ propondo leis federais antilinchamento e anti-segregação, garantia do direito de voto, iguais oportunidades de emprego e a proposta de estabelecimento de uma comissão permanente para assegurar os direitos civis no Ministério da Justiça¹⁶⁸.

As administrações Kennedy e Johnson buscaram, assim, solidificar a agenda de ampliação da cidadania e inclusão social tão reivindicada por organizações como SNCC (*Student Non-violent Coordinating Committee*), CORE (*Congress of Racial Equality*) e NAACP (*National Association for the Advancement of Colored People*), militantes como Martin Luther King e tantos outros manifestantes. Seus respectivos programas ‘Nova Fronteira’ e ‘Grande Sociedade’ procuraram expandir, o segundo mais que o primeiro, as responsabilidades do governo federal para com os direitos civis e o Estado de Bem-Estar Social, recuperando a tradição keynesiana do reformismo democrata de 30. Pelo *Office of Economic Opportunity* comunidades de baixa renda eram encorajadas a participar da implementação de programas de habitação, educação e emprego. Em 1965 passa a funcionar o *Medicare* (ajuda federal aos idosos), a nova lei de imigração elimina as restritivas ‘cotas nacionais’ estabelecidas desde os anos 20, entra em vigor a lei dos direitos

¹⁶⁷ Sistema de segregação racial institucionalizada adotado em 1890 por muitos estados norte-americanos.

¹⁶⁸ PAMPLONA, Marco Antônio. op.cit., p.74.

civis garantindo proteção federal para que o negro pudesse votar. Seguem-se ainda outras importantes medidas como a ação afirmativa, *Medicaid* (sistema de assistência social), a constituição da Comissão Especial para Desordens Cíveis e a legalização do aborto em certos casos¹⁶⁹.

Entretanto, é preciso ter em mente que esses esforços nem sempre foram frutos da ação e organização integrada do conjunto dos trabalhadores e que, em muitos aspectos, esse período de consolidação do Estado de bem-estar nos EUA parece apresentar vínculos parcos entre as lutas democráticas e as lutas sociais.

Nos anos 1960, o sindicalismo norte-americano ver-se-ia atacado em duas frentes. De um lado, tendo sido incapaz de incorporar organicamente a mão-de-obra negra, deixando-a, em grande parte, fora dos benefícios privatizados do fordismo keynesiano, ele não foi capaz de fazer frente, adequadamente, à explosão racial iniciada ainda nos anos 1950. (...) [E, por outro, os] movimentos sociais de emancipação das mulheres, contra a Guerra do Vietnã, a *New Left*, a contra-cultura etc., muitas vezes chegaram mesmo a se opor ao AFL-CIO, crescentemente identificado, não sem razão, ao *mainstream* da política norte-americana.¹⁷⁰

Parece-nos, assim, um tanto peculiar a construção da social-democracia na ‘América’. Melhor talvez se fosse denominada ‘social e democracia’, dado que ambas as lutas parecem se acirrar dentro do mesmo espaço de tempo, mas desenvolvem-se muitas vezes de forma separada. Ainda que desta forma única e peculiar, acreditamos que as décadas de 1960 e 1970, assim como anteriormente em 1930, consistiram em um novo momento importante, no qual setores da classe dominada e setores dominados da classe dominante realizaram concretamente muitas de suas reivindicações, conquistando espaço na sociedade política para implementar, pelo menos, parte de seus projetos. É certo que o dissenso sempre existiu juntamente com outras tantas investidas contra-hegemônicas desde o XIX. Mas foram nessas décadas especificamente que as investidas em prol de uma sociedade mais inclusiva e democrática resultaram em medidas efetivas em favor dos mais diversos grupos sociais subordinados.

Entretanto, não seria sensato presumir tampouco que as vitórias angariadas nesse momento, ainda que mudando efetivamente o caráter da ‘América’, resultaram numa transformação radical das relações de hegemonia a ponto de se observar a emergência de

¹⁶⁹ BERLET, Chip & LYONS, Matthew. op.cit; PAMPLONA, op.cit.

¹⁷⁰ LIMONSIC, Flávio. op. cit.,p.140.

uma nova classe dominante. Pelo contrário, estamos talvez muito mais próximos de caso de revolução passiva.¹⁷¹ Segundo Gramsci, este conceito está intimamente ligado aos conceitos de guerra de posição e hegemonia anteriormente apresentados. Assim, a relação entre os termos passa pela:

expressão prática das necessidades da ‘tese’ de se desenvolver integralmente, até o ponto de conseguir incorporar uma parte da própria antítese, para não se deixar ‘superar’, isto é, na oposição dialética somente a tese desenvolve, na realidade, todas as suas possibilidades de luta, até capturar os supostos representantes da antítese.¹⁷²

Isso dito, temos a revolução passiva como uma etapa da guerra de posição, etapa específica de articulação das frações da classe dominada. É um momento elementar de organização e busca pela construção da hegemonia por parte dos grupos subalternos (passo para frente). Mas exatamente porque etapa da guerra de posição e porque a articulação ainda não se apresenta unitária, abre espaço para uma possível reação por parte da classe dominante no sentido de manutenção de sua posição, mesmo que temporariamente em crise de hegemonia.

O que de fato há é um subversivismo, ‘esporádico, elementar e inorgânico’ que, pelo seu primitivismo não elimina a capacidade de intervenção das classes dominantes, muito embora fixe seus limites e imponha a necessária absorção de uma parte das demandas de baixo, justamente aquelas que não são contraditórias com a ordem econômica e política.¹⁷³

Mantêm-se os dedos, perdem-se os anéis. Vitória, ainda que insuficiente, das classes dominadas. Gramsci ao analisar o caso italiano prossegue:

...elas exprimem, talvez, o fato histórico da ausência de uma iniciativa popular unitária no desenvolvimento da história italiana, bem como o fato de que o desenvolvimento se verificou como reação das classes dominantes ao subversivismo esporádico, elementar, não orgânico das massas populares, através de ‘restaurações’ que acolheram uma certa parte das exigências que vinham de

¹⁷¹ Entendemos que Gramsci ao desenvolver o conceito de revolução passiva não tinha em mente um Estado de conformação política democrática e desenvolvimento econômico avançado, como os EUA. Ao contrário, este conceito foi cunhado para se tentar entender a situação vivida pela Itália à época da unificação nacional, caso esse um tanto diverso do analisado aqui. A proposta em se entender o reformismo keynesiano em um país central fica, então, como uma tentativa, ainda que ousada de nossa parte, de ampliação o conceito, trazendo-o para um contexto contemporâneo.

¹⁷² GRAMSCI, Antonio. (b) **Cadernos do Cárcere**. Vol.5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.318.

¹⁷³ BIANCHI, Álvaro. Revolução passiva: o pretérito do futuro. In: BOITO Jr., Armando, GALVÃO, Andréia, TOLEDO, Caio.(org) **Crítica Marxista**. n.º23.SP: Revan, 2006.p.47.

baixo; trata-se, portanto, de ‘restaurações progressistas’ ou ‘revoluções-restaurações’, ou, ainda, ‘revoluções passivas’.¹⁷⁴

Para o êxito em transformações mais profundas, porém, Gramsci destaca que a revolução deve ser permanente, pressões de cunho econômico-corporativo criariam somente fissuras, que se não aprofundadas na luta continuada em torno dos interesses de todos os setores subordinados, não se chegaria a mudanças concretas, efetivas e duradouras ou a um Estado caracteristicamente novo (e não renovado).

A revolução passiva, como veremos abaixo, não seguiu adiante e as crises sociais acabam por resultar numa reorganização da hegemonia no seio da classe dominante como forma de assegurar a dominação e o desenvolvimento continuado das forças produtivas.¹⁷⁵ Nos parece claro, portanto, que ao longo desse árduo processo de luta iniciado desde os anos 1930 a perda da posição hegemônica representada politicamente pelo liberalismo segregacionista não chegou a reverter, senão amenizar pela ampliação dos direitos sociais e revitalização temporária do Estado de Bem-Estar Social, as relações de subordinação presentes no sistema.

Tantas transformações certamente não foram conquistadas facilmente, encontrando uma série de obstáculos e entraves durante o próprio processo de luta. Nota-se que, aliada à crítica liberal mencionada já no capítulo anterior, temas como a descrença na existência de uma ordem moral divina, o declínio do senso de comunidade, a decadência dos valores espirituais e morais, a corrupção de instituições burguesas tradicionais como família e o casamento faziam-se igualmente presentes nos discursos da oposição, muitas vezes mesclados aos argumentos de defesa do liberalismo clássico. A essa nova abordagem moral do liberalismo deu-se o nome de fusão.¹⁷⁶

Diferenciando conservadores e ‘liberais’, Barry Goldwater, senador republicano pelo Arizona desde 1953, em matéria especial para o *New York Times* nos revela algumas marcas desse liberalismo. A reportagem é publicada em 1960, e a essa data já podemos perceber que o discurso do senador, mesmo tratando de um tema político, aparece entrecortado por elementos que remetem a um imaginário religioso ou espiritual.

¹⁷⁴ GRAMSCI, Antonio. (a) **Cadernos do Cárcere**. Vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2004. p.393.

¹⁷⁵ BOTTOMORE, Tom. Antonio Gramsci. In: **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.p. 165-167.

¹⁷⁶ HIMMELSTEIN, Jerome. op. cit, p.28-62.

... os conservadores levam em conta o homem por inteiro, enquanto os liberais tendem a olhar somente para o lado material da natureza do homem. O conservadorismo enxerga a completa realização dos desejos espirituais do homem enquanto a primeira preocupação da filosofia política. Liberais, em nome da preocupação com os 'seres humanos', consideram a satisfação dos desejos econômicos como a missão dominante da sociedade.¹⁷⁷

Até esse momento, o senador fala somente em 'conservadorismo', em oposição ao reformismo social-democrata, caracterizado como 'liberal'. A ode ao indivíduo, genuíno agente da mudança e da construção histórica para o liberalismo, só aparecerá mais adiante. E acompanhará igualmente, ainda que de forma mais sutil, a crítica à intervenção do Estado no âmbito privado.

Ao respeitar a individualidade do homem, o conservador percebe que o desenvolvimento espiritual e material do homem não é algo que possa ser dirigido por forças externas. Todo homem, para seu próprio bem e para o bem da sociedade, é responsável pelo seu próprio desenvolvimento. As escolhas que regem sua vida são escolhas que ele deve fazer.¹⁷⁸

No correr do artigo, o senador apresentará críticas mais duras e diretas ao Estado de bem-estar e às tão custosas políticas inclusivas e ao poder centralizado.

Um governo centralizado que não pára de crescer custa mais e mais dinheiro, o que inevitavelmente requer mais e mais altos impostos. (...) Conservadores lidariam com a situação dessa maneira: reduzir o tamanho do governo federal e os projetos com os quais este está comprometido, reduzindo dessa forma os impostos a nível federal. (...) Assim, nós conservadores defendemos que um marcante afastamento do governo centralizado e do custoso Estado de bem-estar social resultaria na solução desses problemas. Uma redução nos custos de nosso governo doméstico ao ponto de que os impostos pudessem ser reduzidos em todos os níveis liberaria mais dinheiro para escolas, aposentadoria e saúde.¹⁷⁹

¹⁷⁷ New York Times 31 de Julho de 1960. 'A conservative sets out his credo' "... the conservatives take account of the whole man, while the liberals tend to look only at the material side of man's nature. Conservatism looks upon the fulfillment of man's spiritual desires as the primary concern of political philosophy. Liberals, in the name of concern for 'human beings', regard the satisfaction of economic wants as the dominant mission of society."

¹⁷⁸ Idem. "In respecting the individuality of man, the conservative realizes that man's spiritual and material development is not something that can be directed by outside forces. Every man, for his individual good and for the good of his society, is responsible for his own development. The choices that govern his life are the choices that he must make."

¹⁷⁹ Idem. *ibidem*. "Undiminishing centralized government costs more and more money, which inevitably requires more and higher taxes. (...) Conservatives would approach the situation in this manner: reduce the size of the Federal Government and the projects in which it is engaged, thereby reducing taxes at the Federal level. (...) Thus, we conservatives argue, a marked trend away from centralized government and the costly welfare State would result in a solution to these problems. A reduction in the cost of our domestic government to the extent that taxes could be reduced at all levels of government would free money for schools, for retirement needs and for health needs."

A aliança fusionista, mais do que nova configuração política para conter o avanço e a, a essa época, clara consolidação do projeto social-democrata, representa a pedra fundamental para o entendimento do caráter moralista, e até religioso, explícito no neoliberalismo abraçado pela presente ala conservadora do Partido Republicano. Os discursos e direcionamentos políticos de Reagan, Bush pai e filho têm suas raízes no fusionismo. Os periódicos citados ao início do capítulo foram exatamente os canais usados para o desenvolvimento e expansão desse projeto. Frank Meyer, por anos editor da *National Review*, afirmara que a busca pela virtude seria impossível sem liberdade e que esta última, por sua vez, seria vazia e sem significado se desprovida de uma finalidade transcendental.¹⁸⁰ Whittaker Chambers em artigo para a *National Review* reitera o argumento ao alertar que a pura e simples busca pela felicidade acabaria por se degenerar, transformando-se rapidamente pela busca do mero prazer, e daí para o desejo de que o Estado desse conta dos problemas. Sem um propósito maior, liberdade e individualismo levariam facilmente à passividade e seria o homem alvo fácil para a manipulação.¹⁸¹

Com fortes ligações com a ala conservadora do Partido Republicano e apoio de parte do capital industrial do Meio-oeste e do Texas, o projeto fusionista de liberalismo moral rapidamente se popularizou entre setores médios da sociedade. Impulsionou ainda o surgimento de diversos aparelhos privados de hegemonia, a exemplo do *Young Americans for Freedom* (YAF), do *American Conservative Union* e da *John Birch Society*.

Esses são dias de um despertar do ultra-conservadorismo; do desejo pelo retorno à um passado glorioso que nunca existiu ou poderia existir; da *John Birch Society*, operação alerta e *Veritas Foundation*; e de uma economia mau compreendida. (...) Ironicamente, o keynesianismo é descrito por esses críticos como ‘impraticável’ e ‘enganador’ e seus advogados tidos como comprometidos ou membros adeptos de uma conspiração do submundo esquerdista para destruir toda as empresas privadas e estabelecer o socialismo universal.¹⁸²

Setor jovem da ala conservadora do Partido Republicano, o YRF fora formado em 1960 durante uma reunião na propriedade familiar de William Buckley Jr.(fundador da

¹⁸⁰ MEYER, Frank. **Conservative mainstream** New York: Arlington House, 1969.p. 43-51.

¹⁸¹ CHAMBERS, Whittaker. Big sister is watching you. In: **National Review**º 4, 1957.p. 594-596.

¹⁸² New York Times. 30 de Julho de 1961. ‘Keynes under attack.’ “These are days of the revival of ultra-conservatism; of the desire to return to a glorious past that never did or could exist; of the John Birch Society, Operation Alert and the Veritas Foundation; and of mislearned economics. (...) Ironically, ‘keynesism’ is described by these critics as ‘outworn’ and ‘deceptive’ and its advocates as writing or unwriting members of a conspiracy by the ‘left-wing underworld’ to destroy all private enterprise and to establish universal socialism.”

National Review), se desligando do setor formal dos *Young Republicans*.¹⁸³ Os comícios promovidos pelo YAF tinham o apoio do GOP e objetivavam apoiar políticos e personalidades favoráveis ao programa fusionista como os senadores John Tower do Texas e Barry Goldwater do Arizona. Durante os primeiros dois anos de existência, a YAF inaugurou 310 agências regionais e ao final do ano de 1962 trinta e oito membros do Congresso faziam parte do quadro nacional de conselheiros da YAF.¹⁸⁴ Dados retirados do *New York Times* confirmam o crescimento e consolidação desse aparelho que, após cinco anos de sua fundação, já somava um total de 40 mil membros, com idade média de 22 anos, operando com um orçamento de 25 mil dólares ao mês.¹⁸⁵

A *John Birch Society* (JBS), igualmente de abrangência nacional e composta por inúmeros aparelhos locais, fora fundada em 1958, opondo-se a todo e qualquer tipo de interferência governamental no mundo do trabalho ou que viesse cercear as tão prezadas liberdades individuais e a tradicional boa e velha ordem moral. Era, portanto, contrária à legislação pró-sindical e aos subsídios agrícolas, aos programas de seguridade social e às medidas integracionistas –todas essas, medidas consolidadas durante as administrações social-democratas– além do desarmamento. Idéias conspiracionistas eram também populares entre os membros da *John Birch Society*. A ‘*Get US Out*’, uma das primeiras campanhas públicas encabeçadas pela JBS, lutava já em 1959 pela retirada dos EUA da ONU, alegando que esta organização internacional ambicionava a construção de um governo único e universal, comprometendo assim a soberania do Estado e da nação norte-americana. Seus membros pertenciam geralmente aos abastados setores médios do sul, eram fundamentalistas religiosos e favoráveis ao Partido Republicano.¹⁸⁶

Entretanto, fusionistas e liberais seculares não eram os únicos insatisfeitos com o novo quadro social que se instalara com o advento da social-democracia, hegemônica desde o *New Deal*. Fala-se ainda muito pouco sobre como se comportaram os aparelhos privados de hegemonia do conservadorismo segregacionista e fascista a esta época.

Núcleos de resistência segregacionista espalhados pelos estados sulistas, os *Citizens’ Councils* começaram a se organizar no início dos anos 50, em reação direta às

¹⁸³ HIMMELSTEIN, Jerome. op. cit, p.67

¹⁸⁴ DIAMOND, Sara. op.cit..p.61

¹⁸⁵ New York Times. 28 de Agosto de 1965. ‘*Young rightists plan expansion.*’

¹⁸⁶ DIAMOND, Sara. op.cit. p.75.

vitórias angariadas pelo movimento de ampliação dos direitos civis. Sua popularidade cresceu juntamente com o processo de integração racial nas escolas e, sintomaticamente, a maioria dos núcleos fora rapidamente organizada em regiões denominadas *Black Belts*, áreas nos estados sulistas, caracterizadas por pradarias férteis e escuras, onde os brancos eram minoria e sentiam-se ameaçados.

[É] uma área que vem passando rapidamente por mudanças, mas que continua a ser um dos maiores núcleos da resistência sulista ao movimento dos direitos civis. É uma área ainda com raízes muito fortes em seu histórico de violência.¹⁸⁷

Compostos basicamente por pequenos empresários e elementos dos setores médios, seus membros e simpatizantes eram também facilmente encontrados entre os afiliados de clubes como *Rotary* e *Lyons*. O ativismo dos *Citizens' Councils* prezava por métodos educacionais e propagandísticos, procuravam incitar repressão econômica ao negro via boicote, fazendo uso da violência em menor escala. Daí podemos logo perceber a diferença central entre este tipo de proposta de abordagem segregacionista e a historicamente implementada pela *Ku Klux Klan*. Manifestavam suas angústias, projetos e ideologia em discursos públicos, via literatura, transmissões de rádio e televisão locais, sendo os dois últimos passíveis de realização graças ao desenvolvimento de laços estreitos com políticos locais. Segundo Diamond, os programas de rádio eram quase que subsidiados pelos impostos, uma vez que gravados nos estúdios de gravação do Congresso a convite dos próprios deputados. Ainda segundo a autora, em 1962 cerca de ¼ do deputados havia sido entrevistada.¹⁸⁸

Finalmente, temos *Liberty Lobby* (1957-2001) fundado por Willis Carto em 1957 abertamente racista e xenófobo. O *Liberty Lobby* além de anticomunismo virulento e racismo, expressava também considerável dose de conspiracionismo. Em sua visão, uma nova ordem mundial vinha sendo arquitetada pelo governo em aliança com banqueiros comunistas e já infiltrava os EUA pela implementação de medidas democratizantes e anti-segregacionistas, sendo ratificada pela 'mídia corrompida'.¹⁸⁹ Desejava um sistema autoritário de governo baseado no mito do renascimento racial nacionalista. Em prol disso,

¹⁸⁷ New York Times. 14 de Fevereiro de 1965. 'Black belt of Alabama is a stronghold of XIX century racism'. "...an area that is undergoing rapid changes but remains one of the South's major strongholds of resistance to the civil rights movement. It is an area still very much rooted in its violent history."

¹⁸⁸ DIAMOND, Sara. op.cit. p.70-74.

¹⁸⁹ BERLET, Chip & LYONS, Matthew. op.cit., p.185-196.

o *Liberty Lobby* desenvolveu institutos afins como o *Institute for Historical Review* fundado em 1979, o *Populist Party* em 1984 e a organização paramilitar *Nationbal Youth Alliance*, fruto das organizações da campanha presidencial de George Wallace (1968) e que viria a se tornar a *National Alliance*, uma das mais importantes organizações neofascistas nos anos 90.¹⁹⁰ O *Liberty Lobby* investiu também na produção de diversos materiais de mídia com o intuito de conscientizar e angariar adeptos. O primeiro deles fora o boletim *Right*, divulgando as atividades realizadas por diversos aparelhos xenófobos de menor abrangência, entre os quais podemos citar: *Americam Women's Party*, *Christian Party*, *Constitution Party*, *Interim Committee for a New Party*, *National Renaissance Party*, *Nationalist Conservative Party* e o *Nationalist Party*.¹⁹¹ O *Liberty Lobby* produziu ainda os periódicos *Spotlight* e *Liberty Letter*, este último de circulação sensivelmente maior que as fusionistas *National Review* e *Human Events*, além de livros, panfletos, boletins on-line e o programa de rádio semanal *Radio Free América*.¹⁹²

Apesar de advogarem projetos de sociedade notadamente distintos, aparelhos fusionistas, como a *John Birch Society* e os periódicos *National Review* e *Human Events*, e segregacionistas, a exemplo do *Liberty Lobby* e do *Citizens' Councils*, apoiaram e financiaram a partir de 1960 a campanha de diversos candidatos em comum. Fora esse o caso das candidaturas do republicano Barry Goldwater durante as eleições presidenciais de 1964 e do xenófobo George Wallace, candidato do *American Independent Party*, durante as presidenciais de 1968.

Além do apoio dos aparelhos, tais candidatos angariavam ainda o apoio de uma série de indivíduos inconformados com a presente configuração social. No caso específico de Goldwater:

Isso incluía os advogados dos direitos dos estados, homens ainda desejosos de vingança pela derrota do Senador Taft para o general Eisenhower na convenção de 1952, os discípulos do Senador McCarthy, os isolacionistas, os homens que acreditam que o vice-presidente Nixon se vendera ao 'liberalismo' e uma nova geração de universitários conservadores...¹⁹³

¹⁹⁰ Idem, p.189.

¹⁹¹ DIAMOND, Sara. op. cit, p.85.

¹⁹² DIAMOND, Sara. op. cit, p.153 e BERLET, Chip & LYONS, Matthew. op. cit, p.185-194.

¹⁹³ New York Times. 23 de Julho de 1960. 'Republican Old Guard rallying to Goldwater as its last hope.' "These included the advocates of states' rights, the men who still want revenge for Senator Taft's defeat by General Eisenhower in the convention of 1952, the disciples of late Senator McCarthy, the jingoists and

Já Wallace tinha base de apoio ainda mais variada:

A *John Birch Society* tem sido uma fonte de talentos locais particularmente frutífera [para organização e trabalho de campanha]; em Washington, por exemplo, mais da metade dos 40 membros do seu comitê estadual de campanha são membros da *Society*. (...) Vez ou outra, comissões de campanha autônomas foram organizadas e integradas por um indivíduo pertencente à *Ku Klux Klan*, um *Minuteman* e um nazista americano.¹⁹⁴

Como já vimos anteriormente, esforços a partir de 60 no sentido de formarem uma ponte entre seus representantes e a sociedade política não se restringiram à aliança desses aparelhos -que pelo menos naquele momento podemos dizer que assumiram feições de partido- sendo observado o surgimento de novos aparelhos com propostas similares como o *Young Americans for Freedom*, a *Youth for Wallace* e a *National Youth Alliance*. Como podemos perceber, a eleição de ambos os candidatos e os esforços dedicados a mobilização popular na tentativa de elegê-los ocorrem exatamente durante os tumultuados, revoltosos, libertadores e inebriantes anos 1960. Acreditamos ser as transformações sociais vivenciadas naqueles anos, ou seja, o processo de luta em torno da consolidação da ‘social e democracia’ o detonador fundamental para tal aliança estratégica.

A derrota dos dois candidatos à presidência não significou, entretanto, derrota ou retrocesso do movimento conservador. Ao contrário, todo o esforço de mobilização conjunta em torno não apenas das campanhas, mas principalmente em torno da formação de aparelhos e de ocasionais alianças estratégicas entre os mesmos foram fundamentais para o desenvolvimento de projetos político-ideológicos bem definidos e para a construção de um bloco de apoio suficientemente forte para frear o avanço social-democrata. Este longo processo de luta que se inicia, ainda que esparso, nos anos 30 trará frutos proveitosos para o movimento conservador.

Entendemos que as mobilizações conservadoras em reação aos movimentos sociais pela ampliação do Estado de bem-estar social e às mobilizações em prol dos direitos civis contribuíram de forma fundamental para tornar hegemônico o projeto da ala conservadora

isolationists, the men who fell that vice-president Nixon has sold out to liberalism and a new breed of campus conservatives...”

¹⁹⁴ New York Times. 17 de Abril de 1968. ‘George Wallace figures to win even if he loses’ “The John Birch Society has been a particularly fruitful source of local talent; in Washington, for instance, more than half of his 40-member state campaign committee are said to be Society members. (...) At one time or another, freelance Wallace organizations have been put together by a Ku Klux Klan, a Minuteman, an American Nazi.”

do Partido Republicano -o neoliberalismo moral da *New Right*- e para multiplicar em centenas a quantidade de aparelhos da vertente fascista. O temor ante a uma possível ameaça, ainda que esta estivesse longe de se concretizar realmente -uma vez que a grande maioria das agências e aparelhos envolvidos não rogava projetos de caráter revolucionário- já foi suficiente para dar início a um processo de reformas significativas sem alterar as bases do sistema. Ainda assim, tal realidade foi suficiente, como vimos a pouco, para frações dos setores médios sentirem-se intimidadas e começarem a se organizar juntamente com frações da classe dominante no sentido de reverter a situação.

Começa-se, então, a se construir o momento do ‘passo pra trás’, quando a classe dominante, vai superando a crise de hegemonia, não precisando mais já na década de 1980 fazer tantas concessões, compartilhar tanto espaço dentro da sociedade política e negociar tão cuidadosamente com as frações da classe dominada. Amenizam-se as fissuras, muito particularmente porque nesse momento as classes dominantes contam com o apoio de frações dominantes da classe dominada, representadas por uma parte dos setores médios. Finda-se a revolução passiva, buscando-se agora revogar os direitos sociais conquistados no passado pelos setores subordinados. A perda de terreno na sociedade política assim como dos benefícios de inclusão social, reivindicados por tantos anos de luta, não foi somente vitória da classe dominante reorganizada no sentido neoliberal, mas também resultado da não persistência de pressão impelida por parte das frações da classe dominada em prosseguir com a luta para preservar ou ir além da revolução passiva. O processo de luta tem de ser permanente se é desejado resultado durador mesmo do reformismo.

Mas longe de representar o único fator, é preciso lembrar que, concomitantemente às conquistas e crise do reformismo, são observadas desde o início do século importantes transformações de caráter econômico nos EUA com a entrada do capitalismo em sua fase monopolista-financeira, e a partir do advento e desenvolvimento da microeletrônica e das novas tecnologias de informação e comunicação nos é revelada uma nova configuração do sistema capitalista como um todo, alterando significativamente as relações de trabalho. São exatamente estas mudanças na estrutura que igualmente contribuirão para o enfraquecimento gradual das lutas em torno do reformismo. Acreditamos, portanto, que as mudanças no mercado de trabalho, trazidas com a ‘revolução técnico-científica’, e o decorrente depauperamento econômico vivenciado por setores dominados aliados a uma

reação às políticas inclusivas, frutos dos movimentos de ampliação dos direitos civis e sociais são de suma relevância para o entendimento tanto do desenvolvimento da forma peculiar de neoliberalismo norte-americano, conhecida como *New Right*, quanto o aumento extraordinário de aparelhos neofascistas aos fins da década de 1970.

Na periodização proposta por Mandel as revoluções tecnológicas caracterizam-se por mudanças qualitativas na base técnica do sistema produtivo de uma dada sociedade em um dado momento histórico. Segundo o autor, à Revolução Industrial do XVIII seguiram-se três revoluções tecnológicas, sendo a última marcada pelo desenvolvimento progressivo da computação, da robótica e da microeletrônica, intensificando o processo de automação durante o processo produtivo¹⁹⁵.

À entrada nesta nova fase do capitalismo monopolista-financeiro Brenner e Sweezy observam, em trabalhos distintos, fatores similares ocorridos durante o processo de reestruturação econômica, dentre os quais destacamos: uma redução significativa de investimento nas indústrias do setor básico (indústria pesada e de bens de consumo) resultando na redução, falência ou deslocamento geográfico da produção de países centrais para países periféricos; crescimento dos setores de serviço e financeiro; incentivos crescentes ao desenvolvimento de indústrias de alta tecnologia. Em reação às taxas de lucro decrescentes do setor básico ao longo dos anos 70 e 80, decorrente da concorrência imposta por países centrais e periféricos recentemente industrializados, produtores norte-americanos buscaram compensação reduzindo os custos com mão-de-obra, num ataque agressivo às organizações e padrões de vida dos trabalhadores. O governo, por sua vez, contribuiu recorrendo a uma política monetária expansionista, desvalorizando periodicamente o dólar, subsidiando empresas, contendo gastos públicos e facilitando o crédito para produtores e consumidores¹⁹⁶. A indústria de ponta, pela intensa racionalização de sua produção, e o setor de serviços, dada a qualidade temporária dos empregos (*Mcjobs*), não foram capazes de absorver eficientemente a massa de desempregados despejada pelo setor básico durante 20 anos.

¹⁹⁵ SEGRILLO, Angelo. **O declínio da união soviética: um estudo das causas**. Rio de Janeiro: Record, 2000.p.17-52.

¹⁹⁶ SWEETZY, Paul & MAGDOFF, H. **A crise do capitalismo americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. BRENNER, Robert. **O boom e a bolha**. Rio de Janeiro: Record, 2003.p.45-93.

Mas, como se desenvolveu todo esse processo, para que chegássemos a esse quadro aos fins do século XX? Que tipo de mudanças vinham ocorrendo nos *backstages* do reformismo keynesiano?

No capítulo tivemos a chance de observar, ainda que rapidamente, o desenvolvimento de relações conturbadas entre frações da classe dominante, mais especificamente uma luta por hegemonia entre o setor industrial da produção (manufaturados, indústria pesada, etc.) e o setor financeiro, refletindo mesmo em um racha político dentro do GOP. O setor ou capital financeiro, por sua natureza de acumulação de riqueza abstrata, à primeira vista desvencilhada dos incômodos da produção material, não apenas se viu menos prejudicado ou tolido em seus lucros devido aos encargos sociais (dada a quantidade sensivelmente menor de empregados), mas em diversos momentos teve apoio da administração Roosevelt a seu desenvolvimento. Para recordarmos apenas alguns rápidos exemplos, podemos lembrar que o incentivo a ampla abertura de crédito a produtores agrícolas e cidadãos como forma de salvar a produção e estimular o consumo foi garantida pela administração pública. Esta mesma efetuou vultuosos empréstimos (basta atentarmos para o crescimento da dívida pública) para o desenvolvimento das obras públicas, geradoras de emprego e resgatou da falência uma série de bancos logo após o *crash*. Entretanto, se a finança não viu o ‘fundo do poço’ durante a década de 1930, esta também não decolou num desenvolvimento desenfreado, dados os limites impostos pelo acordo de Bretton Woods.

O pós-Segunda Guerra, conhecido como ‘idade do ouro’ para as economias dos países centrais, fora marcado pela recuperação econômica, possibilitada pelos altos índices de investimento (dos EUA via a própria guerra, posteriormente via plano Marshall e transferências para países periféricos; e da Europa e Japão via empréstimos feitos àquele) e de crescimento da produtividade. Os países centrais, principalmente os EUA, foram capazes de realizar e sustentar altas taxas de lucro e ao mesmo tempo cumprir com as bases do acordo keynesiano. E assim,

como o sucesso econômico dos EUA acabou estando tão estreitamente atrelado ao sucesso de seus concorrentes e aliados, o desenvolvimento econômico internacional do pós-guerra dentro do mundo capitalista avançado pôde, por um breve período, manifestar um grau relativamente alto de cooperação internacional –marcada por altos níveis de ajuda e apoio político-econômico americano a seus

aliados e concorrentes-, ainda que sob dominação do Estado americano e predominantemente modelada pelos interesses americanos.¹⁹⁷

Contudo, tal estratégia estava fadada a apresentar a médio prazo um revés, fazendo ruir a temporária ‘cooperação’. Como indica Brenner, tais economias foram capazes, em curto espaço de aproximadamente 15 anos, criar setores domésticos de manufaturados especialmente grandes, além de expandir suas vendas internacionais, penetrando rapidamente no mercado norte-americano e competindo com o mesmo por ‘fatias’ do mercado mundial. A competição internacional no setor de manufaturados fora ainda intensificada pelo início das exportações de manufaturados por parte de países periféricos em desenvolvimento. Fora este o caso do Leste Asiático, México e Brasil durante a década de 1970 graças à combinação de salários baixos, equipamentos relativamente avançados e vultosos empréstimos de seus governos a bancos e agências de crédito internacionais.

O resultado inexorável foi uma taxa de lucro agregada em declínio no setor manufatureiro internacional, que expressava o excesso de capacidade e de produção em todo o sistema. Entre 1965 e 1973, o setor manufatureiro dos Estados Unidos experimentou uma queda de 43,5% na taxa de lucro sobre seu estoque de capital; já os setores manufatureiros das economias do G-7 juntos(...) experimentaram um declínio na lucratividade da ordem de 25%.¹⁹⁸

Como podemos perceber, a queda de lucratividade da economia norte-americana não esteve ligada a um esgotamento tecnológico ou ao peso dos encargos sociais, como querem fazer crer os argumentos neoliberais. “A fonte do problema se encontrava principalmente na intensificação da competição que levava a uma superacumulação no setor de manufaturados.”¹⁹⁹

Ainda assim, mesmo não sendo a fonte do problema, a saída encontrada por Reagan e Thatcher para garantir a lucratividade se refletiu exatamente na hemorrhagia de empregos no chamado setor secundário e em uma pressão pela redução do crescimento real dos salários e dos encargos sociais para aqueles que permaneciam. Tais medidas haviam sido implementadas buscando desesperadamente a restauração das taxas de crescimento estáveis e a conseqüente reanimação de um capitalismo mergulhado na estagflação. Os êxitos foram parciais: a taxa de inflação efetivamente regrediu, caindo de 8,8% para 5,2% entre 70 e 80; as taxas de lucro industrial também obtêm saldo positivo aumentando 4,7% durante a

¹⁹⁷ BRENNER, Robert. op.cit., p. 54.

¹⁹⁸ Idem, p.57.

¹⁹⁹ Idem, ibidem. p. 75.

década de 80.²⁰⁰ As vitórias do capital foram, em contrapartida, possibilitadas pela adoção políticas de contenção salarial e ataque às organizações de defesa do trabalhador, aliados a medidas de coação implícitas representadas pelo exército de desempregados e imigrantes prestes a aceitar quaisquer condições de trabalho.

...a administração Reagan deferiu o *coup de grace* no movimento trabalhista americano ao demitir os membros em greve dos sindicatos dos profissionais controladores de tráfego aéreo (o PACTO). Desde então as campanhas sindicais definharam a ponto da insignificância, pulularam práticas trabalhistas injustas cometidas pelas gerências durante campanhas de organização sindical e a densidade sindical desmoronou. De 38% não muito longe em 1973, e de 32,3% em 1979, a proporção de mão-de-obra do setor manufatureiro nos sindicatos caiu para 20,6 em 1990 e 17,6 em 1995...²⁰¹

Certamente, em sua retórica não primava a problemática da superprodução. O fim da ‘idade do ouro’ ou a crise do fordismo eram tidos como resultado dos entraves colocados pelo funcionamento do mercado de trabalho.

Interferências tais como os sindicatos, os salários mínimos, os seguros-desempregos e políticas do chamado *welfare state* retiravam a flexibilidade do mercado de trabalho (...) para se adaptar às exigências impostas pelas circunstâncias econômicas, sociais e tecnológicas contemporâneas.²⁰²

Célia Borges ressalta ainda que essa necessidade da flexibilização do trabalho, ou seja, a diminuição do excesso de regulação das relações entre capital e trabalho, vinha acompanhada de uma flexibilização da produção. A perda de competitividade das empresas no sistema fordista devia-se naturalmente a dita rigidez da produção e à desqualificação da mão-de-obra, característicos da produção de massa e que, às portas do século XXI, reprimiam o avanço das novas tecnologias. Era preciso, então, uma reestruturação da produção, uma que viesse enxugar, racionalizar, flexibilizar, toyotizar e principalmente liberar os fluxos de mercadorias e de capital.

É justamente a essa época, em meio a esse contexto de flexibilização da produção e do trabalho assegurados pelas políticas neoliberais, que observamos uma virada marcante da economia norte-americana em direção a dois setores em particular: a finança e os

²⁰⁰ ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir. (org). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.p.15.

²⁰¹ BRENNER, op. cit. p.99.

²⁰² BORGES, Celia Regina Congilio. Taylorismos, fordismos e toyotismo s: as relações técnicas e sociais de produção configurando reestruturações produtivas. In: BORGES, Célia Regina, MOTTA, Célia, UEMORI, Celso et alli. **Lutas Sociais**. 15-16. Agosto, 2006.p.91.

serviços. Este último se expandiu rápida e facilmente, num campo onde a sindicalização e a seguridade quase inexistiam e a força de trabalho era abundante, composta pelo enorme contingente de desempregados.²⁰³ Em troca, oferecia-se o emprego do século XXI, o emprego temporário, flexível e sem maiores vínculos, o emprego fácil e rápido, uma maravilha da modernidade como nos comerciais de casas de crédito.

A finança, por sua vez, fora finalmente libertada das amarras impostas por Breton Woods, conhecendo com a desregulamentação financeira um crescimento sem precedentes. “Os tetos das taxas de juros e afins foram rejeitados. As restrições ao acesso aos mercados para instituições financeiras, descartadas. Os controles de capitais, em quase toda a parte, finalmente eliminados.”²⁰⁴ Para isso, revelou-se primordial o apoio de um conjunto de Estados igualmente comprometidos com a flexibilização, uma vez que a liberalização e desregulamentação dos mercados somente se realizou por meio medidas efetivadas de comum acordo entre as administrações centrais dos países centrais a partir de 1979.

O capital portador de juros (...) não foi levado ao lugar que hoje ocupa por um movimento próprio. Antes que ele desempenhasse um papel econômico e social de primeiro plano, foi necessário que os Estados mais poderosos decidissem liberar o movimento dos capitais e desregulamentar e desbloquear seus sistemas financeiros. Foi igualmente preciso que recorressem a políticas que favorecessem e facilitassem a centralização dos fundos líquidos não reinvestidos das empresas e das poupanças das famílias.”²⁰⁵

O capital financeiro pode, então, desenvolver-se livremente ampliando seu raio de ação de forma variada. Os bancos não mais imperariam enquanto clássicos domínios do capital financeiro. A eles se juntariam novos agentes do capital, enriquecendo o conjunto que conhecemos hoje como finança. Foram eles -os fundos de pensão, fundos coletivos de aplicação, sociedades de seguros e bancos que administram sociedades de investimento- os que “fizeram da centralização dos lucros não reinvestidos das empresas e das rendas não consumidas das famílias, especialmente os planos de previdência privados e a poupança salarial, o trampolim de uma acumulação financeira de grande dimensão.”²⁰⁶

Foi a salvação do setor produtivo estagnado, desde a superprodução de fins de 1960? Sim, mas não apenas devido a isso e certamente não somente o único setor

²⁰³ BRENNER, Robert. op. cit. p.84-86.

²⁰⁴ Idem.p.87.

²⁰⁵ CHESNAIS, François. O capital portador de juros: acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos.In: CHESNAIS, François(org). **A finança mundializada**. São Paulo: Boitempo, 2005.p.35.

²⁰⁶ Idem. p.36.

alavancado pela finança! A mundialização da finança, como denominada por François Chesnais, constituiu não apenas em uma liberalização monetária aliada à descompartimentalização dos mercados financeiros nacionais, mas envolveu igualmente a desintermediação desses fluxos de capital, outrora reservada aos bancos e agora aberta a todo e qualquer tipo de investidor-aplicador institucional. A desregulamentação atraía muitos empresários a contrair consideráveis empréstimos, não exatamente para o investimento em tecnologia, mas especialmente a serem aplicados na recompra de suas próprias ações (visando valorizá-las) ou em aquisições de outras companhias, gerando gigantescas *corporations*. Segundo Brenner, entre 1981 e 1989 apenas 21% do total de fundos adquiridos por empresas não-financeiras foram investidos em gastos com capital, contrastando com 50% dos fundos que entre 1983 e 1989 foram aplicados em compras líquidas de ações.²⁰⁷ O resultado não fica muito difícil de se imaginar.

A partir de inícios da década de 1980, imensas bolhas financeiras incharam por todas as economias capitalistas avançadas, em especial nos mercados de ações, nas fusões e aquisições e nos imóveis comerciais, com a demanda especulativa elevando o valor dos ativos e com os investidores efetuando suas compras na expectativa de que, havendo subido no passado, o valor dos ativos continuariam a subir.²⁰⁸

Entendemos, portanto, que a configuração do capitalismo monopolista-financeiro aos fins do século XX e início de XXI apresenta-se sob a especial interação e desenvolvimento de dois processos: a mundialização da finança e da agenda neoliberal. A última fora pouco a pouco ganhando terreno sob a alegação de fracasso do modelo keynesiano de economia mista. Os novos direcionamentos da economia política neoliberal se definiriam pela maximização dos lucros, fazendo recuar as restrições impostas pelas políticas keynesianas, reforçando as desigualdades patrimoniais. Aquelas, ao oferecerem aos trabalhadores certas garantias de emprego, legislação referente às condições de trabalho e seguridade social emperravam o livre caminho dos lucros infinitos e ainda haviam, segundo a retórica neoliberal, levado o país a um quadro de estagnação e crise inflacionária. Já o capital financeiro, se na primeira metade do século XX experimentava relações por vezes tensas com o capital funcionante, ao se aproximar do XXI encontra-se numa relação quase simbiótica com o mesmo, no sentido em que seus empréstimos não se apresentam

²⁰⁷ BRENNER, Robert. op. cit., 106.

²⁰⁸ Idem. p.87.

mais como mero crédito, mas constituem condição primordial para a reprodução última do capital. Ao capital funcionante cabe, em última instância, a função da extração da mais-valia. Parte do lucro advindo da extração de sobretabalho torna ao círculo da produção, no momento em que o pagamento dos juros possibilitarão não só o lucro do capital financeiro, mas igualmente a possibilidade de novos empréstimos a serem investidos na produção ou serviços.

Não se trata mais de uma subordinação ou de lutas intestinas entre duas formas de capitais, mas de uma escala tal de concentração de capitais que os proprietários de capital sob forma monetária encontram-se diante da necessidade permanente de valorizar massas crescentes de capital, que pretendem – e precisam – manter o maior tempo possível sob essa mesma forma monetária. Para tanto, é preciso impor aos processos de produção de mais-valia uma nova intensidade e um novo ritmo de produção, associando as mais diversas modalidades de sujeição dos trabalhadores, de maneira a liberar o capital de suas peias (o momento “M” do processo D-M-D’) e reconvertê-lo o mais rapidamente à sua forma monetária, lamejando o impossível mundo do puro D-D’.²⁰⁹

Curiosamente, apesar da adoção de tantas medidas vantajosas ao capital, a taxa de crescimento pouco se alterou nos países centrais. Segue-se invariavelmente a pergunta que não quer calar: Por que a recuperação dos lucros não levou a uma recuperação dos investimentos? Em sua análise do neoliberalismo Perry Anderson nos ajuda a desvendar a questão.

Essencialmente, pode-se dizer, porque a desregulamentação financeira, que foi um elemento tão importante do programa neoliberal, criou condições muito mais propícias para a inversão especulativa do que produtiva. Durante os anos 80 aconteceu uma verdadeira explosão dos mercados de âmbito internacionais, cujas transações, puramente monetárias, acabaram por diminuir o comércio mundial de mercadorias reais.²¹⁰

Seguindo linha de pensamento similar, Gerard Duménil e Dominique Levy igualmente destacam a espetacular transferência de renda para os detentores de títulos. Conseqüentemente, as cotações das bolsas explodiram, “alimentando, no contexto de uma corrida às rendas e mais-valia financeiras, o que se chama de ‘bolha’, emanação especulativa da nova configuração do capitalismo”.²¹¹

²⁰⁹ FONTES, Virgínia. Lênin, o imperialismo e nosso desafio contemporâneo. **Marx Agora** abril-março de 2007.

²¹⁰ ANDERSON, op. cit., p.16.

²¹¹ CHESNAIS, François. (et all). **Uma nova fase do capitalismo?** São Paulo: Xamã, 2003. p.25.

O *boom* de aplicações não fora revertido em investimentos suficientes, os quais, ao gerar efetivamente capital, garantiriam o crescimento estável a longo prazo. Ao invés disso, seguiu-se a especulação, jogadas astronômicas com dinheiro virtual, que por sua vez gerou um crescimento virtual. Além disso, desde os inícios da década “a administração Reagan incorr[ia] em déficits federais sem precedentes a fim de sustentar os cortes recordes nos impostos e os gigantescos aumentos nos gastos militares...”²¹² Ao final da década os volumosos empréstimos transformavam-se agora em volumosas dívidas, fazendo cair vertiginosamente a taxa de retorno das ações e ativos às instituições financeiras e iniciando assim uma onda de falências. Começava a se desenhar uma nova crise, fruto das bolhas financeiras e da qualidade tão degradada do trabalho, que impossibilitava o consumo, quadro este que só será revertido em fins da década de 1990, particularmente entre o período de 1996 a 2001, quando se observa nos EUA um real crescimento nos investimentos direcionados para informatização da produção geral.²¹³

No momento em que a participação dos salários nos resultados da produção se reduz e a parte dos lucros reservada aos investimentos também diminui, a taxa de investimento é duplamente atingida pela desaceleração do consumo dos assalariados e pela reduzida propensão a investir. A taxa de crescimento é lenta e o desemprego aumenta.²¹⁴

Às portas de 1990 os EUA traziam na bagagem um déficit público e privado astronômico, uma economia demasiadamente exposta a ondas especulativas, falência por endividamento de inúmeras empresas e queda dramática na qualidade de vida²¹⁵.

Assim, discursos que enfatizassem as crises econômica e moral, perda de status social e incompetência e traição governamental nos âmbitos interno e externo tornaram-se demasiadamente atraentes para setores da sociedade (particularmente setores médios) que, mais do que nunca, sentiam-se desorientados. Imersos em um contexto de insegurança e sentindo-se ameaçados por mudanças que não lhe favoreciam, frações dos setores médios e das classes dominadas tenderam a estereotipar seus medos na figura do ‘outro’. Este, visto como inimigo, destituído da moral implícita do ‘ser americano’ e desrespeitando o credo instituído pelos pais fundadores, acaba por legitimar desde sentimentos de rejeição até

²¹² BRENNER, Robert. op.cit.,p.99.

²¹³ Idem. 193-214.

²¹⁴ CHESNAIS, François.op.cit. p.58.

²¹⁵O debate em torno da condição econômica e posição hegemônica dos EUA é abordado parcialmente por esse texto. O contraponto pode ser visto em: MEDEIROS,C., 2001; TAVARES, M.T&FIORI, J.L(org),1998.

práticas racistas e xenófobas. O governo democrata e seu característico Estado de bem-estar social, por sua vez, não mais estariam a serviço ou prezariam pela segurança do ‘verdadeiro’ americano, do ‘americano médio’. Ao contrário, seus projetos estariam muito mais comprometidos com as causas dos humanistas seculares imorais e dos setores ditos ‘parasitários’ da sociedade, mais especificamente negros e imigrantes latinos, apresentados como pouco empenhados com as coisas do trabalho e basicamente interessados em viver dos programas do Estado. Objetivamente, o elemento desencadeador de tantas angústias fora essencialmente o sentimento irreal, mas ainda aterrorizante de deslocamento do sonho americano, o medo da queda, primeiramente pelo processo de reformas que atingiu seu ápice em 60 e 70, contemplando grupos sociais desprivilegiados e finalmente pelo empobrecimento vivenciado por diversos setores sociais.

O projeto conservador em linhas gerais se popularizará por sua “habilidade de distinguir entre o amigo e o inimigo da nação, da família, de instituições como o casamento, dos valores religiosos e da economia nacional, não poupando esforços para neutralizar quem os ameaçasse.”²¹⁶ São eles os participantes mais assíduos da reação conservadora, que encherão as fileiras de suas agências e aparelhos privados e estarão sensíveis às propostas do neoliberalismo moral e do neofascismo, ainda que verdadeiramente se beneficiem muito pouco das mesmas.

A reação deu-se, então, na forma da ascensão de movimentos sociais de cunho patriarcal-moralista (movimento anti-gay, anti-feminista, anti-aborto), de uma expansão sem precedentes de organizações neofascistas, e na rearticulação política neoliberal nos termos da *New Right*.

Comumente descrita como uma fração significativa do Partido Republicano, a *New Right* representa, segundo Diamond, uma ratificação dos princípios da *Old Right* dos anos 50 fundados no tradicionalismo, anticomunismo e na liberdade econômica, dedicando agora ênfase especial no tradicionalismo moral.²¹⁷ Berlet e Lyons desenvolvem a idéia referindo-se a *New Right* como uma coalizão entre os advogados do Estado mínimo e a *Christian Right*. Assim, o bloco de reivindicações inclui: ataque ao Estado de Bem-Estar Social; oposição à ação reguladora do Estado e seus altos impostos; reação às reformas

²¹⁶ VIANNA. A.M. Conservadorismo. In: TEIXEIRA DA SILVA, F.C.T(org). **Dicionário crítico do pensamento da direita: idéias, instituições, personagens**. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.p.97.

²¹⁷ DIAMOND, Sara. op. cit.

governamentais implementadas em 60 e 70 e o a busca pela implementação de políticas de cunho patriarcal-moralista. A mobilização da *Christian Right*, participando ativamente da sociedade política e civil, a partir da década de 70 foi de vital importância no processo de expansão da ideologia conservadora pelo papel desempenhado por seus aparelhos privados de hegemonia. A *Christian Right* investiu e ainda investe pesadamente em novos estilos de mobilização de massa, a exemplo do televangelismo, e arrecadação de fundos, pelo direct-mail. A articulação entre aparelhos como o *National Christian Action Council* e o *Citizen's Councils* encabeçadas por intelectuais orgânicos como Robert Billings e o televangelista Jerry Fawell deu origem a novos aparelhos de âmbito nacional como a *Moral Majority* e espaços como o *Annual Family Forum* destinado ao compartilhamento de idéias, projetos, novas formas de organização²¹⁸.

Os aparelhos neofascistas buscam trabalhar basicamente no sentido de recuperar tanto o sonho americano para o 'povo eleito' (WASP- *white anglo-saxon protestant*) quanto a moral puritana perdida para a 'terra prometida'. Ao contrário da *New Right*, os aqui referidos não costumam atuar diretamente na sociedade política, atendo-se aos limites da sociedade civil. Em extensa pesquisa desenvolvida conjuntamente por Dobratz e Shanks-Meile sobre organizações neofascistas norte-americanas as pesquisadoras resumem o objetivo destas no lema criado pelo ativista David Lane conhecido como as 14 palavras. 'Nós precisamos assegurar a existência do nosso povo e um futuro para as crianças brancas'²¹⁹ As autoras ainda destacam a característica separatista do movimento em oposição ao antigo segregacionismo. Baseadas em depoimentos colhidos de integrantes de diversas organizações, assim como em dados fornecidos por ONG's as mesmas argumentam que a relação de convivência subordinada não é mais desejada, e sim a separação total apontado mesmo para a constituição de um espaço vital.²²⁰

Os aparelhos neofascistas norte-americanos orgulham-se e assumem claramente os objetivos de sua luta e desde de 1990 se auto-denominam patriotas. Será esta ideologia e particularmente o projeto e estratégias políticas desenvolvidos pela organização neofascista *National Alliance* que investigaremos mais de perto no próximo capítulo.

²¹⁸ BERLET, Chip. & LYONS, Matthews. op. cit.

²¹⁹ Tradução nossa de: 'We must secure the existence of our people and a future for white children'

²²⁰ DOBRATZ, Betty & SHANKS-MEILE, Stephanie. op.cit.

Capítulo IV

Neofascismo em cena: o caso da *National Alliance*

Fundada em 1974 pelo físico William Pierce, a *National Alliance* veio a ganhar alguma notoriedade a nível nacional somente após um evento particularmente marcante na história dos Estados Unidos: o atentado perpetrado por Timothy McVeigh ao prédio federal Alfred Murrah em Oklahoma City em 1995. McVeigh não era membro da *National Alliance*, não agiu em nome da mesma e o atentado tampouco havia sido financiado por ela. Que ligação poderia haver então?

McVeigh fora preso dirigindo uma pick-up alugada apenas 90 minutos após a explosão. Durante a revista do veículo, foi encontrado, dentre uma série de outros itens, um envelope contendo nada mais nada menos que cópias das páginas 61 e 62 do romance *The Turner Diaries*, escrito por William Pierce sob o pseudônimo de Andrew Macdonald em 1978.²²¹

O romance, caracterizado pelo FBI como a Bíblia da direita racista, conta a história de Earl Turner, jovem herói que relata em seu diário o processo em torno de uma grande revolução que levaria à libertação dos brancos arianos de sua situação caracterizada como de opressão por um governo ‘liberal’²²² corrupto e decadente, dominado pelos interesses de judeus, demais raças não-arianas como negros, asiáticos e latinos e brancos colaboracionistas. No livro, Turner é membro da *Unit 1*, célula clandestina da *Organization*, que age por meio de práticas terroristas em sua luta para libertar os arianos e instaurar uma nova ordem. Ao longo de seu diário, Earl Turner vai nos revelando não apenas o cotidiano e as missões designadas a *Unit 1*, mas também nos apresenta um panorama do desenvolvimento das atividades da *Organization* em todo os EUA. A *Unit 1* é particularmente a célula responsável pelo atentado de outubro de 1991 ao prédio central do FBI em Washington.

²²¹ CNN. ‘*Turner Diaries introduced in McVeigh trial*’. 28 April, 1997.

Search Warrant for the Vehicle of Timothy McVeigh 5 May, 1995. University of Missouri, Kansas City School of Law.

²²² O termo liberal será sempre usado entre aspas, quando designar não o sentido acadêmico de doutrina política liberal, mas o sentido corrente no vocabulário político norte-americano, ou seja, ligado a idéias democráticas, favoráveis a políticas inclusivas, ao diálogo com os diversos grupos sociais nacionais e à negociação diplomática no plano internacional, em oposição, portanto, tanto ao isolacionismo quanto ao internacionalismo assentado fundamentalmente em intervenções militares.

Durante o julgamento de Timothy McVeigh, comparações e questionamentos em torno da influência ou possível ligação do acusado com organizações neofascistas foram inevitáveis. As cópias das páginas do livro encontradas em seu carro continham grifos ainda mais suspeitos. Algumas das frases ressaltadas diziam: “Mas o real valor de todos os nossos ataques hoje repousa no impacto psicológico, não nas baixas imediatas.” “Nós ainda podemos achá-los e matá-los.”²²³

De maior difusão entre a grande mídia, o atentado de 1995 não fora, contudo, o único evento a tornar pública e conceder notoriedade de forma ou outra a *National Alliance*. Em 1982, um outro jovem de nome Robert Mathews participava em Hayden Lake do I *International Congress of Aryan Nations*, quando conheceu o livro de Pierce. Desde muito jovem participante em organizações conservadoras, Mathews foi membro da *John Birch Society*, integrou o movimento de protesto aos impostos, aderiu a *Christian Identity* (à época *Church of Jesus Christ Cristian*) e posteriormente apoiou publicamente a *National Alliance*.

Inspirado no livro *Turner Diaries*, Mathews juntamente com mais oito homens, em sua maioria integrantes da *National Alliance* e da *Aryan Nations*²²⁴, decidiram criar em 1983 sua própria organização, seguindo o mesmo estilo da *Organization* descrita no romance. Entre eles encontramos, além de Mathews, outra figura conhecida: David Lane, o famoso autor das 14 palavras que viraram lema entre neofascistas norte-americanos: ‘Nós temos que assegurar a existência da nossa raça e um futuro para crianças brancas.’

A organização em nascimento declarou em novembro de 1984 guerra ao governo federal e acabou ficando conhecida por uma série de nomes, dentre os quais fomos capazes de identificar: *The Order*, *Aryan Resistance Movement*, *White American Bastion*, *Silent Brotherhood* e *Brüder Schweigen*. O objetivo último da mesma era lutar contra uma sociedade que vinha destruindo a raça branca e a estratégia usada para alcançar tal objetivo não poderia se assemelhar mais à descrita no romance. Nos diários, as unidades clandestinas eram compostas por um número restrito de membros (a *Unit 1* continha apenas 4 membros), cabendo a estas a função específica de destruir o ‘Sistema’ por meio de ações

²²³ MACDONALD, Andrew. **The Turner Diaries**. Resistance Books, 1978.p.61. “But the real value of all of our attacks today lies in the psychological impact, not in the immediate casualties. We can still find them and kill them.”

²²⁴ Organização neofascista, fundada pelo pastor Richard Butler em 1974.

diretas, isto é, assaltos a estabelecimentos comerciais, atentados a prédios públicos (FBI, o Capitólio, a Embaixada de Israel, a Câmara dos vereadores de Los Angeles) assassinatos de personalidades identificadas com a ideologia do ‘Sistema’ e invasões a emissoras de televisão.²²⁵ Da mesma forma, a conformação da *The Order* fora também restrita e diretas suas ações.

A arrecadação de fundos fora também incrivelmente similar. As unidades clandestinas do romance eram mantidas por meio de uma limitada renda repassada pelo Comando Revolucionário, arrecadando maiores fundos por uma série de atividades criminosas, como assaltos e falsificação de dinheiro. Inspirada na *Organization*, a *The Order* vai um passo além, buscando arrecadar fundos para financiar não apenas suas atividades, mas as atividades e o desenvolvimento de outras organizações como a *Aryan Nations*, a *National Alliance* e a *White Aryan Resistance*. Em um curtíssimo espaço de tempo, *The Order* conseguiu levantar uma impressionante quantia, assim como no romance, por meio da falsificação de papel moeda e uma série de assaltos, primeiramente a estabelecimentos de pequeno porte, como um sex shop em Spokane e posteriormente a estabelecimentos maiores como o shopping Northgate em Seattle e filiais de grandes corporações como a Brinks, o Citibank e o Bom Marche. Conforme noticiou o *New York Times* na ocasião:

Investigadores concluíram que os roubos, incluindo um na Califórnia na primavera passada, no qual um grupo danificou um carro blindado da Brinks com tiros de armas automáticas e escaparam com 3,6 milhões de dólares, foram conduzidos para arrecadar dinheiro para uma guerra contra o governo dos Estados Unidos, que o grupo se refere como ‘ZOG’ ou Governo de Ocupação Sionista. De acordo com documentos legais, o grupo também esteve envolvido com falsificação de dinheiro, tanto para arrecadar quanto para desvalorizar a moeda.²²⁶

Para além dos famosos roubos, a organização também chocou a sociedade por sua violência extrema. Ainda em 1984, membros do *The Order* plantaram uma bomba na maior

²²⁵ Idem. p. 12-39.

²²⁶ New York Times, 27 de Dezembro de 1984. ‘*Links of anti-semitic band provoke 6-State parley*’ “Investigators have decided that the robberies, including one in California last spring in which a team raked a Brinks armored car with automatic weapons fire and escaped with \$3,6 million, were conducted to raise money for a war upon the United States Government, which the group calls ‘ZOG, or ‘Zionist Occupation Government’. The group was also involved in counterfeiting, both to raise money and to debase the currency, according to legal documents.”

sinagoga de Idaho e em junho assassinaram Alan Berg, apresentador judeu de um programa de entrevistas de Denver.²²⁷

O sonho de dar vida ao livro de Pierce e incitar a sagrada guerra racial (*racial holy war*) não teve sucesso. Em dezembro de 1984, após 36 horas tentando escapar do FBI, Mathews foi finalmente capturado e morto em Whidbley Island. Segundo o *New York Times*, o FBI juntamente com outras agências governamentais, o *Bureau of Alcohol, Tobacco and Firearms* e o *Internal Revenue Service*, continuaram as investigações e a procura pelos demais integrantes do grupo, conseguindo prender ao longo de 1985 um total de 24 integrantes, acusados de roubo, falsificação e assassinato.²²⁸

Como podemos perceber, em meados da década de oitenta, o trabalho desenvolvido pela *National Alliance* desde 1974 começava a render frutos, talvez não exatamente nas proporções desejadas, mas certamente já revelava uma ampla repercussão do trabalho dos membros da organização entre os círculos neofascistas nos EUA.

Especialmente destacada fora a atuação de William Pierce, líder e fundador da organização, por sua militância, vigorosa liderança e espírito inovador, participando ativamente das atividades da organização até bem próximo de sua morte em 2002. Mas sua trajetória política precede em muito a *National Alliance*.

Nascido em 1933 em Christiansburg, Virgínia, o jovem William Luther Pierce III envolve-se de forma mais ativa na política durante sua breve atuação como professor assistente na *Oregon State University* (1962-1965). O recém doutor em física pela Universidade do Colorado inicia carreira acadêmica em tempos de grande agitação política e dois movimentos em particular que se articulavam em seu campus chamaram sua atenção: articulações de apoio à expansão dos direitos civis e contra a guerra do Vietnã. Pierce os via como ameaças à perpetuação da raça branca, influenciados pelo comunismo e liderados principalmente por judeus.

Decidido a ingressar na luta política de forma mais organizada, ele, então, filia-se no mesmo ano a *John Birch Society*. Sua atuação neste aparelho não é longa e não vendo seus interesses plenamente contemplados, se desliga do mesmo, integrando já em 1966 o

²²⁷ RIDGEWAY, James. **Blood in the face**. New York: Thunder's Mouth Press, 1995.p.109-113. DOBRATZ, Betty & SHANKS-MEILE, Stephanie. **White power, White pride: the White separatist movement in the United States**. Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press, 2000.p.190-193.

²²⁸ New York Times, 27 de Dezembro de 1984. *'Links of anti-semitic band provoke 6-State parley'*.

American Nazi Party (AMP), liderado por George Lincoln Rockwell. Pierce tornou-se o editor do *National Socialist World*, periódico direcionado para a comunidade acadêmica produzido pelo partido, participando das atividades correntes do partido mesmo após o assassinato de Rockwell em 1967 e da mudança de nome do partido para *National Socialist White People's Party* (NSWPP).²²⁹

A campanha em prol da candidatura de George Wallace à presidência dos EUA pelo *American Independent Party* (AIP), em 1968, foi talvez o evento mais marcante na trajetória política de William Pierce. O futuro fundador da *National Alliance* trabalhou ativamente na campanha, atuando juntamente com Willis Carto (fundador do *Liberty Lobby*) na ala jovem de promoção da campanha ao candidato, a *Youth for Wallace*. Após o período das eleições e a subsequente derrota de Wallace, é formada a *National Youth Alliance* (NYA), organização abertamente mais inclinada a propostas de tipo fascista e composta por muitos dos participantes da campanha em favor de Wallace. Lá estavam antigos companheiros que se tornariam figuras proeminentes na nova organização, William Pierce e Willis Carto, este último entrando com forte financiamento do *Liberty Lobby*. Afastando-se da sua origem político-partidária e não mais interessada em eleger representantes para a sociedade política, a *National Youth Alliance* planejava atuar mais diretamente na sociedade civil, perseguindo os ditos ‘estudantes radicais’ e ativistas negros, fazendo muitas vezes uso de violência física.²³⁰ Conflitos pela liderança entre Pierce e Carto trouxeram instabilidade e divisão à nascente organização e esta em pouco tempo se desmembra.

A facção favorável a Pierce se reorganiza, então em 1974, com o nome de *National Alliance*, passando a advogar uma proposta educativa, apostando firme na não-violência física e na construção de consciência via produção de variados materiais de mídia. Essa nova proposta de organização e atuação na sociedade será liderada por William Pierce e irá investir fortemente na criação e distribuição em larga escala desses materiais, visando ganhar os corações e as almas dos ditos arianos nos EUA.

Ao longo de nosso estudo para a elaboração desta dissertação fomos capazes de perceber a profundidade e o esforço dedicados por William Pierce durante toda a sua

²²⁹ DOBRATZ, Betty & SHANKS-MEILE, Stephanie. op.cit., p.59.

²³⁰ BERLET, Chip & LYONS, Matthew. **Right-wing populism in America: too close for comfort**. New York: Guilford Press, 2000.p.189.

trajetória de luta política para tentar tornar real um projeto de sociedade compatível com seus interesses e ideais. Assim, Pierce será neste trabalho também uma referência, sendo considerado como exemplo mais completo de intelectual orgânico atuante na *National Alliance*, representando as frações dos setores médios atraídas pelo projeto neofascista.

Gramsci pontua que todo o homem é intelectual na medida em que primeiramente “não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual” e finalmente no sentido em que “participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção de mundo”²³¹.

Entretanto, nem todos desempenham a função de intelectual na sociedade. O intelectual, para além do desempenho de atividades de caráter intelectual, é aquele que as desempenha no conjunto geral das relações sociais trabalhando hegemônica ou contra-hegemonicamente. Este pode ainda pertencer, segundo o autor, às categorias tradicional e orgânico, segundo o nível de estreitamento e conexões estabelecidas com uma classe ou fração de classe.

Assim, o intelectual tradicional é aquele caracterizado pelo distanciamento estabelecido entre si e quaisquer dos grupos sociais fundamentais existentes, permanecendo independente, encastelado e não estabelecendo, a princípio, compromisso com nenhum dos projetos políticos em conflito na sociedade.

O orgânico, ao contrário, participa ativamente e está comprometido diretamente com um dado projeto político representante dos interesses de frações dominantes ou dominadas. O intelectual orgânico é o funcionário do partido, este é um dirigente. Trabalha constantemente elaborando e tornando coerentes, exatamente, os princípios, problemas, angústias e objetivos que os integrantes da respectiva fração colocam durante sua atividade prática. Durante esse processo, revela-se mais que um organizador da cultura, mas ao conduzir sua coletividade a uma concepção de vida superior, se destaca igualmente enquanto produtor de novos intelectuais orgânicos²³². Essa relação entre intelectuais e os ditos simples, dominados pelo senso comum, passa invariavelmente pela política. É pelo binômio teoria/prática que o homem-massa, detentor de uma concepção de mundo

²³¹ GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.p.52-53.

²³² GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vols.1, 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

desagregada e não-coerente, guiado pelo intelectual (que só o é em primeiro lugar porque este mesmo já vivenciou tal processo, ou seja, já vivenciou a catarsis) supera o senso-comum, critica sua própria concepção de mundo e dá início ao processo de ‘conhece-te a ti mesmo’ ou catarsis²³³. O intelectual orgânico é um persuasor permanente em prol do movimento cultural desenvolvido pelo partido em dois sentidos. Primeiramente, não se cansar jamais de repetir os mesmos argumentos das mais variadas formas. Repetição é, para Gramsci, o meio didático mais eficaz para agir sobre a mentalidade popular. E, finalmente, trabalhar na formação de número cada vez mais significativo de intelectuais orgânicos, surgidos diretamente da classe ou fração a que é representante e que em contato com a mesma permaneçam.

William Pierce, além de autor do famoso romance *Turner Diaries*, escreveu posteriormente um segundo romance com menor repercussão, intitulado *Hunter*. Pierce criou ainda uma religião chamada *Cosmotheism*, coordenava o programa de rádio semanal *American Dissident Voices*, gravou diversos filmes-documentário e participou algumas vezes do programa televisivo *Race and Reality* defendendo suas idéias e expondo as causas sustentadas pela organização. Mais que mero fundador, Pierce se tornou referência de liderança na organização e entre os neofacistas por sua dedicação, conjuntamente com o coletivo de membros, na construção e desenvolvimento do aparelho, trabalhando para a propagação da causa, participando de perto dos eventos, projetos e materiais de mídia desenvolvidos pela *National Alliance*.

Oficialmente fundada a nova organização, os recém dissidentes da *National Youth Alliance* não perderam tempo e procuraram colocar logo em prática sua proposta política, distribuindo panfletos e folhetos pelas ruas de Washington. Começaram também já em 1975 a produzir e vender dois pequenos periódicos na forma de tablóide, intitulados *Attack!* e o ainda tímido *National Vanguard*, o qual num futuro não muito distante se tornaria a revista mais importante da *National Alliance*. Ao final desta mesma década, a organização adentra o ramo editorial, publicando e distribuindo livros e periódicos, incluindo a própria *National Vanguard*, que de alguma forma contribuíssem para a conscientização e informação de seu público alvo. É igualmente por essa editora, a *National Vanguard Books*, que é impressa a primeira edição de *The Turner Diaries*. Conforme informa a página da

²³³ GRAMSCI, Antonio. (a). op.cit., p. 94.

National Vanguard Books, o livro é na verdade uma compilação de uma história ficcional, escrita originalmente na forma de uma série dividida em 28 partes publicadas na *Attack!* e na *National Vanguard* entre os anos 1975 e 1978. A primeira edição na forma de livros é lançada em maio de 1978, contendo ainda os 56 desenhos originais que ilustravam a série.²³⁴

Basicamente, os esforços de divulgação da *National Alliance* até o princípio da década de 1990 se concentraram na produção e distribuição de material impresso, escrito e/ou ilustrado. Apenas a partir dessa década em diante irá a organização se voltar para a produção e divulgação de mídia em formato áudio e áudio-visual. O conjunto de mídia impressa pode ser dividido em dois grupos básicos, sendo o primeiro composto pelos escritos ficcionais, no caso *The Turner Diaries*, e o segundo pelos escritos e ilustrações políticas de caráter não-ficcional.

Com respeito à literatura, uma dentre tantas formas de expressão cultural, procuraremos destacar sua importância enquanto fonte reveladora do contexto em que foi produzida. A cultura, neste caso específico o universo ficcional da literatura, é especialmente rica e interage de forma dinâmica com as realidades e contextos sociais vividos, sendo concomitantemente produto e produtora dos mesmos. Em seu livro ‘Cultura’, Raymond Williams nos alerta para esse caráter complexo e dialético das expressões culturais, buscando enfatizar que, do mesmo modo que a prática cultural e a produção cultural “não procedem apenas de uma ordem social diversamente constituída, mas são elementos importantes em sua constituição”, não podemos deixar de vê-las também como um “sistema de significações mediante o qual necessariamente uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada.”²³⁵

Podemos até mesmo dizer que este primeiro conjunto de documentos produzido em meados dos anos 1970 contendo elementos de expressão cultural e política é fruto de uma época, produto representante de um dado contexto, o qual tentei apresentar na primeira metade do capítulo anterior. Um contexto conturbado, de conquistas por parte da social-democracia principalmente no campo das liberdades civis e da diversidade social, mas também de riquíssimas articulações políticas em torno de novos projetos para a sociedade

²³⁴ *National Vanguard Books*.

www.natvanbooks.com/cgi-bin/webc.cgi/st_prod.html?p_prodid=179&p_catid=8

²³⁵ WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.p.12-13.

norte-americana por parte dos diversos setores da oposição. Um contexto de inacreditáveis avanços tecnológicos, mas também preocupante em termos de relações de trabalho cada vez mais flexíveis. Mas são também produtores, contribuintes importantes para a conformação desse mesmo contexto, posto que refletem, dialogam e participam da construção dessa mesma época. Fração representante da oposição, a *National Alliance* não tardou em expressar e materializar suas críticas à ordem corrente e seu projeto alternativo de sociedade em seus materiais de mídia.

O romance em forma de diário se passa em um futuro próximo (em relação à época em que foi escrito). O ano é 1991 e Earl Turner, autor do diário e herói da trama, nos conta sobre o processo revolucionário que levaria a constituição de um ‘mundo branco’. É interessante notar, antes mesmo de adentrarmos mais profundamente na análise, a escolha do autor em dar a forma de diário a seu romance. A linguagem do diário aproxima o leitor do narrador ficcional. Earl Turner escreve um diário, um livro pessoal, ele escreve supostamente apenas para si. E exatamente como só e unicamente para si, lá coloca sem reservas ou ressalvas todos os seus pensamentos, suas angústias, decepções e medos, seus planos e esperanças. Turner é um jovem militante, escrevendo por um impulso de uma noite insônia um diário em meio a um processo político fervilhante. Logo ao primeiro parágrafo, percebemos o entusiasmo e a sensação de euforia na qual está mergulhado o personagem. Assim é iniciado o livro:

Hoje finalmente começou! Depois de todos esses anos de falação e nada além de falação, nós finalmente desencadeamos nossa primeira ação. Nós estamos em guerra com o sistema, e não é mais uma guerra de palavras.²³⁶

Ao nos depararmos com texto tão íntimo, nos sentimos mais próximos do jovem narrador, como se este estivesse falando especialmente a nós, nos revelando tudo. A relação se torna ainda mais estreita dada a preocupação de Pierce, um homem de pouco mais de 40 anos, de construir um personagem jovem e efetivamente conseguir escrever de forma a expressar-se como um.

Já há alguns anos militando na *Organization*, Earl Turner é apresentado no livro como um personagem de opiniões firmes, um ativista comprometido e que pelo menos por

²³⁶ MACDONALD, Andrew. op.cit.,p.1. “Today it finally began! After of these years of talking and nothing but talking we have finally taken our first action. We are at war with the System, and it is no longer a war of words.”

esses anos dedica sua vida à luta diária pela causa. A participação, pertencer ao movimento o move, lhe dá forças para continuar, mesmo quando os resultados não são os esperados e obstáculos se apresentam. Mas nem por isso o jovem personagem deixa de se exaltar, ter momentos de impaciência ou hesita em formular duras críticas sobre a realidade vivida.

A corrupção do nosso povo pela praga judaico-liberal-democrático-igualitária que nos aflige é mais claramente manifestada na nossa permissividade, na nossa recusa em reconhecer as realidades mais difíceis da vida, mais do que qualquer coisa. Liberalismo é uma visão de mundo essencialmente feminina, submissa. (...) É a visão de mundo de homens que não têm a resistência moral, a força espiritual para levantarem-se e iniciarem um único combate; que não conseguem se ajustar à realidade de que o mundo não é uma enorme e estofada creche colorida, na qual leões deitam-se junto a cordeiros e vivem felizes para sempre. (...) Esta é uma abordagem estranha, essencialmente Oriental da vida, a visão de mundo de escravos ao invés daquela dos homens livres do Ocidente.²³⁷

Pelos pensamentos, angústias e decepções do jovem Turner, Pierce expressa suas próprias críticas e angústias. Diversas questões são colocadas e ainda que nesse momento trabalhadas em pouca profundidade, talvez mesmo para não comprometer o dinamismo da trama, podemos, pelo cruzamento com outros materiais, identificar o estilo pessoal de Pierce neste trecho em particular. Nele, o autor parece relaxar momentaneamente em seu esforço de dar linguagem própria ao personagem e acaba se revelando. Como iremos perceber na análise de outros materiais, nos quais ele imputa sua própria voz, Pierce gosta de frases longas, de sinônimos e adjetivos. É um detalhista, fazendo correntemente uso de exemplos e metáforas, de modo a esclarecer a questão e não restarem dúvidas por parte dos ouvintes, leitores ou espectadores. Tal modo de se expressar verificado no trecho difere sensivelmente da maioria dos discursos do personagem Earl Turner ao longo do romance.

As questões expostas no trecho serão intensamente trabalhadas pela *National Alliance* em outros materiais produzidos ao longo do desenvolvimento da organização. As críticas a uma sociedade tida como demasiado ‘liberal’, demasiado protetora e demasiado compreensiva freqüentemente aparecerão sob uma caracterização feminina, como uma mãe

²³⁷ Idem. p.26. “The corruption of our people by the Jewish-liberal-democratic-equalitarian plague which afflicts us is more clearly in our soft-mindedness, our unwillingness to recognize, than in anything else. Liberalism is an essentially feminine, submissive worldview. (...) It is the world view of men who do not have the moral toughness, the spiritual strength to stand up and do single combat with life, who cannot adjust to the reality that the world is not a huge pink-and-blue, padded nursery in which the lions lie down with the lambs and everyone lives happily ever after. (...) That is an alien, essentially Oriental approach to life, the world view of slaves rather than of the free men of the West.”

que protege, guarda e é condescendente com seus filhos e até com filhos dos outros. A associação materna carrega uma conotação negativa, pois a mãe excessivamente tolerante não prepara seus filhos para a dura realidade do mundo. Logo, os filhos da ‘América’ seriam hoje uns fracos, sujeitos afeminados em seu caráter.

Como perceberemos de forma mais clara adiante, essa perspectiva estará ligada a um certo tipo de darwinismo social, no qual o mais forte sobrevive e o mais fraco é gradativamente eliminado pela natureza. Esse é um elemento particularmente forte no imaginário norte-americano, no qual fracasso é comumente visto como falta de esforço, desistência ou falta de espírito empreendedor, como se alguns simplesmente não tivessem nascido para vencer. Assim, muitas vezes, a falta de oportunidade ou empecilhos impostos pelas realidades estruturais são facilmente obscurecidos por designos como ‘*loser*’ (fracassado, perdedor) ou ‘*quiter*’ (aquele que desiste).

A alegação de corrupção indicada no trecho será outro tema bastante corrente e com frequência também poderemos observar uma ligação com o debate anterior da feminização. Segundo Turner, a corrupção é fruto de uma praga em particular. Não bastasse a carga negativa do termo praga, notamos ainda que este se associa a uma série de adjetivos, os quais caracterizam a praga. É uma praga judaica, ‘liberal’, democrática e igualitária. Idéias conspiracionistas envolvendo os judeus parecem embasar-se em uma associação bastante comum entre anti-semitas e muitos fascistas, qual seja, o judeu e propostas libertárias, democráticas e/ou igualitárias.

Desde o XIX, podemos observar uma mudança significativa na forma de se representar o judeu. Jacob Fries, em 1816, substitui as noções elaboradas sobre os judeus no campo da teologia por uma perspectiva social e política que destacava o caráter moral degradante de um grupo inclinado a minar a ordem da sociedade, ‘tomando’ dos alemães o controle do país. Os judeus passavam a ser vistos não mais como um mero grupo religioso, mas como uma associação política voltada para a dominação de uma dada região.

Mais adiante, Alfred Rosenberg, ideólogo que influenciaria profundamente Hitler, iria popularizar a associação entre judeus e ideologias socialistas ou comunistas na expressão ‘bolchevismo judaico’.²³⁸ A idéia conspiratória da dominação judaica de certas

²³⁸ KERSHAW, Ian. **Hitler: um perfil do poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. GOLDHAGEN, Daniel. **Os carrascos voluntários de Hitler**. São Paulo: Cia da letras, 2002.

regiões do mundo se daria, então, por meio da promoção de ideologias desse tipo, corrompendo e manipulando os povos dos países onde estivessem radicados, ocupando posições de poder em diversas instâncias da sociedade e, ao mesmo tempo, fazendo com que os não-judeus desenvolvessem políticas de seu interesse.

Nos EUA, quem popularizou a tese do bolchevismo judaico fora nada menos que Henry Ford, o ícone norte-americano da indústria automobilística no mundo. Financiando e coordenando um periódico de circulação de porte considerável (aproximadamente 600 mil), o *Dearborn Independent*, Ford fora, assim, o nome responsável pela publicação dos ‘Protocolos dos anciãos do Sião’ em inglês e do famoso *The International Jew: the world’s foremost problem*, somente este último vendendo mais de meio milhão de cópias e traduzido para 16 línguas diferentes. O *Dearborn Independent* ao longo dos anos de 1920 e 1927 lançou também uma série de artigos “acusando os judeus de utilizarem o comunismo, o sistema bancário, os sindicatos, o álcool, o jogo de apostas, o jazz os jornais e o cinema para atacar e enfraquecer a América, sua cultura e seu povo.”²³⁹

Ideais conspiratórios parecem ainda se alimentar das próprias tragédias ocorridas com o povo judeu através dos tempos. Recentemente, isso pode ser observado no crescimento de expressões revisionistas, negando ou contestando a veracidade e real existência do Holocausto e dos campos de extermínio nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. O *Institute for Historical Review*, fundado por Willis Carto em 1978, fora exatamente criado para tentar angariar algum tipo de aceitação e respaldo acadêmico para esses revisionistas adeptos do Holocausto enquanto a grande farsa do século XX. De acordo com o Instituto, expor a ‘verdade’ sobre o Holocausto também expõe o grupo secreto que controla grande parte da força militar e da política externa norte-americana.²⁴⁰ E em seu esforço de expor ‘a grande farsa’, o Instituto publica um periódico em moldes acadêmicos, o *Journal of Historical Review*, e organiza e patrocina encontros anuais, muitas vezes sediados em universidades.

A *National Alliance* afirma não negar o Holocausto completamente, afirma inclusive acreditar ser verdade a morte em massa de judeus por alemães. Contudo, contesta,

²³⁹ LIPSET, Deborah E. **Denying the Holocaust: the growing assault on truth and memory**. London: Penguin, 1994. p.37. “...accusing Jews of utilizing communism, banking, labor unions, alcohol, gambling, jazz music, newspapers and the movies to attack and weaken America, its culture and people.”

²⁴⁰ Idem.p143.

os detalhes, como mesmo é expresso num dos programas de rádio, os números que chegam às casas de milhões, às câmaras de gás e a crueldade monstruosa dos nazistas.

Então eu sei que algo aconteceu com os judeus na Europa tanto antes quanto durante a Segunda Guerra Mundial, e se quiserem chamar esse algo de ‘Holocausto’, por mim tudo bem. Eu não nego que algo realmente aconteceu. Eu não nego que houve um ‘Holocausto’. Eu só estou interessado em checar os detalhes, em checar os fatos. Mas, assim que eu ou qualquer outro o faz, nós somos chamados de negadores do Holocausto.²⁴¹

O responsável pela locução desse programa em particular é William Pierce. Como em outras matérias produzidos pela organização, nos quais ele é o responsável pelo texto, rapidamente identificamos seu estilo. A Pierce, não basta dizer que não nega o Holocausto, este se preocupa em deixar sua alegação o mais clara possível e de modo a chamar a atenção do ouvinte. Assim, ele costuma usar frases curtas, que causem impacto, muitas vezes repetindo os inícios, como em ‘Eu não nego...’, ou os verbos, como em checar detalhes, checar fatos, para dar um tom de continuidade enquanto se explica e acrescenta detalhes. Usa também, muitas vezes, um tom professoral, mas não aquele professor que instiga um debate e coloca questões mais do que responde, e sim aquele que calma e serenamente esclarece, traz a luz e indica o caminho aos que não podem ver. No trecho a seguir podemos notar como Pierce ‘descobre’ uma série de coisas, desvendando polêmicas e transmite a seus ouvintes ‘toda a verdade’. Em momento algum ele revela como descobriu tudo isso, o que leu ou com quem falou. Exceto por uma rápida menção ao *Institute for Historical Review*, ficamos sem saber a base de todo esse conhecimento, que parece tão detalhado e extenso.

Eu descobri que muitos judeus simplesmente morreram devido às condições existentes perto do fim da guerra, quando a desnutrição e a doença se faziam implacáveis nos campos-prisões. Eu descobri que o número total de judeus que foram mortos e que morreram de doença foi substancialmente menor que os seis milhões, afirmado pelos propagandistas judeus. Mais importante, eu descobri que muitas mentiras foram contadas sobre o que aconteceu durante o ‘Holocausto’. Eu descobri que a maioria dos contos sobre as câmaras de gás não era verdadeira. Eu descobri que sequer uma das histórias sobre estourar os miolos de bebês ou atirar crianças de prédios ou atirar em prisioneiros com rifles de caça por esporte,

²⁴¹ ‘Thoughts on the Holocaust’. **American Dissident Voices**. 8 February 1997. “So I know that something did happen to the Jews in Europe both before and during the Second World War, and if they want to call that something a ‘Holocaust’, that’s all right with me. I don’t deny that something did happen. I don’t deny that there was a ‘Holocaust’. I’m just interested in checking the details, in checking the facts. But as soon as I or anyone else does that, we’re called ‘Holocaust deniers’.”

a la Lista de Schindler, puderam ser comprovados e que eram todos quase certamente falsos.²⁴²

A perspectiva maniqueísta presente na caracterização do judeu se presta a transformá-lo em bode expiatório, demônio, praga que infecta e corrompe o Ocidente, femininizando-o. Hipóteses conspiracionistas obscurecem realidades mais profundas e complexas, simplificando toda uma análise estrutural e conjuntural acerca do racismo, das mudanças dos valores culturais e morais e da precarização das condições de vida na sociedade norte-americana daquela época, como hoje em dia. Além disso, análises desse tipo tendem a tratar os elementos não-judeus como massa de manobra, seres sem consciência ou que no máximo têm em mente apenas seus interesses imediatos. A praga judaico-‘liberal’-democrático-igualitária “se difundiu por toda a nossa sociedade. Até mesmo aqueles que não aceitam conscientemente as doutrinas ‘liberais’ foram corrompidos por elas”.²⁴³ Mais absurdo ainda nos parece a imagem dos judeus como grandes advogados de doutrinas igualitárias ou socialistas.

Absurdo ou não, o fato é que as reformas social-democratas e mesmo seus cada vez mais parcos resquícios no atual contexto do neoliberalismo foram e são ainda hoje interpretados por muitos neofascistas como perigosos caminhos rumo ao socialismo ou comunismo. E quando este fascismo vem acompanhado de elementos de racismo e anti-semitismo, o mito do bolchevismo-judaico torna-se demasiadamente atrativo.

E atrativo foi para Earl Turner, herói do romance de Pierce, que destina os últimos dois anos de sua vida totalmente à militância na *Organization* em prol da dita ‘revolução branca’. Sua dedicação e os êxitos de sua Unidade em diversas missões fazem ainda com que ele seja escolhido para integrar o grupo de elite *Order*, setor dentre o qual são escolhidos os líderes da *Organization*. Ao final do diário, contudo, Earl Turner não se torna líder, nem se casa com sua namorada Katherine, mas ainda assim sua saída é triunfante. Em sua missão final, um atentado com um avião-bomba ao Pentágono, o herói perde a vida.

²⁴² Idem. “I discovered that many more Jews simply died under the conditions that existed toward the end of the war, when malnutrition and disease were rampant in the prison camps. I discovered that the total number of Jews who were killed and who died of disease was substantially less than the six million claimed by the Jewish propagandists. Most Important, I discovered that a great many lies had been told about what happened during the ‘Holocaust’. I discovered that most of the tales about gas chambers (...) were not true. I discovered that not a single one of the stories about bashing out babies’ brains or throwing children off buildings or shooting prisoners with hunting rifles for sport, a la Schindler’s List, could be substantiated, and that they were all almost certainly false.”

²⁴³ MACDONALD, op.cit. p.26.

Porém, como típica tragédia moderna, não perde a luta completamente. Seus ideais, sua trajetória, as lições deixadas permanecem. A ação trágica não é aquilo que acontece ao herói, mas sim o que acontece por meio do herói.²⁴⁴ O herói se imortaliza em um senso de virtudes abstratas a serem senão seguidas, admiradas. No epílogo, Pierce não deixa de fazer as honras a seu herói.

Assim terminam os diários de Earl Turner, tão despretensiosamente como começaram. Sua missão final obteve sucesso, é claro, como somos todos lembrados a cada ano em nove de novembro - nosso tradicional dia dos mártires.²⁴⁵

Earl Turner se faz mártir e seu diário ganha posteridade nas mãos do companheiro de luta Bill, cabendo a este último a tarefa de guardá-lo em lugar seguro para que no futuro este se imortalize assim como seu autor.

O romance, ainda que de modo ficcional, nos apresenta pela voz de Earl Turner, um leque de temas, muitos dos quais também se farão presentes nos escritos não-ficcionais da mesma época. Na página da *web* da *National Alliance* estão disponíveis para consulta gratuita alguns volumes da *National Vanguard* e também alguns artigos selecionados do tempo em que a revista ainda tinha o formato de tablóide.

A revista, assim como em certa medida também o tablóide, contém artigos sobre temas variados, muitas vezes se reportando e trazendo críticas a acontecimentos da época, editoriais, cartas de leitores, e resenhas de livros e filmes. As capas trazem diagramação padronizada, de forma a dar uma identidade aos volumes, e também bastante tradicional, sem maiores ousadias da parte gráfica. O título da revista aparece na parte superior em caixa alta e fonte preta sob um fundo branco. Entre as palavras ‘*National*’ e ‘*Vanguard*’ podemos ver ilustrado o símbolo na *National Alliance*, um anagrama rúnico representando a vida, igualmente em preto. Logo abaixo, escrito sob fundo negro, vemos o lema da organização: ‘em direção a uma nova consciência; uma nova ordem; um novo povo’. Seguindo abaixo, temos finalmente a ilustração principal. Esta irá retratar, na maioria dos volumes, cenas que remetem à cultura ocidental, seja pela arte renascentista ou pela arquitetura neoclássica ou pelas esculturas greco-romanas ou mesmo pelas belas fotos de

²⁴⁴ WILLIAMS, Raymond. **Tragédia Moderna**. São Paulo: Cosac&Nasif, 2002.

²⁴⁵ MACDONALD, op.cit.p.125. “Thus end Earl Turner’s diaries, as unpretentiously as they began. His final mission was successful, of course, as we all are reminded each year on November 9 – our traditional Day of the Martyrs.”

foguetes e do espaço sideral. O primeiro plano da ilustração principal aparece sempre, sem exceção, centralizado e em detalhe com fontes discretas temos à direita na parte superior o número e o volume da revista e na parte inferior a temática central do volume. Esta imagem domina a parte gráfica da capa, não apenas por trazer o primeiro plano na posição central, mas também pelo fato de aparecer sangrando, imponente. Afora a opção por imagem sangrando²⁴⁶, a capa não apresenta maiores atrativos ou toques furtivos ao olhar. A escolha por tal diagramação concede um ar tradicional, ‘bem comportado’ e organizado à revista. O domínio da ilustração principal, com pouquíssimas informações escritas e a ausência de propagandas, confere aspecto ‘clean’ e que aliado às características da figura exposta, acaba por reforçar as idéias de organização, ordem e retidão.

O número 53, do ano de 1977, traz um artigo intitulado ‘*General Patton’s warning*’ dedicado à memória do general George Patton, comandante durante a Segunda Guerra Mundial, preocupado com o avanço das forças soviéticas sobre a Europa logo após a rendição alemã. O artigo faz uso de escritos deixados pelo próprio Patton em um diário, do qual são extraídos vários trechos usados na matéria.

Desde já é interessante notar não apenas os conteúdos dos trechos, mas como esses são usados para corroborar os argumentos e direcionamentos políticos da organização. Isso porque “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu digno de chegar até o público.” E é preciso que tenhamos em mente “as motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa.”²⁴⁷

Devemos atentar, então, para os interesses do tablóide em dar divulgação a esse diário -publicado com título de *Patton Papers*- em especial e não a outro, fazer dele notícia.

Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas.²⁴⁸

O *Patton Papers* não deu origem a uma nota de recomendação, nem a uma resenha, mas a um artigo, uma matéria completa com comentários exaltando as qualidades militares e políticas de seu autor. A propaganda do livro é um objetivo indireto, secundário. A

²⁴⁶ Jargão usual em comunicação gráfica, referindo-se à impressão de fotografia sem margem ou bordas.

²⁴⁷ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.p. 139.

²⁴⁸ Idem.p.140.

principal finalidade, a nosso ver, fora usar algumas informações nele contidas para fortalecer e embasar algumas crenças da própria *National Alliance*. No correr do artigo, a revista não apenas exalta sua imagem, mas o coloca como único ser esclarecido e capaz de ver o perigo por detrás das operações de reconstrução e restituição da paz na Europa. O general escreve em julho de 1945: “ ‘Berlim me entristeceu. Nós destruimos o que poderia ter sido uma boa raça e nós estamos prestes a trocá-los por selvagens mongóis. E toda a Europa será comunista.’ ”²⁴⁹ Pouco mais de um mês depois, volta a condenar a ação norte-americana em se aliar aos russos. “ ‘Na verdade, os alemães são o único povo decente que sobrou na Europa. É uma escolha entre eles e os russos. Eu prefiro os alemães. O que nós estamos fazendo é destruir o único Estado semi-moderno na Europa para que Rússia possa dragar tudo.’ ”²⁵⁰

O anti-comunismo se mostra latente nas palavras de Patton. Mas ele revela mais que isso. Revela seu racismo, ao caracterizar os soviéticos como selvagens mongóis. E revela também sua admiração pela forma autoritária de governo instituída pelos alemães, o fascismo, ao não hesitar em classificar a Alemanha nazista como ‘único Estado semi-moderno’. Russos e norte-americanos, contudo, não seriam os únicos empenhados em dar fim ao ‘único Estado semi-moderno’. Há ainda um outro grupo social duramente criticado no diário de Patton e que a revista ajuda a corroborar: os judeus. Para Patton os judeus

‘...são piores que animais. (...) Esse povo não entende [para que servem] os vasos sanitários e se recusam a usá-los a não ser como repositórios de latas, lixo... Há uma influência semita claramente aparente na imprensa. Eles estão tentando fazer duas coisas: primeiro, implementar o comunismo e segundo, garantir que todos os empresários de ascendência alemã e antecedentes não-judaicos sejam despejados de seus empregos.’²⁵¹

Pelos trechos destacados podemos perceber primeiramente o asco e ódio de Patton pelos judeus e em seguida traços de sua crença na tese conspiracionista do bolchevismo-

²⁴⁹ PATTON, George. The Patton Papers. Boston: Houghton Mifflin Company, 1974. In: ‘General Patton’s Warning’. **National Vanguard Tabloid**. n° 53, 1977. “ ‘Berlin gave me the blues. We have destroyed what could have been a good race, and we are about to replace them with Mongolian savages. And all Europe will be communist.’ ”

²⁵⁰ Idem. “ ‘Actually, the Germans are the only decent people left in Europe. it’s a choice between them and the Russians. I prefer the Germans.’ And on September 2: “What we are doing is to destroy the only semi-modern state in Europe, so that Russia can swallow the whole.’ ”

²⁵¹ Idem. ibidem. “ ‘are lower than animals (...) these people do not understand toilets and refuse to use them except as repositories for tin cans, garbage... There is a very apparent Semitic influence in the press. They are trying to do two things: first, implement communism, and second, see that all businessmen of German ancestry and non-Jewish antecedents are thrown out of their jobs.’ ”

judaico. Os judeus são sujos, um povo porco e selvagem que sequer é capaz de usar privadas para suas necessidades. Seus interesses não poderiam ser mais sórdidos. Estariam empenhados em destruir a Alemanha, implementando ao lado dos russos o comunismo, roubando seus empregos e dominando a imprensa.

Patton escreve em 1945, o artigo sai pelo *National Vanguard Tabloid* em 1977, mas se avançarmos um pouco no tempo até a década de 1990, nos deparamos com argumentos bastante parecidos. O editorial do número 115 da *National Vanguard Magazine* traz logo na primeira página a denúncia de que os esforços dos judeus “estiveram sempre direcionados não apenas no sentido de imprimir poder aos não-brancos e aos pervertidos, mas também no sentido de alienar mais homens e mulheres brancos quanto possível de sua própria raça.”²⁵²

Se atentarmos com cuidado para alguns detalhes, veremos que mesmo esse curto extrato contém elementos muito ricos para a análise do seu conteúdo ideológico. A escolha das palavras pelo autor é de grande relevância e nos ajudam a perceber os pormenores da visão de mundo daqueles que integram a *National Alliance*. Ao dizer que os judeus trabalharam para “imprimir poder aos não-brancos e aos pervertidos” notamos que, segundo a revista, o poder não é uma conquista, não resulta do conflito entre os diversos grupos sociais, mas é algo dado, concedido, ainda que no caso haja segundas intenções. E tal discurso implica em um total desprezo pelas lutas históricas desses classificados como ‘não-brancos’ e ‘pervertidos’ por respeito, direitos e maior representação política. Ao mesmo tempo, atribui aos judeus um poder e uma competência política extraordinários. É igualmente curioso o fato de a organização sequer se preocupar em desvendar de onde adviria esse poder, de forma a compreender mais profundamente um projeto, cuja essência muitas vezes parece naturalizada.

Na continuação, ele afirma ainda que um segundo objetivo dos judeus seria alienar os brancos de sua raça, ou seja, fazer com que estes não se orgulhem ou não vejam maior importância no fato de serem brancos, o que destruiria qualquer possibilidade de se construir uma identidade entre esse coletivo. A preocupação em se construir uma identidade racial, agregando um coletivo orgulhoso desta característica em particular e

²⁵² ‘Dividing the race’. *National Vanguard Magazine*. Nº 115. November-December, 1995. “...their efforts have been directed not only toward empowering the non-Whites and the perverts but also toward alienating as many White men and women from their own race as possible.”

empenhado em lutar para preservá-la, será então uma parte importante da constituição do projeto fascista da *National Alliance*. Os judeus buscariam sordidamente impedir a formação desse coletivo pela promoção de uma identidade coletiva distinta, primando por uma predica democratizante, na qual todos seriam considerados iguais perante a lei, tendo os mesmos direitos e deveres. Esse projeto, como vamos notando desde o romance, será identificado como comunista. O bolchevismo judaico, entretanto, não seria o único obstáculo a ser enfrentado no caminho pela construção de um coletivismo branco. O individualismo demasiadamente difundido na sociedade contemporânea, posto que especialmente caro a sociedades de conformação política (neo) liberal, e abraçado por muitos brancos, constituiria uma outra barreira a ser transposta.

Em 1996, a *National Vanguard* publica um artigo escrito pelo próprio Pierce, no qual ele remonta um antigo debate com Robert Welch, fundador da *John Birch Society*, sobre as diferenças entre coletivismo e anti-comunismo.

Hoje, com o comunismo diminuído à irrelevância na maioria dos lugares, o grande inimigo da *Birch Society* tem sido o “coletivismo” generalizado. Comunismo é uma forma de coletivismo, assim como é qualquer forma de socialismo – incluindo, em especial, o Nacional Socialismo. Racismo e anti-semitismo também são formas de coletivismo. De maneira geral, qualquer forma de “ismo” que peça que o indivíduo dedique lealdade a uma entidade coletiva ou que lide com outros indivíduos coletivamente é coletivismo e, de acordo com os adeptos da *Birch Society*, o maior de todos os males. A seus olhos, coletivismo é a feição preeminente que distingue a esquerda, enquanto o individualismo caracteriza a direita.²⁵³

O debate travado entre os dois líderes revela primeira e evidentemente a multiplicidade de projetos dentro do campo do conservadorismo. O coletivismo, tão temido pelos adeptos da *Birch Society*, não constitui necessariamente um mal aos olhos da *National Alliance*. E por mais que ao final ambas as organizações -*John Birch Society* e *National Alliance*- advoguem abertamente anti-comunismo, seus projetos de sociedade são distintos. O individualismo fortemente presente na perspectiva da *John Birch Society* vem

²⁵³ ‘*Enemies on the Right: the John Birch Society and Individualism*’. In: **National Vanguard Magazine**. Nº116. August-September, 1996. “Today, with Communism receding into irrelevance in most places, the great enemy of the Birch Society has been generalized to “collectivism.” Communism is a form of collectivism, as is any brand of socialism—including, especially, National Socialism. Racism and anti-Semitism also are forms of collectivism. In general, any “ism” which asks the individual to give his loyalty to a collective entity or which deals with other individuals collectively is collectivism and, according to the Birchers, is the greatest of all evils. In their eyes collectivism is the preeminent distinguishing feature of the left, whereas individualism characterizes the right.”

de encontro a uma das características essenciais do fascismo, o senso de comunidade, seja essa embasada pela raça –a exemplo do fascismo alemão e norte-americano- ou pela nacionalidade –a exemplo do fascismo italiano. O coletivo em torno da raça, o cuidado com sua preservação, a luta pelo seu avanço e em nome de sua glória é simplesmente incompatível com projetos de cunho individualista.

Historicamente, podemos perceber que o individualismo é uma componente importante na construção dos EUA. Ideais empreendedores como o do *'self made man'* (aquele que veio do nada e obtém sucesso por si mesmo) e do *'do it yourself'* (faça você mesmo) são originários dos EUA. A Carta de Direitos, documento que contém as primeiras dez emendas introduzidas na Constituição dos Estados Unidos em 1789, foi escrita e ratificada exatamente com o intento de salvaguardar os direitos do indivíduo cidadão contra possíveis atos de opressão ou tirania por parte das instâncias governamentais ou das maiorias populares.²⁵⁴ Tal aspecto em especial nos ajuda a entender porque projetos fascistas nunca tiveram forte apelo em solo norte-americano e o porquê das atuais divergências e críticas dos neofascistas às presentes administrações neoliberais.

Parte dessa doença está relacionada ao desmantelamento no senso de comunidade, o senso de família, de pertencimento, de enraizamento, o qual costumava caracterizar americanos brancos, e a sua substituição pelo extremo individualismo. A 50 ou 60 anos atrás, os americanos costumavam se identificar fortemente com sua comunidade, com seu grupo étnico, com sua raça. Eles sentiam um senso de responsabilidade por outros iguais a sua volta. Nós éramos como uma grande e extensa família. Agora muitas pessoas estão e voltando para o individualismo, preocupando-se apenas com seus próprios prazeres e interesses.²⁵⁵

Ainda com relação ao pequeno trecho do editorial, pensar que um suposto coletivo possa ser alienado em massa implica também em pensar os homens como marionetes, seres facilmente manipuláveis, incapazes de interpretar uma dada realidade e tomarem suas próprias posições. Esse último ponto talvez fique mais claro se nos voltarmos para alguns artigos, nos quais o alerta alardeado no editorial fora mais bem desenvolvido.

²⁵⁴ BRANT, Irving. **The Bill of Rights: its origin and meaning**. Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1965. p.3.

²⁵⁵ *'The morality of the immigration problem'*. **National Dissident Voices**. 14 June 1997. "Part of this pathology is related to the breakdown in the sense of community, the sense of family, of belonging, of rootedness, which used to characterize white Americans and its replacement by extreme individualism. Fifty or sixty years ago Americans used to identify very strongly with their community, with their ethnic group, with their race. They felt a sense of responsibility for others of their own kind around them. We were like a large, extended family. Now too many people are retreating into individualism, caring only about their own pleasures and their own interests."

Nós sabemos que existem muitas pessoas na América hoje, as quais estão relacionadas a nós por sangue, mas que caíram completamente sob o feitiço daqueles cujo objetivo é nos destruir. Nós sabemos que as pessoas enfeitiçadas por nossos inimigos acreditam que professores devam ser forçados a ensinar que o homossexualismo é um estilo de vida normal e saudável. Eles acreditam que a história deve ser falsificada nas escolas, de forma a evitar magoar aquelas raças cuja história é menos rica que a nossa. (...) Eles gostariam de ver mais mexicanos nesse país, mais negros, mais casais inter-raciais mais shows de rap, mais muvuca e sujeira e diversidade. (...) Eles se tornaram espiritualmente escravizados pelos controladores da mídia e eles gostariam de nos escravizar também. (...) Nós devemos desafiar os judeus de Hollywood, nós devemos desafiar o governo, nós devemos desafiar aqueles de nosso próprio povo que foram corrompidos por eles.²⁵⁶

Logo, os árbitros da moda em Hollywood e Nova York, os quais usaram o cinema e a televisão para colocar a mistura de raças na última moda também fizeram o feminismo moda entre as mulheres brancas. A loucura já foi tão hoje em dia que números substanciais de outrora mulheres brancas heterossexuais normais se deixaram ser persuadidas de que elas não apenas podem ser pilotos de combate ou bombeiras tão capazes quanto os homens, mas de que somente mulheres realmente sabem como dar satisfação sexual a mulheres.²⁵⁷

Nesses trechos um pouco mais completos podemos ver mais claramente como a *National Alliance* entende e trata os brancos que por ventura não compartilhem de sua visão de mundo. Esses são encarados como marionetes da mídia, corrompidos em sua essência e finalmente escravizados, posto que cegos e incapazes de verem por si sós uma realidade que ameaçaria sua existência. Os sujeitos aparecem ao mesmo tempo fracos e vitimizados, não sendo capazes de enxergar o perigo por detrás do dito projeto judaico de dominação e destruição e deixando-se corromper, escravizar-se. Enfeitiçados esses homens e mulheres brancas simplesmente não conseguiriam evitar ‘jogar’ contra sua própria raça, indo assim de encontro aos seus próprios interesses fundamentais. Entretanto, exatamente porque

²⁵⁶ ‘Freedom: use it or lose it’. **National Vanguard Magazines**/d. “We know that there are many people in America today who are related to us by blood, but who have fallen completely under the spell of those whose aim is to destroy us. We know that the people under the spell of our enemies believe that teachers should be forced to teach that homosexuality is a normal, healthy lifestyle. They believe that history should be falsified in the schools in order to avoid hurting the feelings of those races whose history is less rich than our own. (...) They would like to see more Mexicans in this country, more Blacks, more racially mixed couples, more rap concerts, more crowding and filth and diversity. They have become spiritually enslaved to the controllers of the media, and they would like to enslave us also. (...) We must defy the Hollywood Jews, we must defy the government, we must defy those of our own people who have been corrupted by them.”

²⁵⁷ ‘Dividing the race’. **National Vanguard Magazine**. N^o 115. November-December, 1995. “Thus, the arbiters of fashion in Hollywood and New York who used the cinema and television to make racial mixing fashionable among the trendy set also made feminism fashionable among White women. The madness has gone so far today that substantial numbers of otherwise normal, heterosexual White women have let themselves be persuaded that not only can they be just as capable combat pilots or firefighters as men but that only women really know how to give women sexual fulfillment.”

supostamente inevitável, poderíamos pensar, então, que eles sairiam de certa forma inocentados por tamanha ‘traição’. Talvez, mas nem por isso deveriam deixar de ser desafiados. Ainda que ‘enfeitiçados’, esses homens e mulheres acabam invariavelmente trabalhando contra a raça e, portanto, tornam-se um problema a ser enfrentado juntamente com o ‘governo’ e ‘Hollywood’.

No caso específico da mulher, suas inclinações políticas ou sexuais são tratadas como modismos, algo superficial, passível de mudança a cada nova estação. Mais grave ainda parece ser a idéia de que esta mulher e naturalmente as experiências vivenciadas por ela ao longo da vida não teriam relevância alguma na configuração de sua visão de mundo e comportamento social. A mulher, e o coletivo mais geral presente no primeiro trecho, não é vista como sujeito, ser participativo, opinativo, capaz de observar e fazer julgamentos próprios. Ela é um receptáculo dos interesses da mídia, agindo conforme os desígnos dos ‘árbitros da moda em Hollywood e Nova York’.

Conforme o discurso da organização, o principal meio usado pelos judeus para conquistar tanto espaço e galgar tantos privilégios será mídia em seus braços informacional, como periódicos de grande circulação, e de entretenimento, como cinema e as emissoras de televisão. A mídia será comumente retratada como estando, senão dominada, trabalhando a serviço dos judeus e prezando por seus interesses.

Aonde quer que haja judeus com suas mãos na grande mídia de uma nação e políticos, os quais como escravos seguem modismos ideológicos colocados pela mídia, o povo perde sua liberdade de criticar seus destruidores. Em todo o lugar que os judeus vão, seu primeiro objetivo é colocar suas mãos na grande mídia da nação de modo a que eles possam não apenas promover suas próprias políticas destrutivas, mas também de modo a que possam impedir qualquer um de identificá-los publicamente ou criticá-los.²⁵⁸

Como podemos perceber, a associação direta entre o judeu e a mídia será uma tônica constante assim como também será o conspiracionismo associado a esse povo que corromperia e destruiria nações como uma praga. Não estamos por isso nos furtando a ver ou admitir o fato de haver realmente muitos judeus no ramo da mídia e do entretenimento. Sim, muitos são os profissionais de sucesso nessas áreas. São empresários, jornalistas,

²⁵⁸ ‘Freedom: use it or lose it’. **National Vanguard Magazine**s/d. “Wherever there are Jews with their hands on a nation's mass media, and politicians who slavishly follow the ideological fashions set by the media, the people lose their freedom to criticize their destroyers. Everywhere the Jews go, their first goal is to get their hands on a nation's mass media, so that they can not only push their own destructive policies, but so that they can prevent anyone from identifying them publicly or criticizing them.”

cineastas, presidentes e diretores, enfim, pessoas influentes, ocupando cargos importantes. É importante que percebamos que as sociedades capitalistas foram construídas e se apresentam estratificadas em frações de classe, grupos de interesse em luta. Os judeus inseridos em sociedades com esta conformação estão, por sua vez, também presentes nessas frações. Mas não integram todos uma mesma fração, não têm todos os mesmos interesses, nem advogam e compartilham todos uma mesma ideologia.

Quanto ao terceiro inimigo, o governo e seus políticos seguidores de ‘modismos ideológicos’, este será mais ricamente abordado nas transmissões de rádio e no conjunto de vídeos que integram o corpus documental áudio-visual. O programa *American Dissident Voices* começou a ir ao ar em 1991 e desde então é transmitido semanalmente. Inicialmente uma produção simples, apresentado pelo sistema de ondas curtas, o *American Dissident Voices* é transmitido em rádios comerciais AM e FM sob a locução de Pierce (até a data de sua morte em 2002), do idealizador do projeto, Kevin Strom ou do atual presidente da *National Alliance*, Erich Gliebe. Todas as transmissões estão disponíveis para escuta pela página da *National Alliance*, assim como as transcrições de todos os programas. Essas últimas saem publicadas no boletim *Free Speech* com pequenas, realmente mínimas, alterações de modo a adaptar o discurso original em áudio à forma textual de boletim.

O trabalho com fontes de áudio e audiovisuais implica em um certo número de cuidados para os quais devemos atentar. Primeiramente, é importante procurarmos ir, especialmente nesse caso, além dos meros conteúdos narrativos trazidos pelas fontes e observarmos também como esse conteúdo, essas informações são transmitidas ao ouvinte. É preciso um esforço a mais do historiador em explorar os terrenos nem sempre muito íntimos da semiótica, considerando a especificidade técnica de linguagem, os suportes tecnológicos e os gêneros narrativos que se insinuam nos documentos audiovisuais, de modo a aproveitar tudo o que documentos dessa espécie têm a oferecer. É preciso que articulemos “a linguagem técnico-estética das fontes audiovisuais e musicais (ou seja, seus códigos internos de funcionamento) e as representações da realidade histórica ou social nela contidas (ou seja, seu ‘conteúdo’ narrativo propriamente dito).”²⁵⁹ A análise dos materiais de áudio levará em consideração, portanto, não somente o conteúdo, mas igualmente a maneira como a linguagem é empregada. A análise do discurso implica em estar sensível às

²⁵⁹ NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). op. cit. p.237.

ênfases, às hesitações e aos silêncios.²⁶⁰ Além disso, “o discurso não ocorre em um vácuo social”²⁶¹ e, quando empregado, sempre desvenda posições e visões de mundo.

Em um programa relativamente recente apresentado por Pierce podemos ver como a organização entende o comportamento daqueles que compõem as instâncias governamentais e do empresariado não-judeu:

Em primeiro lugar, eles têm que manter felizes os capitalistas judeus da televisão de modo a garantir a continuação de sua lucrativa colaboração; e em segundo lugar, eles não gostam de ninguém que saia da linha, qualquer um que possa mudar as coisas de maneira imprevisível, qualquer um que possa ser uma ameaça a seus lucros.²⁶²

A classe dominante de origem não-judaica é vista como colaboracionista, empenhada em empreender um projeto que não o seu, mas de outrem. É entendida como um agente cooperador e secundário no processo de construção da ordem vigente! E desta cooperação, desta subordinação aos ‘capitalistas judeus da televisão’ extraem seus lucros e se mantêm no poder. Tal idéia ganha ainda mais ênfase durante a locução. Pierce faz questão de acentuar a pronúncia dos verbos ‘manter’ e ‘assegurar’ e do substantivo ‘ameaça’, seguida e precedida de uma pequena pausa no discurso. A estratégia da pequena pausa faz o ouvinte se fixar no que fora imediatamente dito, traz acento, marca a última idéia antes de se prosseguir com o resto. Na segunda metade do trecho, temos ainda a impressão de que essa classe dominante não-judaica desempenha também um papel de ‘cão de guarda’, guardiã protetora dos interesses e do projeto judaico de dominação uma vez que oferecem resistência ao dissenso, aos que ‘saem da linha’, aos que advogam políticas alternativas. A referência a esses possíveis dissidentes é por sua vez enfatizada de uma outra forma. As expressões ‘saia da linha’ e ‘mudar as coisas’ são pronunciadas mais vagarosamente, de forma alongada e nesse caso a delonga em se concluir o fragmento cumpre por si só o papel de enfatizar, dispensando o recurso da pequena pausa.

Ao longo da pesquisa em torno do desenvolvimento do capitalismo nos EUA apresentada desde o segundo capítulo desta dissertação nos deparamos com um cenário um

²⁶⁰ BAUER, M e GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p.244-270.

²⁶¹ Idem. p.248.

²⁶² ‘Capitalism and Equality’. **American Dissident Voices**. 15 January 2000. “In the first place, they must keep the Jewish capitalists of television happy in order to assure the continuation of their lucrative collaboration; and in the second place, they don’t like anyone who gets out of line, anyone who may change things in an unpredictable way, anyone who might be a threat to their profits.”

tanto distinto. Antes de uma ou monolítica em torno de uma certa etnia, a classe dominante é múltipla e complexa, dividida em frações e composta por muitos grupos empresariais importantes de origem étnica caucasiana como as indústrias DuPont ou o grupo Rockefeller ou os famosos corretores E.F. Hutton. E que, ao contrário de se mostrarem em posição subordinada e subserviente ao projeto de outrem, lutam pela implantação do seu, lutam antes de tudo pela manutenção de sua condição dominante ante as dificuldades e reivindicações dos setores dominados durante o Estado de bem-estar. E não foi uma luta fácil. Como pudemos observar nos capítulos anteriores, o avanço do conservadorismo nos EUA foi um processo complexo, existindo diversos projetos e estratégias de luta diferentes em oposição ao reformismo keynesiano. Foram fundados aparelhos privados de hegemonia com propostas específicas, alguns trazendo uma mensagem saudosista em favor da recuperação do liberalismo clássico, como *American Liberty League*, outros preferindo a estratégia de controlarem setores-chave na sociedade política, como o *Business Advisory Council*, o Comitê para o Desenvolvimento Econômico (CED) e o Conselho de Relações Internacionais (CFR). A formação de uma coalisão de oposição em apoio a candidatos alternativos foi também um caminho que se tentou trilhar em fins da década de 1960, a exemplo das eleições de Wallace e Goldwater. Enfim, a classe dominante se articulou, elaborou diversas alternativas ao projeto reformista e, ao longo de aproximadamente 50 anos de luta, uma importante fração desta classe conseguiu construir um projeto conservador alternativo vitorioso, o neoliberalismo. Este é um projeto de uma classe, não de uma etnia. Pensá-lo como projeto judaico de dominação do mundo empobrece a análise, produzindo estereótipos e desprezando o papel dos capitalistas não-judeus em todo esse processo de luta.

Pouco mais adiante no mesmo programa nos é explicitado mais um exemplo da crença no bolchevismo-judaico.

Somado a sua atitude com relação aos dissidentes existem outras similaridades entre o regime comunista da defunta União Soviética e o regime Clintonista sob o qual nós vivemos nos Estados Unidos hoje. (...) A igualdade é o mito mais venenosamente falso e destrutivo que já fora imposto ao nosso povo. Mesmo sendo contrário a mais simplista observação do mundo real, a igualdade guarda seu poder destrutivo em seu apelo ao inferior, ao invejoso e ao ressentido. Diz ao perdedor, ao vagaroso, ao desinteressante, ao desajeitado e ao sombrio. “você é tão merecedor quanto o vencedor; você é tão forte e ágil, tão brilhante e criativo, tão imaginativo e energético, tão corajoso e talentoso, tão bonito e admirável em

todas as maneiras quanto qualquer outro.”(...) Charlatões e judeus usaram esse discurso inúmeras vezes para arruinar sociedades arianas.²⁶³

A velha relação estabelecida entre judeus, políticas democratizantes e o comunismo é mais uma vez enfocada. O locutor traz ainda em sua citação pessoal críticas a uma visão de mundo cara a social-democracia, na qual entende-se que as desigualdades sociais são basicamente frutos de oportunidades também desiguais para os diversos grupos que compõem a sociedade. O darwinismo social e a ode ao espírito empreendedor voltam à cena de forma explícita em qualificações como inferior, ressentido, invejoso, preguiçoso, vagaroso etc. Ao se remeter ao discurso social-democrata do regime ‘Clintonista’, Pierce o faz com desdém, pronunciando sarcasticamente os adjetivos contidos em sua citação pessoal. O final do trecho nos revela implicitamente que os EUA são considerados pela *National Alliance* originalmente e em sua essência uma ‘sociedade ariana’. Sociedade esta que fora, então, corrompida em sua essência pelos charlatões, pelos judeus e pelos colaboracionistas. Estes teriam ainda desvirtuado o senso de democracia, não sendo esta mais governo do povo e para o povo, transformando-se, porém, em um regime político dominado por interesses, ambições e oportunismos por parte de indivíduos ou pequenos grupos.

Indignado, Pierce não se contém ao falar da pretensa democracia vivenciada nos EUA contemporâneo.

A democracia na América hoje não é mais ditada pela massa do povo; esta é apenas a aparência externa do nosso sistema hoje. O que nós realmente temos é uma oligarquia, e os oligarcas são aqueles que detém o controle da mídia de massa ... E realmente o mais desastroso sobre essa oligarquia é que os oligarcas em sua maioria nem mesmo são do nosso povo, mas de um povo completamente estranho a nós. A consequência do domínio dessa oligarquia estranha, que se esconde por detrás da pretensa democracia, é que nós temos líderes políticos amorais e irresponsáveis, cuja única preocupação é agradar os oligarcas e consequentemente fazer avançar suas próprias carreiras. (...) Eles são políticos - na verdade, mais atores, mais exibicionistas do que homens de Estado - que estão viciados no sentimento de poder, na idéia de controlar pessoas e nações, mas que

²⁶³ Idem. “In addition to their attitude toward dissidents, there are other similarities between the communist regime of the defunct Soviet Union and the Clintonista regime under which we live in the United States today. (...) Egalitarianism is the most poisonously false and destructive myth ever foisted on our people. Though it is contrary to even the most cursory observations of the real world, egalitarianism has its destructive power in its appeal to the inferior, to the envious and to the resentful. It says to the loser, to the sluggard, to the dull, the clumsy and the drab. “You are just as deserving as the winner; you are just as strong and agile, just as bright and creative, just as imaginative and energetic, just as brave and skillful, just as beautiful and admirable in every way.” (...) Charlatans and Jews have used this line over and over again to tear down Aryan societies.”

não têm nenhuma preocupação com o bem-estar ou o destino das pessoas que eles fingem liderar. (...) ... os oligarcas estão no estágio final da consolidação da nossa dominação no que eles exultantemente se referem como a sua Nova Ordem Mundial.²⁶⁴

Nesta parte do programa, Pierce soa completamente inconformado, mesmo revoltado, usando um tom de voz extremamente alto. Toda essa transmissão é muito carregada de emoção e em certos momentos, como nesse trecho destacado, seu discurso é literalmente proferido aos gritos. As palavras ‘oligarquia’ e ‘oligarcas’ são sempre acentuadas pelo aumento ainda maior do tom de voz, assim como as qualidades ‘irresponsáveis’ e ‘amorais’ atribuídas aos líderes políticos. No correr do programa, são feitas críticas nominais a Bill Clinton, Boris Yeltsin e Frederick de Klerk (último presidente branco da África do Sul). Seriam eles os exemplos mais notórios do que há pouco identifiquei no discurso do líder como exemplos de ‘traidores da raça’, uma vez que não estariam lutando pelo avanço e sobrevivência da raça, mas estariam intimamente comprometidos com o projeto judaico de dominação, a ‘Nova Ordem Mundial’.

O trecho a seguir nos mostra que para a *National Alliance*, mais que simplesmente dominação política ou econômica, a estratégia de dominação judaica passaria igualmente por um processo de destruição da identidade branca, da formação e crescimento de um coletivo em torno disso. E para tal, se faria essencial a promoção de políticas públicas que enfatizassem a igualdade entre os homens, projetos que aclamassem o multiculturalismo e a diversidade como princípios de todo o tipo na sociedade. Tal estratégia, segundo a *National Alliance*, estaria, assim, ligada a um trabalho simultâneo, por um lado, de promoção não-brancos, da identidade não-branca, da cultura não-branca, do orgulho não-branco e, por outro, de construção de um sentimento de culpa por parte dos brancos em manter uma identidade particular.

²⁶⁴ ‘Democracy’. **American Dissident Voices**. 28 June 1998. “Democracy in America today is no longer rule by the mass of the people; that is the only outward appearance of our system today. What we really have is an oligarchy, and the oligarchs are the people who own and control our mass media (...) And the really disastrous thing about this oligarchy is that the oligarchs are for the most part not even of our people but are of a people wholly alien to us. The consequences of rule by this alien oligarchy, which hides behind the pretense of democracy, is that we have amoral and irresponsible political leaders, whose only concern is pleasing the oligarchs and thereby advancing their own careers. (...) They are politicians –really, more actors, more showmen, than statesmen- who are addicted to the feeling of power, to the idea of controlling people and nations, but who have no real concern for the welfare or the destiny of the people they pretend to lead. (...) ... the oligarchs are now in the final stages of consolidating their domination of us in what they gloatingly refer to as their ‘New World Order’.”

Eles [os judeus] foram capazes de incutir um sentimento de culpa racial e auto-ódio racial em duas gerações de jovens brancos. E com sua crescente influência eles foram capazes de abrir as fronteiras americanas ao mundo não-branco e eles foram capazes de forçar a integração racial em nossas escolas, em nossos ambientes de trabalho, em nossos bairros. Eles trocaram nossa música européia por jazz e rock e rap.²⁶⁵

As minorias são tratadas como parte do plano de desarticulação de uma possível coletividade branca. São classificadas pela organização como anormais, inferiores, enfeitiçados, uma massa de preguiçosos e usurpadores dos benefícios do Estado. Sua cultura é tratada com desdém e isso parece bastante explícito quando o locutor pronuncia os estilos musicais tidos como não-brancos de forma lenta e depreciativa, como se fossem inferiores. Assim, para a *National Alliance*, a existência, o crescimento e o avanço das minorias devem ser entendidos, e somente a partir dele adquirem completo significado, dentro do projeto de constituição dessa suposta ‘Nova Ordem Mundial’.

Praticamente não há o que assuste mais um liberal do que a idéia de perder o apoio do governo, os músculos governamentais para forçar o público a se submeter às políticas e programas liberais. Os liberais construíram uma coalizão não-natural de minorias e pessoas anormais – uma coalizão de negros e outras minorias raciais, de homossexuais, de feministas militantes, de perenes receptores dos benefícios do Estado de todas as raças- para se manter no governo. Eles construíram uma coalizão de pessoas que dependem do governo para ter garantido seus privilégios e proteções especiais. Essa é a coalizão que colocou Bill Clinton no poder.²⁶⁶

Na análise dessas transmissões, pudemos observar que a administração William Clinton, em especial suas políticas públicas, escândalos e alianças políticas se tornaram durante a década de 1990 senão o mais, certamente um dos alvos preferidos do *American Dissident Voices*. Como vimos em trechos apresentados acima, o governo Clinton, uma administração notadamente de consolidação do projeto neoliberal implantado nos EUA

²⁶⁵ ‘The Big Picture’. **National Dissident Voices**. 15 June 1996. “They were able to instill feelings of racial guilt and racial self-hatred into two generations of young white people. And with their growing influence they were able to open America’s borders to the non-white world, and they were able to force racial integration on our schools, our workplaces, our neighborhoods. They replaced our European music with jazz and rock and rap.”

²⁶⁶ ‘What liberals don’t understand: both terrorism and random violence will increase as alienation grows.’ **American Dissident Voices**. 6 July 1996. “There’s hardly anything that frightens a liberal more than the thought of losing the government’s backing, the government’s muscle for forcing the public to submit to liberal policies and programs. The liberals have built up an unnatural coalition of minorities and abnormal people – a coalition of Blacks and other racial minorities, of homosexuals, of militant feminists, of perennial welfare recipients of all races- to keep a grip on the government. They have built a coalition of people who depend on the government to guarantee their special privileges and protections. This is the coalition which put Bill Clinton into office.”

desde a década de 1980, é tido como ‘liberal’ ou mesmo com traços comunistas. Ao analisar os programas, simplesmente não percebemos distinções entre o tipo de política de governo dos anos 60 e o da Era Clinton, sendo todo esse período entendido como o processo de consolidação de uma ‘Nova Ordem Mundial’. E ainda que este último governo tenha sim feito forte campanha em torno do multiculturalismo e da integração racial não podemos ignorar as diferenças centrais entre um projeto de sociedade social-democrata e um neoliberal.

Mas que seria exatamente essa Nova Ordem Mundial? O termo veio a se popularizar nos EUA no famoso discurso ‘*New World Order*’ feito pelo ex-presidente George H. W. Bush, em 11 de setembro de 1990, quando do colapso da União Soviética anunciara que sua política externa ajudaria a construir uma nova ordem mundial. A existência do termo, entretanto, é bem mais antiga, datando do início do século XX e sendo associado geralmente a diversas teorias conspiratórias, nas quais acredita-se de um modo geral que um poderoso grupo secreto conspira com a ambição de dominar o mundo por meio de um governo mundial único e autônomo, fazendo ruir a soberania dos Estados Nacionais.²⁶⁷

Analisando uma edição especial do boletim *Free Speech* feita a partir da compilação de cinco transmissões sobre a ‘Nova Ordem Mundial’ podemos entender um pouco melhor os significados que a *National Alliance* atribui ao termo. O texto afirma que a ‘Nova Ordem Mundial’ não é uma ameaça futura, mas uma realidade presente. Desde 1933, quando Franklin Roosevelt assumiu o poder, instituindo o *New Deal*, a ‘Nova Ordem Mundial’ viria adquirindo controle ininterrupto do governo dos EUA.²⁶⁸ Primeiramente, nos cabe refletir acerca deste marco estabelecido pelo autor como o início da construção da ‘Nova Ordem Mundial’ nos EUA. O que exatamente estava ocorrendo em 1933? Que mudanças na sociedade como um todo trouxe o *New Deal*? Quais foram seus significados? E finalmente, que grupos sociais tiveram seus interesses se não ameaçados, pelo menos obstaculizados?

²⁶⁷ BERLET, Chip. How apocalyptic and millennialist themes influence right-wing scapegoating and conspiracism. In: **Public Eye Magazine**. Fall, 1998.

²⁶⁸ SPENCER, Scott. The history and the significance of the New World Order. In: **Free Speech** Vol. II. N^o12. December, 1996.

Nos capítulos anteriores desta dissertação fizemos um esforço em tentar responder a tais questões e vimos quão complexo fora o processo de instauração e desenvolvimento da social-democracia. Observamos também que o projeto reformista trouxe mudanças nas relações intra e inter-classes sociais; que os setores dominados e identidades minoritárias conquistaram espaço e maior representatividade e que muitas vezes essas lutas foram associadas ao comunismo e à decadência dos bons e velhos valores tradicionais. Tantas mudanças se iniciaram com as reformas trazidas pelo *New Deal*. Este marcara um momento importante de conquista dos setores dominados. Mas não fora o único marco que selara a indevida, entretanto, popular associação *New Deal* / democracia / coletivismo / comunismo.

Nos vídeos produzidos pela *National Alliance* e também nos programas televisivos, nos quais Pierce aparece, outro momento é destacado como marco de mudanças importantes nos EUA, mudanças estas que contribuiriam em última instância para a construção desta suposta ‘Nova Ordem Mundial’. Este momento é o pós-Segunda Guerra Mundial, em especial as turbulentas e apaixonantes décadas de 1960 e 1970. Vejamos como e o porquê deste momento ser posto em destaque.

Race and Reality é um programa de entrevistas produzido pela organização neofascista *White Aryan Resistance*, no qual convidados especiais são entrevistados pelo apresentador Ron Dogget e o público pode participar pelo telefone fazendo comentários ou perguntas. Diferentemente da *National Alliance*, a *White Aryan Resistance* não é um aparelho restrito à produção de mídia educativa e, ainda que também invista neste ramo, não se furta a promover e organizar ataques violentos a sociedade, como forma de expressão de sua resistência. Contudo, para um aparelho, no qual a linha educativa e a construção de consciência não primam entre os objetivos principais, a escolha pela produção de um programa televisivo parece um tanto impressionante. Um dos canais de informação mais populares e abrangentes desde a sua invenção em meados do século XX, a televisão, em um país com leis de censura flexíveis, pode ser um efetivo meio para a transmissão de visões de mundo e projetos políticos, enfim ideologias. A televisão, assim como outros meios de comunicação como jornais, revistas, folhetos, o rádio e o cinema, é também um campo de disputa.

Que o modelo hegemônico de televisão “odeia as diferenças” é algo que não precisa de muita demonstração e o modo pelo qual opera a dissolução foi descrito anteriormente. Mas também pela televisão passam as brechas, também ela está

feita de contradições e nela se expressam demandas que tornam visíveis a não-unificação do campo e do mercado simbólico.²⁶⁹

Os estudos de Sergio Micelli durante a década de 1970 já chamam a atenção para esse ponto. O autor nos alerta para o perigo do entendimento da indústria cultural, dos meios de comunicação e entretenimento sob o prisma de meros instrumentos da dominação. Tal perspectiva acaba por assumir como única a representação que a cultura dominante oferece de si mesma e do outro, ignorando a presença nessas mesmas indústrias de “expressões de uma demanda simbólica peculiar, que não coincide de todo com o expediente cultural dominante.”²⁷⁰

A escolha pela produção de um programa televisivo como meio para expressar descontentamentos e reivindicações acerca da ordem atual fora no mínimo interessante, especialmente em uma época que as pessoas lêem cada vez menos e têm cada vez menos tempo para se informar e refletir sobre aquilo que observam a sua volta. A televisão, nesse sentido, constitui-se numa saída fácil e confortável, basta sentar a sua frente e na maioria das vezes -pois nem todos os programas televisivos são de natureza alienante- lá está tudo pronto e resolvido para você. A própria linguagem desta mídia fora desenvolvida de forma a familiarizar tudo, a tornar próximo até o que houver de mais remoto. “Um discurso que produz seus efeitos a partir da mesma forma com que organiza as imagens: do jeito que permitir maior transparência, ou seja, em termos de simplicidade, clareza e economia narrativa.”²⁷¹

Os programas levantados datam do início da década de 1990, remetendo-se muitas vezes ao, à época, recente processo eleitoral, no qual Clinton é eleito presidente. Apresentador e convidado são filmados de frente em primeiro plano, aparecendo sentados com uma bancada à frente, como no formato de um clássico telejornal. Ao longo do mesmo, aparecem ainda algumas informações na parte inferior da tela: à esquerda o nome da organização da qual o convidado faz parte com o endereço completo e telefone para contato e à direita o número do telefone do programa para que o telespectador possa participar. Tais informações não são constantes, aparecendo no início, em alguns momentos

²⁶⁹ MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 2006.p.319.

²⁷⁰ MICELLI, Sérgio. A noite da madrinha. São Paulo: Perspectiva, 1972.p.210. apud. MARTIN-BARBERO, Jesús. op.cit. 312.

²⁷¹ MARTIN-BARBERO, Jesús. op.cit. p.297.

no decorrer e ao final do programa. Os vídeos são bastante simples, sem maiores recursos estéticos ou tecnológicos, não havendo músicas de fundo ou sonorização mais complexa. Na maioria dos programas também não vemos nenhum tipo de estética gráfica de fundo, apenas em um deles podemos ver ao fundo da parede parda uma faixa azul escura contendo o símbolo da *National Alliance* ao centro. Em vista disso, entendemos que a preocupação informacional, de transmitir um certo conteúdo prevalece sobre a tentativa de cativar o público pela estética.

Uma das partes mais interessantes do programa é exatamente quando o apresentador Ron Dogget, após apresentar do convidado e fazer as primeiras intervenções com primeiras perguntas, abre o programa para o público. Afora as perguntas dos telespectadores e, por vezes, alguns comentários do apresentador de forma a direcionar o programa para certos tópicos, percebemos que é Pierce quem fala na maior parte do tempo. Notamos ainda que este pouco gesticula ao falar e na maioria das vezes também não é eloquente em seu discurso. Parece geralmente bastante calmo e seguro, seu olhar se volta ou para o entrevistador ou, quando para frente, levemente para baixo. O semblante acadêmico, muito sério e contido do convidado certamente não ajuda a construir maior empatia com a audiência, mas ao longo dos programas o físico revela também o lado professor e nesse aspecto consegue estabelecer maiores conexões de proximidade com a audiência. Isso pode ser percebido nas ênfases no discurso. Evidentemente perceptíveis por sua expressão facial ao frisar a testa, revelando, assim, linhas de expressão, notamos também que estas são **todas** feitas com o olhar dirigido ao entrevistador, como se naquele momento lhe desse toda a atenção, uma atenção individualizada, personalizada.

A parte referente às participações é importante, pois é nesse momento que podemos ver a reação dos espectadores quanto ao programa, ao mesmo tempo, ter alguma idéia de quem assiste ao programa. Seriam somente simpatizantes de ideologia neofascista, racistas e conservadores de um modo geral? Assim presumimos antes de uma análise mais cuidadosa do programa. Mesmo porque muitas participações nos levavam a conclusões dessa espécie. Esse é o caso, por exemplo, do telespectador, que em sua participação faz um comentário com tom pejorativo acerca da imigração de latinos, principalmente mexicanos, qualificando o processo como “uma invasão de não-brancos fronteira adentro

vindos do México e do Haiti e do Caribe...”²⁷² Em sua réplica ao comentário do telespectador, Pierce revela alguns aspectos que fazem do pós-Segunda Guerra um outro marco importante para a construção da Nova Ordem Mundial.

Desde a Segunda Guerra Mundial existe um forte e contínuo esforço para botar abaixo as barreiras nacionais, para essencialmente abrir as fronteiras dos Estados Unidos. E as leis de imigração mudaram lá nos anos 50, cortando os imigrantes vindos da Europa e abrindo para a imigração vinda do mundo não-branco.²⁷³

E porque, pensamos nós, essas novas políticas de imigração são consideradas ameaça tão grande? Conservadores e neoliberais certamente não veriam maiores ameaças ou perigo, ao contrário, o trabalho do imigrante latino é menos custoso, ainda mais se este for ilegal. A imigração poderia muito bem ser vista como mais uma oportunidade de aumento da margem de lucro. Mas este programa não é produzido por conservadores neoliberais, é um programa produzido por neofascistas, é um programa no qual os convidados são neofascistas e, como já pudemos observar anteriormente, suas reações serão diferentes. Com respeito à entrada em massa de latinos nos EUA, esta será interpretada por neofascistas como um ataque direto à integridade da raça branca e, em termos mais gerais, à própria essência dos EUA.

Antevendo este tipo de confusão o apresentador intervém e coloca a questão. “O senhor acha que isso resulta principalmente de interesses corporativos, que querem trabalho barato ou de um interesse ‘liberal’, que quer um voto democrata?”²⁷⁴ A resposta, sem deixar de reconhecer os interesses colocados pelo apresentador, revela, também a razão do perigo e verdadeira ameaça por detrás da mão-de-obra barata e dos pensamentos ‘liberais’.

Na verdade, são duas coisas. São pessoas que realmente querem destruir o que tem sido a América no curso dos últimos dois séculos. E para fazer isso, eles perceberam que têm de pôr abaixo o senso de solidariedade racial que nós tínhamos nesse país antes da Segunda Guerra Mundial. (...) Essas pessoas realmente querem homogeneizar a América, eles querem homogeneizar o mundo

²⁷² ‘Pierce on Race, immigration, Homosexuality, Feminism and Jews’. **Race and Reality**, s/d. “... invasion of non-whites coming across the border from Mexico and Haiti and the Caribbean...”

²⁷³ Idem. “Ever since the second world war there’s been a strong and continuing effort to break down national barriers, to essentially open borders of Unites States. And the immigration law has changed back in the 50’s to cut out the immigrants from Europe and open up immigration to the non-white world.”

²⁷⁴ Idem. ibidem. “Do you think it’s mainly corporate interest who want cheap labor or a liberal interest who want a democratic vote?”

todo. E isso, essa insanidade ideológica é uma força poderosa, que vem nos impedindo de controlar nossas fronteiras.²⁷⁵

Logo em seguida, o apresentador introduz, então, a temática da homossexualidade e do feminismo, de forma a levar Pierce a comentar sobre as conseqüências e mudanças trazidas pelo movimento de liberação sexual e pelas lutas de afirmação da mulher na sociedade. “Há uma completa síndrome de ‘ismos’ que não são naturais e em última análise hostis aos interesses brancos, que vieram à tona desde a última guerra, isto é, nos últimos 50 anos. A homossexualidade e o feminismo militante estão entre eles.”²⁷⁶

Finalmente, o apresentador conduz o programa a mais um elemento marcante dos novos tempos, da ‘Nova Ordem Mundial’, a organização de grupo não-negros na luta em torno de seus interesses. É então, nesta parte, que nos deparamos com algo inesperado: a participação revoltada de um telespectador negro ao telefone, o que nos leva repensar a qualidade da audiência de *Race and Reality*. O homem contesta sobre a alegação da existência de organizações negras serem tratadas como um ‘problema’ e ressalta a opressão imposta aos negros por sujeitos como Dogget e Pierce e organizações como a *National Alliance*. Ao final do comentário, reage exaltado dizendo: “Vocês têm tentado nos destruir!” Pierce, então, tenta esclarecer o ponto de vista da *National Alliance*, que parece diferir um pouco talvez da opinião do próprio apresentador.

Eu acho bom quando qualquer grupo étnico ou racial tem suas próprias revistas, seus próprios representantes e se assegura das características de seu próprio grupo. Nós não nos opomos a isso para grupo algum. Nós nos opomos a pessoas que estão tentando forçar todos a ficarem juntos, que estão tentando nos homogeneizar, que estão tentando pôr abaixo nosso senso de identidade, nosso orgulho, nossa preocupação com nossos próprios grupos. E esse é um empenho que, ao fim, é tão destrutivo para os negros quanto para os brancos. Nós estamos satisfeitos com o fato dos negros desenvolverem seu senso de identidade, desenvolverem orgulho de sua própria história e que façam o que quiserem, contanto que eles não entrem em nosso caminho. Nós não estamos interessados em oprimir ninguém!²⁷⁷

²⁷⁵ Idem. ibidem. “It’s really two things. It’s people who really want to wrack was it in America over the course of the last two centuries. And to do that they realized they have to break down the sense of racial solidarity that we had in this country prior to the Second World War. (...) These people really want to homogenize America, they want to homogenize the whole world and that, this ideological insanity is a powerful force that has prevented us from controlling our own borders.”

²⁷⁶ Idem. ibidem. “There is a whole syndrome of ‘isms’ that are unnatural and hostile ultimately to White interests, which have come to the forefront since the last war, that is, in the last 50 years. Homosexuality and militant feminism are among them.”

²⁷⁷ Idem. ibidem. “I think it’s fine when any racial or ethnical group has its own magazines, has its own spokesmen, ensures itself with the feature of its own group. We’re not opposed to that for any other group. What we are opposed to is people who are trying to force us all together; who are trying to homogenize us;

Esta parte é bastante polêmica e interessante e nos leva a algumas discussões no mínimo delicadas em torno de questões como segregação, subordinação e separatismo. A promoção e o incentivo, mais marcadamente a partir da década de 1970, à organização de grupos minoritários em torno de lutas, muitas vezes localizadas e sectárias, influenciadas e apoiadas pelo paradigma pós-moderno abre também uma brecha para a organização de grupos em torno dos ‘direitos dos brancos’. Isso é uma questão muito delicada, podendo levar a alegações, como muitas vezes fazem os neofascistas, de que o Estado atual seria racista, favorável aos interesses dos não-brancos.

O trecho desvela ainda uma mudança nos objetivos quanto à relação entre as raças. Se num passado mais remoto, a escravidão levou a uma relação de dominação/subordinação, de exploração e opressão dos negros pelos brancos, mais recentemente o *Jim Crow* estabelecia o convívio de ‘iguais, mas separados’ em uma mesma cidade ou nação, observamos que uma volta a este caminho não faz parte do projeto fascista presente. Em todos os materiais produzidos, a *National Alliance* procura deixar clara essa diferença, de modo a que seu projeto não seja entendido enquanto mero desejo romântico de volta a um passado idolatrado e perdido. Mesmo porque foram justamente essas experiências passadas, que contribuíram para a construção da tão criticada Nova Ordem Mundial. “A importação de não-brancos, escravos ou livres, nas colônias americanas e depois na República Americana deveria ter sido banida desde os tempos de Colombo. Interesses raciais deveriam ter prevalecido aos interesses econômicos!”²⁷⁸

O segundo trecho a seguir, retirado de um dos programas do *National Dissident Voices*, ilustra bem esta preocupação com a diferenciação. Kevin Strom fala pausadamente, usando um tom explicativo e elucidativo. Procura, além disso, usar frases curtas, bem objetivas para que não reste dúvida ao ouvinte. Infelizmente, a tradução veio a comprometer a percepção de uma das estratégias de promover ênfase mais comuns na língua inglesa, a opção pela não contração dos verbos na negativa. Strom usa esse recurso

who are trying to break down our sense of identity, our pride, our concern for our own groups. And this is an effort that is just as destructive ultimately for black people as it is for white people. We’re happy to have black people develop their own sense of identity, develop a pride in their own history and to do whatever they want to do, so long as they don’t get in our way. We’re not interested in oppressing anybody!”

²⁷⁸ HAWTHORNE, Robert. **America is a changing country: a documentary on the National Alliance and its program**. 2001. “To ensure the importing of non-whites, slave or free, into the American colonies and then into the American Republic should have been banned from the time of Columbus. Racial considerations should have prevailed over economic considerations!”

em **todas** as frases negativas do trecho. Assim, ele opta em dizer ‘*does not desire*’, ‘*does not want*’ e em pronunciar os demais verbos na afirmativa de forma forte e intensa, usando a estratégia da pequena pausa.

Eu tenho de concordar. Existe crueldade, existe exploração quando você força diferentes grupos de pessoas, com características diferentes a viverem juntos. Nós precisamos pôr um fim nisso. Eu fico satisfeito de saber que por todo o mundo há uma crescente onda de nacionalismo, pessoas determinadas a serem mestres de seus próprios destinos novamente... pessoas determinadas a resistir essa utópica Nova Ordem Mundial, que certos grupos de elitistas acreditam que deva ser imposta a todos nós. (...) A separação é necessária! Existirá conflito até que tenhamos separação...²⁷⁹

Um separatista, especificamente, não deseja ser uma classe dominante, não quer mandar em nenhum povo. Na verdade, um separatista não quer de modo algum uma sociedade multiracial. Um supremacista, por outro lado, quer e exige uma sociedade multiracial. Nessa sociedade multiracial, ele deseja que sua raça ou grupo social seja o dominante.²⁸⁰

Muitas vezes interpretado como mera retórica, o separatismo branco foi definido por Crawford como um rótulo utilizado por indivíduos e organizações com o objetivo de mascarar suas crenças no *Jim Crow* e no neofascismo.²⁸¹ Acreditamos, contudo, que é o separatismo, antes de uma volta à segregação, o completo isolamento e não-interacionismo antes de qualquer forma contato, ainda que esta pudesse vir a trazer algum lucro, exatamente um dos elementos que caracteriza o projeto neofascista norte-americano de sociedade. Se há uma hipótese bem colocada e densamente trabalhada ao longo do intenso trabalho das sociólogas Dobratz e Shanks-Meile com neofascistas esta é a do separatismo. As autoras não negam que por trás do advogado desejo de separação provavelmente estão também ideais de superioridade racial, mas ainda assim buscam sustentar o argumento do separatismo, entendendo que há uma diferença entre o desejo supremacista de dominar e o da completa separação das raças.

²⁷⁹ ‘Is he a professa or a dokta?’ **Race and Reality**.s/d. ‘I have to agree. There is cruelty, there is exploitation when you force different groups of people with different characteristics together. We need to put an end to that. I’m pleased to know that around the world there is a rising tide of nationalism, people determined to be masters of their own destiny again ... people determined to resist this utopian New World Order, that certain groups of elitists believe should be forced on all of us. (...) Separation is necessary! There will be conflict until we have separation...’

²⁸⁰ Jewish supremacy. National Dissident Voices. 6 April 1996. “A separatist specifically does not desire to be an overclass, does not want to rule over any other people. In fact a separatist does not want a multiracial society at all. A supremacist, on the other hand, wants and demands a multiracial society. In this multiracial society he wishes his race or social group to be the dominant one.”

²⁸¹ CRAWFORD, Robert et alli. **The northwest imperative: documenting a decade of hate**. Portland:CHD,1994.

Esta ideologia contemporânea está sendo formada em torno do apoio ao separatismo como meio de se desligar do que os membros do movimento vêem como uma sociedade multicultural e integrada. (...) Os membros contemporâneos do movimento não apóiam o antigo estilo separatista branco de dominação pela segregação ou escravidão, os quais eles acreditam não ter funcionado bem na preservação da pureza da raça branca.²⁸²

Por nossa parte, entendemos também que uma proposta separatista promova uma diferença qualitativa na conformação e composição da nova sociedade imaginada pelos neofascistas. O separatismo é um aspecto central e diferenciador na configuração do neofascismo. É um aspecto importante que marca e dá o tom nacionalista, ou seja, o tom característico do neofascismo **norte-americano**, posto que embasado em experiências nacionais, a escravidão e o sistema segregacionista, consideradas fracassadas. Por meio de uma releitura do passado aos olhos da *National Alliance*, acreditamos poder compreender melhor o porquê do descontentamento e das reivindicações daqueles que não apenas integram formalmente a organização, mas também de outros que se sentem atraídos por projetos embasados por ideologia fascista. A fonte que melhor nos oferece tal releitura é sem dúvida o filme-documentário '*América is a changing country*'.

Em 2001, a *National Alliance* decidiu produzir um vídeo-documentário, no qual procurou, por meio da exposição de uma leitura particular da história dos EUA, fazer uma análise da sociedade norte-americana contemporânea e apresentar os pontos centrais do programa político da organização como alternativa para construção de uma nova realidade. '*America is a changing country: a documentary on the National Alliance and its program*' transmite através de um título bastante objetivo sua proposta político-militante. O filme é o material de vídeo mais complexo produzido pela organização, é colorido, dinâmico e relativamente longo se comparado aos outros materiais produzidos pela organização, com duração aproximada de 51 minutos. Pode ser dividido em duas partes, sendo a primeira essencialmente uma narração de Pierce ilustrada por imagens que aparecem no vídeo acompanhando sua fala e uma segunda na qual ele efetivamente aparece e, sentado em um escritório, fala diretamente ao espectador. Na primeira parte, somos defrontados com dois

²⁸² DOBRATZ, Betty & SHANKS-MEILE, Stephanie. op.cit., p.ix. "*The contemporary ideology is being framed toward support o separatism as a means of disengage from what movement members se as a multicultural and integrated society. (...) The contemporary members of the movement typically do not support the old style white supremacy of domination through segregation or slavery, which they believe has not worked well in preserving the purity of the white race.*"

discursos distintos e independentes –o iconográfico e o da palavra falada-, mas que interagem entre si. O semiólogo francês Roland Barthes em conhecidos estudos sobre a fotografia procurou entender como interagem e dialogam diferentes naturezas de discursos.

...ontem, a imagem ilustrava o texto (tornava-o mais claro); hoje, o texto torna imagem mais pesada, impõe-lhe uma cultura, uma moral, uma imaginação; no passado, havia redução do texto à imagem; no presente, há uma ampliação recíproca... na maioria das vezes o texto limita-se a ampliar um conjunto de conotações já incluídas na fotografia; mas por vezes, também o texto produz (inventa) um significado inteiramente novo, que é, de certo modo, projetado retroativamente na imagem, a ponto de nela parecer denotado.²⁸³

Assim, é necessário que fiquemos atentos para as duas formas pelas quais a mensagem é transmitida, como elas interagem entre si, como dialogam, no caso em especial de um vídeo político-propagandístico, corroborando, fortalecendo e acrescentando significado uma a outra. Diferentemente de um vídeo político de resistência, é interessante notar que os de cunho propagandístico procuram ao todo custo evitar ruídos, ou seja, contradições ou incoerências quando da transmissão da mensagem ao ouvinte ou espectador. Por isso, materiais desse tipo são produzidos de forma a evitar a ironia ou o sarcasmo, promovendo uma interação harmônica entre as duas formas de discurso, não deixando dúvidas sobre o conteúdo da mensagem que se quer passar.

O trabalho com filmes-documentário, seu uso enquanto fonte histórica requer ainda outros cuidados que não podemos deixar de observar. O primeiro é certamente o poder da imagem, mais especificamente o ‘efeito realidade’ repassado ao espectador pelo registro de imagens e sons. Segundo Roland Barthes, esse efeito seria produzido pela impressão de uma adesão imediata do referente (em nosso caso, a ‘realidade’ filmada) à representação (em nosso caso, o filme em si).²⁸⁴ E com isso devemos ter cuidado, pois como qualquer outro tipo de fonte, o filme é também um documento, ou seja, uma construção, trazendo em si a tensão entre evidência e representação. “Em outras palavras, sem deixar de ser representação construída socialmente por um ator, por um grupo social ou por uma

²⁸³ BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso. Ensaios críticos III**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p.20-21.

²⁸⁴ BARTHES, Roland. *La chambre claire: note sur la photographie*. Paris: Galimar, 1980. p.16 apud. NAPOLITANO, Marcos. *A história depois do papel*. In: PINSKY, Carla Bassanezi(org). **Fontes históricas**. SP: Contexto, 2006. p. 236.

instituição qualquer, a fonte é uma evidência de um processo ou de um evento ocorrido...”²⁸⁵

O material áudio-visual recolhido seja na forma de filme-documentário ou programa televisivo, mais do que criativas estratégias de mobilização e propaganda, vale por aquilo que testemunha, ou seja, os contextos e conflitos sociais também transmitidos pelas lentes. Segundo o historiador Marc Ferro, *‘a crítica não se limita somente ao filme, integra-o no mundo que o rodeia e com o qual se comunica necessariamente’*²⁸⁶. Sob tal perspectiva, o filme se torna uma fonte bastante interessante, pois quando devidamente analisado, nos informa de maneira direta sobre o conteúdo abordado e indiretamente sobre a realidade que representa. O método proposto por Ferro busca, assim, *‘analisar no filme principalmente a narrativa, o cenário, o texto, as relações do filme com o que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime’*²⁸⁷.

Referência inegável nos estudos de história e cinema, Ferro fora também criticado por tender a enfatizar em seu método o aspecto da realidade externa ao documento e as interações desse com a mesma. Inspirados pelos trabalhos do pesquisador francês Pierre Sorlin, Morettin e Ramos enfatizam que “o historiador deve partir dos próprios filmes, de sua significação interna, a partir da qual se insere determinada base ideológica de representação do passado”. Morettin ressalta ainda que “mais importante é perceber a ambigüidade das imagens que nem sempre conseguem apresentar uma leitura coerente e unívoca do fato histórico, mesmo quando é o desejo de seus realizadores, como nos filmes históricos patrocinados pelo Estado.”²⁸⁸

Se ao conseguirmos identificar, por meio da análise fílmica, o discurso que a obra cinematográfica constrói sobre a sociedade na qual se insere, apontando para suas ambigüidades, incertezas e tensões, o cinema perde a sua efetiva dimensão de fonte histórica.²⁸⁹

As contribuições de mestre e críticos não se excluem completamente e acreditamos que uma boa análise deve sim levar em consideração aspectos enfatizados por ambos. O

²⁸⁵ NAPOLITANO, Marcos. op.cit.p.240.

²⁸⁶ FERRO, Marc. “O filme” In: LE GOFF, J. et alli. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: F. Alves Ed., 1976, p.203.

²⁸⁷ Idem.

²⁸⁸ NAPOLITANO, Marcos. op.cit.p.244-245.

²⁸⁹ MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro.In: História, questões e debates. Curitiba:UFPR. N.20/38, jan/jun. 2003.p.40. apud. NAPOLITANO, Marcos.op.cit.p.247.

filme é um documento produzido e tal produção é marcada não apenas por especificidades técnicas internas, mas pelas escolhas daqueles que o produzem. Mas está também inserido, como ensina o grande mestre e ao final bem afirma Morettin, em uma sociedade e com ela invariavelmente dialoga, aponta tensões e incertezas, uma vez que seus produtores são seres sociais que vivem e constroem e se expressam em tal sociedade.

‘*America is a changing country*’ é de longe o vídeo no qual Pierce é mais enfático em seu discurso. Com uma fala bem menos ponderada, o narrador é emotivo e não hesita, procurando passar muita segurança e certeza em sua mensagem. Ouvimos agora, um Pierce em uma performance diferente do usual seguro, mas sereno cientista. Aqui, o que ouvimos é nitidamente o discurso de um homem político, eloquente e enfático.

O propósito propagandístico é objetiva e rapidamente colocado desde o início do filme. Este começa, então, como uma música orquestrada impactante de fundo. Logo em seguida, surge na tela, em meio a um cenário espacial, o símbolo da *National Alliance* rodeado e inserido dentro de uma representação do globo terrestre. Finalmente, põe-se a primeiro plano, o nome ‘*National Alliance*’ centralizado. Sem palavra alguma, as primeiras mensagens são dadas. Este não é um filme qualquer, é um filme produzido pela *National Alliance*, é um filme que expressa os ideais, angústias, descontentamentos e desejos daqueles que compõem a organização. Similarmente à diagramação da revista, observamos que nesses poucos segundos de filme todos os elementos que aparecem na tela estão centralizados, ‘bem arrumados’ e organizados. Não é apenas um formato gráfico pouco ousado, tradicional pura e simplesmente, mas nos diz implicitamente que o projeto da *National Alliance* é sério, coerente, tradicional, direto e objetivo.

É tão objetivo que após esta apresentação formal inicial, o filme inicia e a primeira frase que ouvimos é: “A América é um país em transformação”. Essa é a primeira declaração de Pierce em um tom alarmista. Daí em diante, sua empreitada será explicar de que forma a ‘América’ está mudando, se transformando, e que mudanças são essas.

O primeiro minuto do filme é bombástico, realmente chocante, procurando prender a atenção do espectador a qualquer, qualquer que seja sua inclinação ideológica. Abaixo, reproduziremos o discurso concernente a esse tempo.

A América é um país em transformação! Com mais de um milhão de imigrantes não-brancos, tanto legais quanto ilegais, inundando os Estados Unidos todo ano, vindos da Ásia, África, México e da região caribenha, a tez da nossa população

está rapidamente escurecendo. Nossa cultura também está mudando, refletindo tanto as mudanças na população quanto as tendências promovidas pela mídia de entretenimento e propaganda. A América está ficando menos branca, menos européia, menos civilizada e mais como o terceiro mundo.²⁹⁰

As primeiras imagens mostradas são uma cena da travessia do Rio Grande por imigrantes latinos, seguida de uma passagem pelas ruas de um bairro chinês, uma família muçulmana e uma discoteca ‘de negros’. A cena do rio preza pela quantidade, ou seja, procura enfocar o rio de pessoas que escoam para a ‘América’. A câmera filma de cima, de forma não vermos a fisionomia daqueles sujeitos que, em busca de melhores condições de vida, lutam para chegar do outro lado. Vemos apenas uma multidão descaracterizada, dezenas de pontos tentando vencer a força do rio para adentrar a tão sonhada ‘América’. Nas cenas seguintes, o foco é a qualidade, a característica desses não-brancos. As cenas no bairro chinês buscam manter as lentes focadas nos rostos dos sujeitos e nas placas e letreiros de lojas e restaurantes, gravadas com ideogramas orientais. A família muçulmana é facilmente identificada pelas vestes, como o lenço na cabeça da mulher. Já os negros são retratados em uma cena mais longa e repleta de simbologia degradante. Aparecem dançando numa discoteca. O primeiro plano consiste em um cantor gordo, o qual não apenas ocupa quase a totalidade da tela com seu tamanho avantajado, mas aparece súbita e abruptamente no quadro. Notamos a intenção do diretor em assustar o espectador pela rapidez com a qual este primeiro personagem entra e sai do quadro. A escolha de colocá-lo não apenas em primeiro plano, mas de ampliar o foco em seu rosto demonstra a intenção do diretor Robert Hawthorne de não deixar dúvida sobre sua cor negra e suas feições étnicas. As demais cenas na discoteca retratam mulheres dançando de maneira no mínimo exótica, todas juntas e em coreografia. É perceptível igualmente a intenção de denegrir moralmente as mulheres negras, como se a estas faltasse pudor. Os homens são sempre mostrados gesticulando muito, aparecem em primeiro plano cantando e dançando rap exaltadamente e o foco é geralmente seus rostos, os quais aparecem abruptamente na tela e ampliados de forma a que possamos ver de perto suas feições. Assim, o homem aparece individualizado e a mulher

²⁹⁰ HAWTHORNE, Robert. op.cit. *“America is a changing country! With more than a million non-white immigrants, both legal and illegal, pouring into the United States from Asia, Africa, Mexico and the Caribbean region every year, the complexion of our population is rapidly becoming darker. Our culture is changing too, reflecting both the changes in population and trends being pushed by the entertainment and advertising media. America is becoming less white, less European, less civilized and more like the third world.”*

em coletivo, na multidão amorfa. Ele comanda a festa, é o cantor. Elas respondem com sua coreografia sexualmente apelativa como micos amestrados.

O negro é novamente retratado quando o narrador menciona a mídia do entretenimento e propaganda. São mostradas diversas revistas na tela, nas quais a figura em destaque é sempre o negro. Este grupo social aparece em todas as capas mostradas sem exceção, passando para o espectador a idéia de que os negros estariam, então, ‘tomando’ o lugar de todos, ‘ocupando’ todos os espaços. A associação entre o negro e a mídia é feita mais de uma vez ao longo do vídeo e também pode ser percebida em outros materiais produzidos pela *National Alliance*. Aos aproximados 37 minutos do filme, Pierce alerta para importância de se recuperar a mídia dominada, naturalmente, pelos judeus, redirecionando a programação exibida por uma que valorizasse os valores brancos, valores europeus trazidos por seus ancestrais da Europa 300 anos atrás. É interessante o fato de serem mostradas imagens não apenas de grandes empresários judeus do setor de entretenimento e cenas relacionadas ao cinema hollywoodiano, mas também uma cena de um grupo de cantores negros de rap. Parece mesmo que o diretor deixa implícita a idéia de que são os judeus que estão por trás, promovendo e apoiando a expansão e popularização de expressões culturais e artísticas da comunidade negra, contribuindo ativamente para colocar na ordem do dia as vozes e as expressões culturais de um grupo social por tanto tempo excluído na ‘América’, em detrimento das expressões culturais brancas. Tal representação corrobora o argumento anteriormente visto, no qual os judeus estariam trabalhando para impedir ou dificultar a formação de uma coletividade em torno da identidade racial branca, via promoção do multiculturalismo e integração racial, ambas políticas que integrariam o projeto da ‘Nova Ordem Mundial’.

A última parte deste pequeno extrato do discurso é claramente um alerta. Um alerta à extinção da raça, ao desaparecimento da ‘cultura branca’ e finalmente à perda de civilidade. Em seu lugar, o caos, a desordem terceiro mundista, o desrespeito, a volta às trevas e ao primitivismo, enfim, a involução. Na tela, podemos ver imagens de uma tribo africana e a palavra ‘África’ escrita em caixa alta na parte inferior da tela para que ao espectador não reste dúvida. Negros aparecem nus, novamente dançando, em meio à floresta. Mais uma vez, o foco é do torso para cima, enfatizando características étnicas em seus rostos. A comparação com a atual situação de ‘perigo’ nos EUA vem logo a seguir em

duas cenas distintas. A primeira se passa numa provável festividade em um local remoto e descampado, no qual os negros norte-americanos são retratados de forma similar aos africanos. Aparecem subitamente em primeiro plano, cantando e gesticulando de forma agressiva, rangendo os dentes e ameaçando o espectador com bastões. A segunda se passa em bairros residenciais pobres, ou bairros ‘de negros’. Podemos ver casas simples construídas no mesmo estilo, ruas sem asfalto, grama mal cortada e pessoas espalhadas desordenadamente pelas ruas. Nos é mostrado um bairro perigoso, com o qual seus moradores não têm a menor preocupação de mantê-lo ordenado, limpo e cuidado. A cena denota, assim, que o perigo é iminente e que o alerta não é exatamente para o futuro, mas para o presente. E tudo isso é passado em apenas um minuto, mais exatamente em um minuto e dezesseis segundos! A *National Alliance* já há algum tempo se preocupa em divulgar tal alerta. Em transmissão de 1996, este já vinha sendo dado:

Nossa civilização está morrendo. Nossa cultura está sendo aniquilada. Honra, moral, nobreza: tudo isso é coisa do passado agora. O que nós temos agora é a democracia dos judeus, a igualdade dos judeus, a diversidade e o multiculturalismo dos judeus, desonestidade e fraude e degeneração dos judeus em todos os aspectos de nossas vidas.²⁹¹

O caos, a desordem e em última instância o processo de destruição da ‘cultura e do modo de vida branco’ já estariam se implantando e tomando conta dos EUA. É, nesse sentido, também um chamado à luta, um chamado a salvar a ‘América branca’, ou pelo menos que resta dela. E o que exatamente seria esta ‘América branca’? O que nela é considerado tão sagrado e que valha a pena lutar para preservar?

Logo após as cenas que levariam ao alerta e ao chamado a ação imediata nos é apresentada, então, a ‘América branca’. Esta, em contradição com o imediatamente visto, é mostrada em toda a sua riqueza e ordem. A primeira cena desse novo quadro é o litoral de uma grande cidade, delineado por arranha céus em harmonia com o azul do mar, o casamento perfeito entre desenvolvimento tecnológico e a natureza preservada. Lentamente, a câmera se afasta e adentra a cena, gracioso, um imenso iate branquinho, simbolizando riqueza, conforto, sucesso e alegria. As ruas da pretensa ‘cidade branca’

²⁹¹ ‘The meaning of democracy’. **National Dissident Voices**. 28 September 1996. “Our civilization is dying. Our culture is being killed. Honor, morality and nobility: those are all things of the past now. What we have now is Jewish democracy, Jewish equality, Jewish diversity and multiculturalism, Jewish crookedness and deceit and degeneracy in every aspect of our lives.”

retratada são claras e limpas, com trânsito muito bem ordenado e arquitetura preservada. Somos, então, levados aos subúrbios, brancos naturalmente. O diretor retoma a idéia do casamento próspero entre a ação humana, o desenvolvimento urbano e a preservação da natureza. A cena introdutória do subúrbio é a imagem de uma flor, seguida de uma bela casa de dois andares, mostrada por entre os galhos verdinhos de uma árvore. As façanhas tecnológicas são ilustradas por imagens de um lançamento de um foguete e uma lindíssima imagem de um astronauta em meio ao espaço sideral com a Terra ao fundo. Outras múltiplas invenções e descobertas, frutos da engenhosidade do ‘homem branco’, como o lazer e a microeletrônica são também mostradas.

Mas, para a infelicidade da *National Alliance*, o sonho está perigo, o encanto já vem sendo quebrado. Seu mundo está ruindo. Isso porque, nas palavras de Pierce:

... nós sobrecarregamos nossa economia nas últimas décadas com crescentes gastos com políticas de bem-estar e crescentes programas governamentais de todo o tipo, muitos dos quais desencorajam a poupança e a iniciativa individual. Como a população continua a cair de qualidade e quanto mais indústrias americanas são levadas à falência por importações desenfreadas do mundo não-branco, os economistas preocupam-se cada vez mais com o inevitável declínio da produtividade americana e do padrão de vida americano.²⁹²

Associadas ao projeto judaico de dominação, a ‘Nova Ordem Mundial’, as políticas de bem-estar são aqui retratadas com imagens de repartições públicas lotadas, com filas imensas e gente para todo o lado. Como previsível, todos os que lá se encontram são negros e latinos, dispostos desordenadamente, alguns em pé, outros jogados nas cadeiras, adultos, crianças e idosos todos misturados. Os beneficiados por tais políticas são mostrados ainda de forma a parecerem preguiçosos e pouco empenhados nas coisas do trabalho. A cena que segue à da repartição pública é novamente a de um bairro pobre, no qual pessoas são filmadas sentadas às ruas de seus bairros decadentes e mal preservados ou em casa em meio à família que dorme e assiste à televisão. Os bairros são sempre muito cinzas, com poucos estabelecimentos comerciais, muitas vezes descampados, com pouco verde, pouca gente, quase que com pouca vida.

²⁹² HAWTHORNE, Robert. op.cit. “...we’ve poured much sand into the gears of our economy in recent decades with increased welfare spending and increased governmental programs of every sort, many of which discourage thrift and individual initiative. As the population continues to decline in quality and as more American industries are driven into bankruptcy by uncontrolled imports by the non-white world, economists have increasing concerns about the inevitable decline in American productivity and the American standard of living.”

Como pudemos observar em outros materiais a crítica à social-democracia e às políticas de bem-estar remontam aos tempos de Roosevelt e ao *New Deal*. Mas há ainda um outro momento, um considerado igualmente importante e, como vimos nos programas de televisão, intensamente criticado pela *National Alliance*, o pós-Segunda Guerra. O terceiro quarto do século XX ficou marcado na história dos EUA, como tentamos demonstrar na primeira parte do capítulo anterior, enquanto um importante momento de ampliação e consolidação tanto dos direitos sociais quanto civis. A ‘América’ ‘saiu do armário’, gritou pela paz, exigiu cidadania, até igualdade. Sim, o terceiro quarto do XX foi intenso, não chegou a revolucionar, nem sequer pôr em risco as estruturas, mas certamente as abalou, as democratizou. Tais mudanças não foram vistas com bons olhos pelos neofascistas. Na verdade, muitas delas inclusive geraram sentimentos de repulsa e revolta, os quais muitas vezes foram canalizados e impulsionaram a organização política. Vejamos como a organização expressou essa passagem no filme.

Até aproximadamente 1960, a América era um país branco, racialmente, culturalmente, moralmente. Nós ainda tínhamos uma civilização e uma cultura que eram essencialmente européias, essencialmente nossas. Nós não perseguíamos ou abusávamos das minorias aqui, mas nós não nos misturávamos com eles. Nós entendíamos que eles eram diferentes de nós e que se nós nos misturássemos com eles, nossa civilização, nossa cultura, nosso estilo de vida, nosso padrão de vida e em última instância o nosso povo, nossos genes mudariam irreversivelmente. Nós não queríamos isso, então nós nos mantivemos separados. Nós mantivemos nossa própria identidade, criamos nossos filhos à nossa maneira, controlávamos nossas fronteiras, nós não acobertávamos criminosos, nós não tolerávamos casais multiraciais. (...) E nós mantivemos nossa sociedade decente e ordenada e branca, com muito menos intervenção do governo em nossas vidas do que temos hoje, porque assim nosso povo queria. Assim eram as coisas até a Segunda Guerra Mundial. Depois da guerra, as coisas começaram a mudar.²⁹³

Neste conjunto de quadros, temos cenas de uma América segregada, mostrada com um tom positivo do tipo: as coisas estavam em ordem, pessoas brancas eram felizes, aparecem sempre sorrindo e muito bem ordenadas, quase que posadas para uma foto. As mulheres são mostradas em tradicionais cenas de uma família patriarcal, ao redor do marido

²⁹³ HAWTHORNE, Robert. op.cit. “Untill about 1960, America was a white country, racially, culturally, morally. We still had a civilization and a culture that were essentially European, essentially ours. We didn’t persecute or abused the minorities here, but we didn’t mix with them. We understood that they were different from us and that if we mixed with them ours civilization, our culture, our life style, our standard of living and eventually our people, our genes would change irreversibly. We didn’t want that, so we remained separate. We kept our own identity, we raised our children our way, we controlled our borders, we didn’t calved criminals, we didn’t tolerate racially mixed couples. (...) And we kept our society decent and orderly and white, with much less governmental intervention in our lives than we have today, because that’s the way our people wanted. That’s the way it was until the Second World War. After the war things began changing.”

ou dos filhos, as imagens são em preto e branco, retratam casais felizes, interação harmoniosa com os filhos e com a natureza. O jardim está sempre logo ali, com sua grama bem cortada e flores bem cuidadas, cercados de adoráveis animais de estimação.

Então, como afirmado ao final do trecho, as coisas começaram a mudar. E a mídia de massa, segundo a *National Alliance*, desempenharia um papel crucial nesse processo.

A mídia de massa virtualmente rezava sobre uma só linha e essa linha era que a América branca tinha visão limitada do mundo, intolerante, injusta, repressora e fora de moda. Nós precisávamos mudar para nos tornarmos mais abertos, mais tolerantes e menos repressivos. Nós precisávamos nos modernizar entrar na moda. Nós precisávamos de novas idéias, novos comportamentos, novas leis, novos valores, novos tipos de gente no país.²⁹⁴

O narrador soa extremamente sarcástico e é possível notar claro desdém, especialmente quando este pronuncia os adjetivos que vêm caracterizando negativamente a ‘América branca’ e os substantivos que indicam tudo o que a nova ‘América’ deveria ser. Ao longo desta frase, algumas imagens ilustram ou explicam, deixando mais claro o que ele quer dizer com ‘aberta’, ‘tolerante’, ‘menos repressora’, ‘moderna’ e as ‘novas idéias’, ‘comportamentos’, ‘leis’, ‘valores’ e ‘pessoas’. A série de imagens consiste em um grupo de homens negros comendo uma melancia com a mão, claramente associando os negros ao primitivismo, a seres não-civilizados que não sabem se portar em uma refeição. Logo em seguida, vemos o rosto de um rapaz coberto de piercings, simbolizando a moda e a modernidade, as quais são igualmente associadas a um queimador de erva em cima de uma bandeira da Jamaica, adornada com o desenho de uma folha de maconha e escrito marijuana. Finalmente, surge o rosto de uma moça latina com o cabelo pintado de rosa, ilustrando as novas pessoas. Serão elas, esses estranhos no ninho, quem trarão os novos valores, idéias e leis que vêm degradando a ‘América’. A figura da moça latina não é suficiente, o diretor não escolheu qualquer figura latina, e sim uma que trouxesse os cabelos pintados de rosa com objetivo de tentar chocar o espectador e associar duas idéias: os novos valores são também valores estranhos, valores de fora, não originários da terra; são valores provocativos e de mau gosto.

²⁹⁴ Idem. “The mass media had a virtually unanimous party line and that line was that white America was narrow-minded, bigoted, unfair, repressive and old-fashioned. We needed to change, we needed to become more broad-minded, more tolerant and less repressive. We needed to become modern, to become fashionable. We needed new ideas, new attitudes, new laws, new values, new types of people in the country.”

Os anos 1960 são mostrados como anos da desordem, do caos, de protestos sempre violentos e perturbadores da paz. Os atos de vandalismo são focados em grupos de negros, que aparecem queimando e destruindo cidades inteiras. É mostrada, ainda, a cena de uma moça branca sendo fichada e com ela nos é também mostrado o retrato de uma ‘juventude branca’ perdida, perdida para os valores, idéias e modas do ‘outro’.

Estimulados por esse bombardeio da mídia contra a América tradicional, todos esses subversivos elementos anti-brancos, anti-patrióticos, anti-masculinos, anti-heterossexuais começaram a sair de seus armários e de suas tumbas. Negros começaram a protestar nas ruas, exigindo novos direitos. Então, eles começaram a fazer motins e incendiar cidades americanas. Cidade após cidade ficaram em chamas durante os anos 60. Comunistas organizavam-se abertamente nos campi Universitários da América.²⁹⁵

A primeira parte do vídeo é, então, finalizada com um choque, um choque acerca do que se tornou a ‘nova América’. É o momento do vídeo coberto por maior emoção, principalmente por parte do narrador. O nível de inconformismo e desolação de Pierce atinge aqui seu auge. Seu tom de voz vai aumentando gradativamente, a ponto de podermos imaginá-lo prestes a estourar. Ele sequer consegue terminar a longuíssima frase que compõe a maior parte do trecho! Não conseguindo se conter, Pierce literalmente grita a última frase do trecho, como que não conseguindo acreditar no que se transformara a sociedade contemporânea.

[os judeus fizeram uso de seu controle da mídia] para transformar deliberadamente a América de uma América branca, onde homens eram homens e mulheres eram mulheres e não havia nenhuma dúvida sobre isso; de uma América branca, onde os bairros eram limpos e seguros e as escolas eram instituições reguladas e disciplinadas, onde nossas crianças e jovens aprendiam sobre suas raízes européias, sobre as civilizações construídas por seus ancestrais e aprendiam igualmente técnicas e hábitos de trabalho e fortaleciam os traços de caráter que os transformaria em cidadãos fortes e produtivos; de uma América branca sem rap e sem drogas e sem agitadores e sem mistura racial. Eles transformaram nossa América na bagunça multicultural que temos hoje!²⁹⁶

²⁹⁵ Idem. Ibidem. “With the encouragement of this media blitz against traditional America, all of the subversive anti-white, anti-patriotic, anti- masculine, anti-heterosexual elements began coming out of their closets and out from under their flat stones. Blacks began demonstrating in the streets, demanding new rights. Then they began rioting and burning America’s cities, city after city went up in flames during the 1960’s. Communists organized openly on America’s university campuses.”

²⁹⁶ Idem. Ibidem. “to transform America deliberately from a white America, where men were men and women were women and there was mistake which was which; from a white America where neighborhoods were clean and safe and schools were orderly, disciplined institutions, where our children and young people learned about their European roots, about the civilizations built by their own ancestors and also learned the techniques and skills and the work habits and strengthen the character traits that would make them strong

No vídeo são mostradas imagens definindo o lugar de cada sexo. Os homens aparecem em um bar, bebendo em meio à algazarra. As mulheres, lindas bonecas adornadas e enfileiradas em um clássico concurso de beleza. Cada um no seu lugar, cumprindo sua função. E, finalmente, após explodir inconformado, o narrador conclui seu pensamento. “Eles estão orquestrando uma guerra cultural contra tudo o que é branco, tradicional, tudo o que no passado nos dava um senso de identidade, de comunidade racial, de pertencimento e responsabilidade, um senso de orgulho e solidariedade.”²⁹⁷

Tais mudanças, entretanto, são apontadas pela *National Alliance* como apenas a ‘ponta do iceberg’, são sintomas de uma doença mais profunda que aflige a sociedade, alertando que é preciso não apenas lutar contra os resultados, mas também contra as causas mais profundas da decadência. Para a *National Alliance*, o problema crucial é atribuído fundamentalmente ao crescimento do materialismo e dos interesses econômicos nas sociedades contemporâneas em detrimento dos valores espirituais, valores intrínsecos à raça branca, os quais desde a ascensão da social-democracia na primeira metade do século XX estariam sendo deturpados, corrompidos, femininizados.

De um modo bastante geral, valores aristocráticos são valores masculinos e valores democráticos, valores igualitários são valores femininos. Também é verdade, de uma maneira geral, que o materialismo é um modo feminino de ver o mundo. É um modo que enfatiza a segurança e o conforto e coisas tangíveis em detrimento de intangíveis. Não se preocupa com conceitos como a honra e muito pouco com a beleza e as tradições e as raízes. É um modo de horizonte limitado, com o lar e a lareira em mente, mas nunca fronteiras distantes. A Reverência e o respeito pela majestade da natureza são desconhecidos pelo materialista. (...) O papel do governo muda, daquele de um pai, que mantém um ambiente ordeiro e regulado, no qual os homens são livres para batalhar o quanto quiserem pelo sucesso, para aquele de uma mãe, que quer assegurar que todos os seus filhos sejam supridos de tudo que precisem.²⁹⁸

and productive citizens; from a white America without rap and without drugs and without wiggles and without race mixing. They transformed our America to the multicultural degenerate mess we have today!”

²⁹⁷ Idem. *ibidem*. “They are orchestrating a cultural war against everything white, everything traditional, everything which in the past gave us a sense of identity, a sense of racial community, a sense of belonging and responsibility, a sense of pride and of solidarity.”

²⁹⁸ “The feminization of America”. **National Dissident Voices**. 23 August 1997. “In a very broad sense, aristocratic values are masculine values, and democratic values, egalitarian values are feminine values. It is also true that, in a very broad sense, materialism is a feminine way of looking at the world. It is way which puts emphasis on safety, security, and comfort, and on tangible things at the expense of intangibles. It is not concerned with concepts such as honor, and very little with beauty, and tradition, and roots. It is a way with a limited horizon, with the home and hearth very much in sight, but not distant frontiers. Reverence and awe for Nature’s majesty are unknown to the materialist. (...) The role of the government shifts from that of a father, who maintains an orderly and lawful environment in which men are free to strive as little or as much as suits them, to that of a mother, who wants to insure that all her children will be supplied with whatever they need.”

A ‘América’ é um país em transformação e para a *National Alliance*, assim como para muitos outros neofascistas, se transformara em país de fracos, de preguiçosos que simplesmente se negam a arregaçar as mangas ao trabalho, preferindo viver indolentes às custas daqueles que efetivamente contribuem. Um país apinhado de criaturas aberrantes, vivendo lado a lado, como que num carnaval de horrores, de homens e mulheres individualistas e ambiciosos, com valores detestáveis.

E será em torno disso, contra toda essa conformação social que se desercadeará toda a luta da *National Alliance*. Até aqui, pudemos conhecer a *National Alliance* basicamente por meio da sua negativa, ou seja, por meio do que esta não é ou por meio do que esta discorda, por meio de seus descontentamentos. Mas, o que a *National Alliance* diz de si mesma? Como esta se define? Como delinea mais especificamente seu projeto de sociedade alternativa? Estas perguntas, certamente nos puseram ante a um desafio de maior fôlego, muito porque a própria *National Alliance* não nos deixa isso tão claro e explícito quanto suas críticas à sociedade atual. De todo o corpus documental recolhido, e este não é pequeno, achamos somente três documentos que nos levam diretamente a uma possível resposta a tais perguntas. Um deles é a segunda parte do próprio filme-documentário há pouco analisado. E os outros dois consistem em duas transmissões de rádio, uma mais antiga, datando de 1976 e, portanto, próxima ao ano de fundação da organização, e a segunda mais recente, próxima à data de morte de William Pierce, datando de 2000. Começemos, então, pelo filme.

Aos treze minutos e meio de filme, Pierce entra em cena. Ele aparece sentado em um escritório ou biblioteca, trajando terno e gravata. Como um cientista, nada mais apropriado do que mostrá-lo rodeado de livros, tendo como cenário um espaço de intelectuais. Isto acaba dando também um tom de seriedade, racionalidade e cientificidade à própria *National Alliance*, seus argumentos e programa político. Pierce dá início a uma apresentação da *National Alliance*, procurando definir a organização e seus objetivos.

Nós somos uma organização de homens e mulheres de descendência européia, homens e mulheres brancos, que nos colocamos o desafio de libertar nosso povo das influências externas, as quais estão nos destruindo e, então, fornecer

influências saudáveis e construtivas em seu lugar. Nosso objetivo final é assegurar a sobrevivência e o progresso do nosso povo.²⁹⁹

Diferentemente de muitos neofascistas, o conceito de ‘branco’ para a *National Alliance* é extensivo a todos de descendência européia. A organização não limita nem estabelece ‘hierarquias de brancura’ entre os diversos povos europeus, o que não é incomum entre organizações neofascistas norte-americanas. Ainda que este não seja o caso da maioria das organizações, é freqüente encontrarmos esse tipo de divisão, na qual os povos nórdicos da Escandinávia e de origem germana encabeçam a pirâmide dos ‘mais brancos’ e ‘mais puros’, sendo seguidos então pelos povos europeus de origem latina e celta e por último os eslavos. A *National Alliance* não faz essa divisão. Em resposta à pergunta de um telespectador sobre esse ponto em particular, Pierce esclarece: “Nós nos preocupamos, em verdade, com todas as pessoas de descendência européia, não importando se seus ancestrais vieram da Escandinávia, da Polônia, da Inglaterra, da Alemanha, da Itália...”³⁰⁰ Logo, entendemos que esse, o branco de descendência européia, é o público alvo da organização.

Questões classistas e rótulos político-ideológicos como ‘direita’, ‘esquerda’ ou ‘conservador’ não passam pelo discurso da mesma, pois, como o próprio Pierce esclarece, esta fora criada exatamente para assegurar a sobrevivência e progresso da raça como um todo. O discurso ‘*Our Cause*’, disponível nos arquivos do *American Disident Voices*, consiste em uma gravação de uma das reuniões da *National Alliance* feita em 25 de setembro de 1976. Logo de início, Pierce procura delimitar a *National Alliance* politicamente, marcando as similitudes e diferenças entre o programa proposto pela organização e as usuais designações ‘direita’ e ‘esquerda’. Segundo sua definição, a *National Alliance* não figuraria em nenhuma delas, não apenas por conta de divergências, especialmente porque a doutrina pregada pela organização traria algo de novo, um conjunto de elementos que simplesmente não caberiam completamente nem na primeira designação nem na segunda. Um desses elementos é a Constituição. “Nós não estamos interessados em

²⁹⁹ HAWTHORNE, Robert.op.cit. “We’re an organization of men and women of European ancestry, white men and women, who set ourselves the task of freeing our people from the alien influences, which are destroying us and then providing healthy and constructive influences in their place. Our ultimate goal is to ensure the survival and progress of our people.”

³⁰⁰ ‘Pierce on race, immigration, homosexuality, feminism and Jews’. **Race and Reality**. s/d. “We’re concerned really with all the people of European descent, whether their ancestors came from Scandinavia, from Poland, from England, from Germany, from Italy...”

restaurar a Constituição. A Constituição, que foi escrita 200 anos atrás serviu bem um propósito por um tempo. Mas esse tempo é passado. Nem fora seu propósito o mesmo que o nosso hoje.” No projeto de sociedade imaginado pela *National Alliance* não está prevista a manutenção da Constituição original, ou mesmo uma reinterpretação da mesma. Nova sociedade, nova Constituição. A *National Alliance*, diferentemente dos ‘conservadores’, também não luta pela restauração da soberania dos direitos dos estados, mesmo porque acredita que “um governo forte e centralizado não é um mau em si mesmo”. A organização é favorável à preservação do meio ambiente e contrária ao ensino religioso nas escolas, plataformas que por muitos seriam consideradas ‘liberais’.

Com um discurso que repudia rótulos ou denominações políticas, a raça se torna o elemento delimitador. Isso nos leva a uma outra questão. Se a raça é o elemento delimitador, segundo o discurso, como a *National Alliance* justifica a superioridade da raça branca? A organização fala abertamente em superioridade ou mostra-se mais comedida, preferindo o argumento das supostas diferenças inconciliáveis? Tendo em vista o fato do fundador da organização ser um intelectual, um cientista de fato, imaginamos ao início desta pesquisa que a argumentação e justificativa para esse ponto fosse girar em torno dos conhecidos argumentos científicos de superioridade racial difundidos no século XIX, a exemplo da famosa teoria do tamanho avantajado dos cérebros dos homens brancos. Contudo, em meio à estimulante imprevisibilidade da atividade de pesquisa, quanta surpresa ao nos depararmos com uma justificativa que envolvia ao mesmo tempo argumentos do cientificismo racista e de base religiosa. Se temos por um lado estranho, quase uma incoerência em si, o conflituoso casamento de ciência e religião, temos, por outro, uma proposta no mínimo curiosa. A raça branca, assim, seria não apenas o último estágio da evolução humana, mas também a última e mais desenvolvida manifestação do criador. Atentemos para esta última parte, o homem branco é **manifestação** do criador, não é produto, não é filho, nem joguete, é uma manifestação, ou seja, é o divino em si mesmo na Terra. Abaixo destacamos alguns trechos de ‘*Our cause*’, nos quais podemos ver como essa teoria é construída:

O universo é a manifestação física do todo. O todo está mudando e continuará sempre mudando continuamente, está se desenvolvendo, isto é, está se direcionando cada vez mais para complexos e mais altos estágios de existência. O desenvolvimento da vida na Terra a partir da matéria não-viva foi um passo nesse interminável processo evolucionista. A evolução do homem e criaturas mais

simples a partir de formas de vida mais primitivas foi um outro passo. A diversificação dessas criaturas nas várias raças e subraças, e a contínua evolução dessas raças em diferentes partes do mundo e a diferentes velocidades são continuações desse processo.³⁰¹

Neste primeiro trecho nos deparamos com a origem do mundo aos olhos da *National Alliance*. É uma origem com traços científicos marcantes. Não se fala ainda em Deus, mas em universo e evolução, lembrando os argumentos darwinistas. Continuemos, então:

Essa é uma evolução não apenas no sentido de construir formas físicas mais e mais altamente desenvolvidas, mas é também uma evolução da consciência, da auto-consciência do todo. (...) Nós estamos agora a ponto de um completo entendimento do fato de nós sermos a manifestação do criador, de sermos o significado e a substância pelos quais o criador, pelos quais o todo do qual somos parte pode continuar sua auto-evolução. Quando nós entendermos isso, quando nos atentarmos para o raio de divino em nós, então aí nós poderemos mais ma vez ascender no caminho que tem nos levado de sub-homens a homens e pode nos levar agora de homens a super-homens e adiante.³⁰²

Aqui, o argumento científico se mistura com discurso aparentemente religioso. Ainda assim, não nos parece que o fundo religioso do argumento tenha base cristã. Diferentemente da *Christian Identity*, religião racista de base cristã, o *Cosmotheism*, crença partilhada por muitos da *National Alliance*, não fala diretamente em Deus, nem em Adão, nem Eva.³⁰³ A raça branca é superior porque é manifestação do criador, parte específica do todo, trazendo, portanto, a divindade intrínseca em si. E exatamente porque parte e não produto desse todo, exatamente porque especial, porque divina, esta raça não está submetida à vontade de força sobrenatural alguma, de Deus. Sua missão, portanto, não está em servir ou louvar nada. Sua força também não é buscada fora, em um Deus ou entidade,

³⁰¹ 'Our cause'. **National Dissident Voices**. 25 September 1976. "The universe is the physical manifestation of the whole. The whole is continually changing and always will be. It is evolving, that is, it's moving toward ever more complex, ever higher stages of existence. The development of life on Earth from non-living matter was one step on this never-ending evolutionary process. The evolution of men and light creatures from more primitive forms of life was another step. The diversification of these creatures into the various races and sub-races, and the continuing evolution of these races in different parts of the world and in different rates have been continuations of this process."

³⁰² Idem. "This is an evolution not only in the sense of building a more and more highly developed physical forms, but it is also an evolution in consciousness, in the self-consciousness of the whole. (...) We stand now on the verge of a full understanding of the fact that we are a manifestation of the creator that we are the meaning and the substance by which the creator, by which the whole of which we are a part can continue its self-evolution. When we understand this, when we heed the divine spark within us, then we can once again ascend the upward path that has led us from sub-men to men and can lead us now from men to supermen and beyond."

³⁰³ Na *Christian Identity* as sub-raças são frutos dos descendentes de Caim, amaldiçoadas com a pele escura, símbolo de sua inferioridade racial e moral. Os arianos seriam, por sua vez, os descendentes de Abel.

mas deve ser achada em si. Esta raça depende unicamente de si, de seu esforço, da crença em sua capacidade e divindade para vencer os obstáculos da vida. Esta é a consciência que a *National Alliance* procura construir:

Nós não conseguiremos achar o caminho sem essa consciência, sem essa compreensão de que a responsabilidade é nossa, que nós não somos brinquedinhos de Deus, mas somos nós mesmos uma manifestação de Deus e podemos nos tornar, temos que nos tornar uma manifestação consciente. Somente assim poderemos cumprir nosso destino.³⁰⁴

Conscientes, os homens se organizam politicamente em aparelhos, nos quais defendem um determinado projeto. Organizados os homens avançam também em seu processo de conscientização e trabalham, empenham sua força e esforço para fazer que outros também se conscientizem, construindo consenso. O meio adotado pela *National Alliance* para a construção desse consenso é o desenvolvimento de uma ampla e diversificada estrutura midiática capaz de transmitir e fazer chegar aos brancos, mesmo àqueles com visões de mundo contrárias, sua mensagem, sua leitura da realidade social vivida, da história, seu projeto político e toda uma visão de mundo mais geral que nesses está embutida.

Praticamente todos os nossos esforços até agora são direcionados no desenvolvimento de meios para nos comunicarmos com o nosso povo. Muitos americanos brancos não têm noção do que está acontecendo. (...) Nós temos que ser capazes de nos comunicarmos com todas essas pessoas. Nós temos de ser capazes de prover informações vitais aos que acham que algo está errado e então explicar a eles como tudo se encaixa. (...) E nós também temos de ser capazes de chamar a atenção da maioria daqueles que sequer começaram a fazer perguntas. Nós temos que acordá-los, temos que alarmá-los, temos que provocá-los, para que eles também comecem a se perguntar.³⁰⁵

A energia dispensada pela organização no desenvolvimento dos materiais de mídia não visa apenas informar e trazer ao público alvo uma nova leitura do mundo, mas

³⁰⁴ 'Our cause'. op.cit. "We cannot find the path without this consciousness, without this understanding that the responsibility is ours, that we are not the playing of God, but are ourselves a manifestation of God and can become, must become now a conscious manifestation. Only in that way can we fulfill our ordained destiny."

³⁰⁵ HAWTHORNE, Robert. op.cit. "Nearly all of our efforts now are directed toward simply developing the means for communicating with our people. Many white Americans aren't really aware of what's happening. They see the world around them only one day at a time. (...) We must be able to communicate to all of these people. We must be able to provide to those who have sensed that something is wrong the vital information they're lacking and then explain to them how it all fits together. (...) And we also must be able to catch the attention of as many as we can of those who haven't even begun asking questions yet. We must wake them up, we must alarm them, we must provoke them, so that they do begin to ask questions."

especialmente motivá-los a participar do projeto de um jeito ou de outro, motivá-los a participar da luta. E essa participação não envolveria necessariamente uma filiação a *National Alliance*, podendo ser feita de diversas maneiras, desde algum tipo de suporte financeiro ao efetivo enquadramento na organização de forma a fazer avançar a infraestrutura midiática.

Segundo a *National Alliance*, o momento da construção do consenso, do desenvolvimento da conscientização, é um passo essencial na luta política não pode, não deve ser ignorado, como de fato vem sendo por muitas organizações neofascistas. Muitas vezes, podemos perceber que o próprio argumento da consciência política e da construção do projeto de sociedade passa igualmente por aquela consciência espiritual, na qual a raça branca é assumida como manifestação do divino. Para a *National Alliance* o processo de *catarsis* teria de passar invariavelmente por essas duas esferas.

Nós somos como uma Nação, como uma raça sem uma alma. E isso é uma condição fatal! A não ser que nós reconquistemos nossa alma, nenhum programa puramente político pode ter algum valor real para nós a longo prazo! (...) nós precisamos de uma base filosófica e espiritual para nossa luta política. Uma base, naturalmente, que nos diga porque nós temos de lutar e pelo quê nós estamos lutando. Mas nós também queremos uma base que nos diga como construir todo um novo mundo depois de nós termos vencido a batalha política.³⁰⁶

Com pesar em sua voz, Pierce adverte aos que nesse caminho não investem que a violência simplesmente não é uma saída realista e que historicamente esta estratégia de luta só levara ao fracasso, retardando os objetivos últimos da luta, qual seja a construção de ‘mundo branco’.

Nós não devemos imaginar que somos um esquadrão de soldados prontos para atacar um lugar repleto de ladrões e a única preparação que necessitamos é nos certificar que nossas baionetas funcionam e que nossa pólvora está seca. Essa parece ser a atitude da maioria dos patriotas esses dias. E esta não é uma atitude realista! (...) Nós temos que nos preparar para a luta política antes de contarmos com qualquer coisa que signifique o invariável fracasso, que tem sido apresentado aos patriotas. Nós devemos construir uma base, a qual nos sustentará por uma longa campanha.³⁰⁷

³⁰⁶ ‘Our cause’. op. cit. “We’re like a Nation, like a race without a soul. And that is a fatal condition! No purely political program can have any real value for us in the long run unless we get our souls back! (...) We need a philosophical, a spiritual basis for our political struggle. A basis, of course, which tells us why we must fight and what we’re fighting for. But we also wanna basis which tells us how to build a whole new world after we have won the political struggle.”

³⁰⁷ Idem. “We musn’t imagine that we are like a squad of soldiers about to assault a case full of robbers and the only preparation we need is to make sure our bayonets are fixed and our powder is dry. That seems to be attitude of most patriots these days. And it is not a realistic one. (...) we must prepare ourselves for our

Em lugar da explosão momentânea de raiva e descontentamento, a *National Alliance* urge aos neofascistas que projetem um futuro e que trabalhem para construção deste de forma a ampliar o número de pessoas que acreditem nesse projeto. O imediatismo, a auto-realização momentânea seria mesmo uma influência entranhada do materialismo judaico.

A perspectiva na qual o indivíduo não é um total em si, particularmente, para e pela sua comunidade racial (...) parece ter escapado à maioria de nós hoje. É uma perspectiva que é diametralmente oposta à perspectiva judaica do materialismo e do egoísmo. (...) Nós nos tornamos uma Nação, toda uma raça de eternos auto-realizadores, uma raça preocupada com uma coisa apenas: a auto-gratificação.³⁰⁸

O trabalho desenvolvido pela *National Alliance* de conquista dos corações e das almas dos norte-americanos brancos é um projeto que passa pela educação, pela persuasão do outro, quer esteja este na costa oeste ou logo a seu lado. É um projeto que passa essencial e fundamentalmente por uma investida pesada de construção do consenso na **sociedade civil**. Este é o campo de atuação da *National Alliance*, esta é a esfera do Estado que possibilitará a redenção. Assim como para Gramsci, revolução da *National Alliance* também se constrói na sociedade civil! A sociedade política não constitui um campo de disputa, pelo menos não enquanto a ordem social atual prevalecer.

Não faz sentido tentar construir um terceiro partido ou tentar dominar o partido republicano ou democrata. Até que nós tenhamos a TV e Hollywood em nossas mãos ou conseguirmos de algum modo impedir que os judeus continuem usando a mídia de massa para seus propósitos, nós não conseguiremos iluminar ou motivar nosso povo; nós não conseguiremos ganhar os corações e as mentes dos 'couch potatoes'... Nós somos capazes de convencer apenas uma minoria do nosso povo que é capaz de pensar independentemente, uma minoria que não caiu nos encantos da televisão. Isso é algo entre 5 e 2% da população, não o suficiente para ganhar uma eleição ou formar uma multidão capaz de esmagar o governo, mas definitivamente o suficiente para abrir os portões no momento certo.³⁰⁹

political struggle before we can count on anything other than the invariable failure, which has rewarded patriots in the past. We must build a foundation, which will sustain us or a very long campaign."

³⁰⁸ Idem. *ibidem*. "The attitude that the individual is not an in to himself, but lives for and through something greater and particularly for and through his racial community...seems to have eluded most of us today. It is an attitude, which is dramatically opposed to the Jewish attitude of materialism and egoism. (...) We have become a Nation, a whole race of full time self-seekers, a race concerned with one thing: self-gratification."

³⁰⁹ HAWTHORNE, Robert. *op.cit.* "It makes no sense at all to attempt to build a third party or capture the republican or the democratic party. Untill we have TV and Hollywood in our own hands or have in some way made it impossible for the Jews to continue using these mass media for their own purposes, we cannot illuminate or motivate most of our people; we cannot win the hearts and minds of the couch potatoes... We can persuade only the minority of our people who are capable of thinking independently, the minority not under the spell of television. That is somewhere between 5 and 2 % of the population, not enough to win an election or to form a mob capable of overwhelming the government. But definitely enough to through open the city gates at the right moment."

Como podemos perceber, o sistema eleitoral e a democracia em um sentido mais geral são completamente esvaziados de credibilidade pela *National Alliance*, posto que dominados e manipulados pelos interesses judaicos. A *National Alliance* ambiciona o poder sim, mas não pelas correntes vias eleitorais nem pelo ataque físico direto à ordem instaurada. A tomada do poder seria o resultado da implosão do próprio sistema.

O único meio de se fazer uma revolução nessa era tecnológica é de dentro dos portões! Se nosso objetivo é controlar a máquina de poder, então nós temos de recrutar pessoas que já sejam parte da máquina. Nós precisamos de programadores e administradores. Nós precisamos de professores e oficiais militares e policiais. Nós precisamos de escritores e de editores e de repórteres e de advogados. Nós precisamos ao menos de algumas pessoas que já tenham as mãos nas alavancas do poder! Pessoas que podem abrir os portões na hora certa.(...) Isso efetivamente requer uma organização ramificada, na qual muitas das capacidades e funções da sociedade em geral sejam duplicadas em menor escala dentro da organização.³¹⁰

Conquistado o poder, como seria então essa sociedade branca? Primeiramente, como nos esclarece o programa 'A White World' transmitido em dezembro de 2000, o desenvolvimento da nova sociedade teria de estar invariavelmente ligado a um espaço delimitado em separado do resto do mundo. No programa, ouvimos Pierce falar de continente, mas este não é especificado e ficamos sem saber a real dimensão desse espaço. Seria o continente americano do norte? Provavelmente, mas não temos como assegurar. Essa questão, como muitas outras, infelizmente fica em aberto.

É um espaço, entretanto, onde a natureza seria preciosamente preservada. Haveria projetos de devolução dos animais a seu habitat natural, de reflorestamento e despoluição dos rios, lagos e o ar. Todos esses espaços naturais seriam ainda considerados de domínio público.

O contingente populacional também teria de ser limitado. Conforme o projeto:

ao invés de uma América do norte com uma população em rápido crescimento da ordem de 300 milhões de bípedes depenados de todas as etnias conhecidas, eu tenho a visão de um continente com uma população estável de 50 milhões de

³¹⁰ Idem. "The only way to make a revolution in this technological era is from inside the gates! If our aim is to gain control of the machinery of power, then we must recruit people who already are part of the machinery. We need programmers and the system administrators. We need the professors and the military officers and the police officials. We need writers and the editors and the newspaper reporters and the lawyers. We need at least some of the people who already have their hands of the levers of power! People who can through open the gates at the right moment. (...)This really require a ramified organization in which many of the capabilities and functions of the larger society are duplicated in a smaller scale inside the organization."

européus americanos -européus americanos mais sãos, mais saudáveis, mais fortes, mais bonitos e mais inteligentes que a norma para a maior parte do continente hoje- e livre de não-brancos.³¹¹

As cidades seriam pequenas, com populações em torno de dez mil habitantes. Estes trabalhariam conjuntamente para fazer funcionar um complexo de centros comerciais, manufatureiros, educacionais etc.

E se há algo de certo nesse projeto é que a nova sociedade deve ser totalmente branca, sem sequer a presença de outras raças. Geneticamente branca, culturalmente branca, moralmente branca e espiritualmente branca. Assim deve ser a nova sociedade. Não-brancos não seriam bem vindos nem para a execução de trabalhos pesados ou considerados degradantes. A sociedade deveria ser, assim, composta e gerida total e completamente pelos brancos.

Nós não devemos ter nenhum não-branco em nosso espaço social e nós temos de ter espaço livre a nossa volta para expansão. Entre outras coisas, isso quer dizer que nós devemos cortar nossa dependência do trabalho não-branco e aprendamos a depender inteiramente de nós mesmos. (...) Nós talvez tenhamos que pagar mais aos brancos para fazer certas coisas que têm sido feitas por negros ou mestiços atualmente e nós podemos acabar pagando mais por alguns produtos e serviços, e talvez até abdicar deles.³¹²

Muitas das características da nova sociedade seriam também inspiradas na experiência da Alemanha nazista. Nesta ocasião, todos os jovens eram obrigados a servir o Estado por um período de alguns anos, executando trabalhos braçais. Segundo a *National Alliance*, isso funcionaria não apenas para ter recolhido o lixo e os tomates colhidos, mas também minimizaria as hostilidades interclassistas. Políticas habitacionais, de transporte, de saúde pública, gerenciamento industrial e as relações de trabalho, bem como a educação e o treinamento de jovens constituem outras políticas admiradas no nacional-socialismo e que igualmente poderiam servir de exemplo.³¹³

³¹¹ 'A White World'. **American Dissident Voices**. 16 December 2000. "Instead of a North-America with a rapidly growing population of 300 million featherless bipeds of every known ethnicity, I have a vision of a Continent of 50 European Americans -saner, healthier, stronger, better-looking and more intelligent European Americans than is the norm for most parts of the continent today- and no non-whites at all."

³¹² HAWTHORNE, Robert. op.cit. "We must have no non-whites in our living space and we must have open space around us for expansion. Among other thing, that means we cut out our dependence on nonwhite labor and we learn to depend entirely on ourselves. (...) We may have to pay more whites to do some things that are being done by blacks or mestizos now and we may end up paying more for some products and some services or even do without."

³¹³ 'A White World'. op.cit.

Ao sistema escolar da nova sociedade é dedicada especial atenção. No filme são apresentados três objetivos que essas escolas deveriam perseguir. Primeiramente, a escola deveria procurar imbuir nos alunos um senso de identidade cultural e racial, trabalhando com eles a história de seu povo e estimulando o apreço pelas tradições vindas da Europa, de modo a que eles desenvolvam um senso de responsabilidade na preservação e avanço da raça. Em segundo lugar, as escolas deveriam enfatizar os conhecimentos práticos e o desenvolvimento das habilidades particulares de cada aluno para que esses se tornem indivíduos produtivos na sociedade. Esse ponto é particularmente destacado no vídeo, nos sendo mostrada cenas de uma escola, na qual os alunos aparecem desenvolvendo variados projetos, relacionados à química, à carpintaria, à fotografia etc. Os educadores devem, assim, estar atentos à aptidão e aos interesses de cada um, procurando desenvolver no aluno sua máxima potencialidade. Essas aptidões encontram, entretanto, uma barreira determinante imposta pelo gênero. As escolas devem reconhecer que homens e mulheres diferem fundamentalmente uns dos outros e que seus papéis na sociedade são complementares, ao invés de idênticos. Logo, meninos e meninas precisariam se especializar em diferentes direções durante o processo de aprendizado. Finalmente, a escola estaria também incumbida de forjar o caráter do homem branco, estimulando a crença no poder da vontade e da necessidade de auto-disciplina. A escola seria, nesse sentido, também um espaço que testa, que desafia e que condiciona, devendo ensinar à criança como lidar com o fracasso, o desconforto e as dificuldades da vida sem maiores reclamações ou ‘crises de auto-piedade’.³¹⁴

Os jovens devem ser criados num ambiente competitivo. Eles devem competir atleticamente: na ginástica, em eventos de corrida, exercitar táticas de sobrevivência, em artes marciais com e sem armas... e as garotas em concursos de estética, beleza e graciosidade... em competições de música e dança. E eles devem competir intelectualmente, com reconhecimento, bolsas e aprovações dos melhores alunos para as melhores escolas. Crianças criadas em ambientes competitivos crescerão valorizando a performance, qualidade e proeza.³¹⁵

³¹⁴ HAWTHORNE, Robert. op.cit.

³¹⁵ ‘A white world’. op.cit. “Young people should be raised in a competitive environment. They should compete athletically: in gymnastics, in track and field events, in the exercise of survival skills, in armed and unarmed martial arts... and girls in esthetic contests, in contests of beauty and grace... and in contests of song and dance and musical performance. And they should compete intellectually, with recognition and scholarships and admission to the best schools given to the best scholars, to the best problem solvers. Children raised in such a competitive environment will grow up valuing performance and quality and achievement.”

O estímulo à competição vai ainda mais além do, a princípio, estímulo ao esforço do indivíduo em extrair o melhor de si. Descobrimos que há também uma componente de seleção social igualmente presente. Esta por sua vez estaria associada ao casamento e a políticas de natalidade.

Em primeiro lugar, crianças criadas em ambiente competitivo e recompensadas e reconhecidas por suas proezas tenderão a se distribuir pela qualidade, de modo que rapazes superiores possivelmente estarão nas mesmas escolas e nos mesmos ambientes de trabalho que moças superiores e, portanto, possivelmente se casarão com moças superiores. Em segundo lugar, a geração de crianças pode ser encorajada ou desencorajada conforme a qualidade dos pais. Aos melhores pais podem ser dados os maiores incentivos sociais e econômicos para que tenham famílias grandes. E a economia pode ser estruturada, o mercado de trabalho pode ser trabalhado, de forma a que as mulheres mais brilhantes e saudáveis tenham poucas opções de carreira e, portanto, é provável que escolham o casamento e a maternidade, enquanto atrativas carreiras fora de casa estejam muito mais disponíveis para mulheres menos dotadas, de modo a que essas possivelmente não se tornem mães.³¹⁶

A preocupação com a raça atinge aqui um outro nível. Não mais ameaçada de extinção e devidamente protegida contra qualquer investida por parte de elementos não-brancos, o foco da luta se direciona, então, para a seleção e, em última instância, a promoção do avanço dos melhores dentre os melhores. A raça procuraria se aprimorar por si mesma, estabelecendo seus próprios critérios de seleção. E tais critérios, como podemos observar, perpassariam diversas esferas sociais.

A economia também estaria a serviço da raça e, segundo a *National Alliance*, o futuro sistema não deveria nem permitir vultosas acumulações de riqueza por parte de um indivíduo ou de poucos, nem desencorajar completamente a iniciativa e a poupança individual. A preocupação em assegurar o lugar do indivíduo empreendedor na esfera econômica, garantindo o espaço da iniciativa privada será uma tônica. Alguns setores da economia seriam ainda privilegiados em detrimento de outros. Atividades relacionadas ao

³¹⁶ Idem. *"In the first place, children raised competitively and rewarded or recognized according to their achievements will tend to sort themselves according to quality, so that superior boys are more likely to be on the same schools or the same workplaces as superior girls, and are therefore more likely to marry superior girls. In the second place, producing children can be encouraged or discouraged accordingly to the quality of the parents. The best parents can be given the greatest social and economic incentives for having large families. And the economy can be structured, the job market can be tailored, so that the brightest and healthiest women have very few career choices and therefore are more likely to choose marriage and motherhood, while attractive careers outside the home are much more available to less gifted women, so that they are less likely to become mothers."*

capital financeiro seriam postas em segundo plano e mesmo vistas como de menor valor, sendo consideradas atividades não-produtivas.

Freios devem ser postos na acumulação de riqueza pela especulação e outras atividades não-produtivas, de modo a que a riqueza seja merecida e o merecedor tenha produzido algum benefício para a sociedade. No geral, toda a atividade econômica, seja empreendida por indivíduos ou por empresas, por instituições privadas ou pelo governo, deve ser gerida pelo princípio desta ser benéfica ou maléfica para a sociedade como um todo. Nós queremos uma economia livre, onde as pessoas podem ter sucesso ou fracassar sem interferência. Mas, ao mesmo tempo têm de haver seguranças para o público.³¹⁷

Aparentemente, a produção direta -de produtos, insumos e serviços- seria o ‘carro-chefe’ deste sistema econômico. A dedicação ao trabalho, o esforço, criatividade e eficiência seriam recompensados. E o vídeo procura não deixar espaços para a dúvida. Nos é mostrado o já clássico contraste entre esforçados trabalhadores brancos, trabalhando no campo e na cidade e os não-brancos vagabundos. São retratados serviços braçais para dar a impressão de trabalho duro, especificando quem são os que literalmente suam a camisa. Em oposição é mostrado jovem latino ou oriental, com cabelo em estilo ‘*dread lock*’ pintado de várias cores, usando roupas esportivas e largas. O visual do jovem remeteria à idéia de desarmonia associada à pessoa não-branca. Esta é suja, é largada, descuidada consigo mesma, buscando chocar os outros com sua ‘estranheza’. A imagem do jovem é ainda a única a ser mostrada fora de um ambiente de trabalho. É uma imagem estática, como uma foto, contrastando com todo o dinamismo e ação para o trabalho que ilustram o esforço e empenho do trabalhador branco.

Não nos admiramos ao notar que as cenas seguintes nos remetem mais uma vez àquela mesma repartição pública lotada de gente, disposta de forma desordenada, e a ruas repletas de pedintes e moradores de rua negros e mestiços. São eles os ‘vagabundos’, ‘sugadores’ dos recursos públicos, preguiçosos que não querem trabalhar e vivem às custas daqueles que efetivamente contribuem. A solução encontrada pela *National Alliance* para o problema do desemprego e da desigualdade de oportunidades é drástica.

³¹⁷ HAWTHORNE, Robert. op.cit. “...curbs should be put on the accumulation of wealth through speculation and other non-productive activities, so that wealth is earned and the earner has produced some benefit for society in earning it. In general, all economic activity, whether by individuals or businesses or private institutions or the government must be governed by the consideration of whether it is beneficial or whether it is harmful for the society as a whole. We want a free economy, where people can succeed or failure without interference. But at the same time there must be safe guards for the public.”

Nós não devemos ter nenhuma classe vivendo de benefícios, nenhuma classe de plutocratas super ricos que sejam capazes de usar sua fortuna para corromper e controlar a sociedade, em prol de suas próprias vantagens egoístas. Pessoas que não queiram ou não possam se sustentar não devem ser sustentadas às custas dos recursos públicos e não devem ter permissão para se reproduzir!³¹⁸

Políticas de bem-estar são duramente criticadas, mesmo às custas talvez de um grupo de indivíduos pertencentes à divina raça. As políticas de bem-estar e segurança social, supostamente ainda vivas no imaginário da *National Alliance*, seriam eliminadas na nova sociedade. E juntamente com elas ruiria também o sistema político que as possibilitara originalmente, a democracia representativa.

Nós nunca mais devemos ter um governo baseado em partidos políticos, com políticos adquirindo poder para fazer leis e implantar políticas públicas pelo apelo ao voto de ignorantes ou por ambição ou medo dos elementos mais baixos da sociedade; com políticos que não têm lealdade ou senso de responsabilidade para com sua raça, mas só para consigo mesmos e seus partidos, fazendo nossas leis. Isso nunca mais deve acontecer! Nós temos de entender que na era da mídia de massa, na qual a televisão tem tamanha influência nas opiniões da maioria da população, o velho conceito de ‘democracia da vila’, baseado num consenso determinado pela livre discussão e pelo debate entre cidadãos responsáveis em um fórum aberto a todos, perdeu o sentido.³¹⁹

Ao final, o vídeo deixa bastante claro que participação coletiva nas decisões políticas levaria invariavelmente à corrupção, à luta por interesses individuais ou de pequenos grupos, não servindo ao interesse do coletivo como se propunha. Isso não é mais desejado e a saída, presumimos, seria então uma forma de governo autoritário, no qual o público não participaria das decisões. A sociedade proposta seria governada não por elementos escolhidos pelo povo, mas seria gerida pelos mais capazes, com base no suposto princípio da meritocracia, os quais trabalhariam para a expansão e progresso da raça como um todo.

O trabalho desenvolvido pela *National Alliance* ao longo dos anos nunca prezou por ataques violentos, a exemplo da maioria dos aparelhos que advogam ideologia fascista. O

³¹⁸ Idem. “We should have neither a welfare class nor a class of superrich plutocrats able to use their wealth able to corrupt and control the society for their own selfish advantage. People who will not or cannot support themselves should not be supported at public expense and should not be permitted to reproduce!”

³¹⁹ Idem. *ibidem*. “We must never again have a government base on party politics, with politicians gaining the power to make laws and set public policy by appealing for votes to the ignorants or greed or fear of the lowest elements of society; ... with politicians who have no loyalty or sense of responsibility to their race, but only to themselves and their party, making our laws. That must never happen again! We must understand that in age of mass media, when television has such strong influence on the opinions on the majority of population, the old concept of ‘village democracy’, based on a consensus determined by free discussion and debate among responsible citizens in a forum open to all has become meaningless.”

projeto de Pierce visava reeducar, antes de recrutar, ganhar os corações e as mentes antes de angariar membros para sua organização, conscientizar o ‘povo eleito’ em prol da causa neofascista e do poder branco. Este sim teria de ser o primeiro passo, posto que, segundo o mesmo, os EUA ainda não estariam prontos para optar eleitoralmente por um projeto dessa ordem e respostas violentas só retardariam o processo de conquista do poder. Assim, acreditamos que a *National Alliance* é, no momento presente de sua luta, um aparelho privado de hegemonia, uma vez que suas ações são de cunho educativo e conscientizador, produz intelectuais orgânicos e busca participar ativamente do debate político. E está se preparando para, no futuro, vir a se tornar um partido no sentido gramsciano.

A *National Alliance* é notadamente uma fábrica de intelectuais orgânicos, atraindo principalmente setores médios intelectualizados. Trabalha desenvolvendo os já existentes e criando novos canais de mídia pelos quais difundem muito mais do que o projeto político da *National Alliance*, mas substancialmente a concepção de mundo neofascista. Objetivam, como bem explicita Dobratz, a construção de uma infra-estrutura revolucionária capaz de atrair pessoal, fundos, gerar propaganda de cunho educacional-disciplinar, capaz de planejar, criar projetos e guiar os que a eles aderem.³²⁰ Seus integrantes são militantes ativos, participando como um coletivo integrado na construção da organização em si e, talvez de modo mais esparso no diálogo da mesma com outras organizações adeptas de visão de mundo similar. Assim, não é difícil encontrá-los em grandes reuniões ou eventos promovidos por outras organizações, como a reunião anual da *Aryan Nations*, referência no calendário neofascista norte-americano, quando se organizam passeatas, comícios e manifestações conjuntas. E ainda que a *National Alliance* advogue uma política de evitar confrontos diretos, não se dedicando, portanto, à promoção de manifestações e protestos públicos, muitos de seus membros participam de eventos, na medida em que estes são também ricos momentos de comunicação, de compartilhamento de idéias, exposição de novos projetos e formação de alianças.

Tendo em vista ampliar esse diálogo, Pierce inicia em meados da década de 1990, o que se tornaria uma série de viagens à Europa, mais especificamente à Inglaterra e à Alemanha, na tentativa de estabelecer maiores contatos com tradicionais organizações

³²⁰ DOBRATZ, Betty & SHANKS-MEILE, Stephanie. op.cit.

neofascistas destes países.³²¹ A página da *National Alliance* apresenta hoje links diretos com as páginas do *British National Party* (BNP) e o *Nationaldemokratische Partei Deutschlands* (NPD).

Desde sua fundação em 1974 até a data de morte de seu fundador e grande líder em 2002, a *National Alliance*, em nossa particular avaliação, não atingiu um número expressivo de membros, somando, segundo a própria organização, um total de 1500 membros. Entretanto, como poucos aparelhos promotores de ideologia fascista, a *National Alliance* conseguiu se manter através do tempo, existindo até os nossos dias com mais de 35 filiais em todos os EUA. A morte de Pierce, contudo, parece ter levado a organização ao fracasso. Permanentes conflitos e disputas internas pela sucessão da liderança desestabilizaram a *National Alliance* profundamente. Pierce desempenhava papéis demasiadamente centrais, fazendo questão de controlar ou ao menos estar presente em todos os setores operacionais da organização. Sua morte acabou afetando estruturalmente todos setores, o que possa talvez explicar algo da instabilidade e dificuldade desta em se reerguer. A disputa interna entre as facções pela liderança é aspecto, que revela em si uma fragilidade mais profunda. Tais disputas trazem diferentes projetos para o futuro da *National Alliance* que, provavelmente, já deviam existir antes mesmo do falecimento de Pierce, tendo permanecido talvez não tão evidentes dada à liderança centralizadora e à figura histórica do líder fundador.

Com o número de filiados caindo a cada dia, o presente líder Erich Gliebe tenta a todo custo manter viva a organização e a propriedade na qual a sede está instalada em West Virgínia. As atividades da *National Alliance* ficaram verdadeiramente comprometidas na primavera de 2005, quando no auge dos conflitos pela liderança o à época líder, Shaun Walker, juntamente com o atual, Erich Gliebe, decidiram expulsar um número significativo dos membros mais ativos da organização. Estes imediatamente fundaram uma nova organização nomeada *National Vanguard*, que acabou sendo apoiada pela maioria das unidades locais da original *National Alliance*.³²² Ironicamente, pelo que podemos perceber, o futuro da *National Alliance* pode passar em branco!

³²¹ Southern Poverty Law Center. **Intelligence Project** Intelligence Report. 'William Pierce: a political history'. Fall, 2002.

³²² Anti-Defamation League. **Extremism in America**. National Alliance.

Considerações Finais

Ao me aventurar no estudo e pesquisa do neofascismo, veio-me logo de início uma inquietação. Será que devo? Minha questão não era bem um receio de encontrar dificuldades em localizar e recolher um corpus documental relevante e abundante. Tampouco me incomodava o fato deste corpus documental ser sido obtido por meio da internet ou o fato da pesquisa tratar de uma temática presente, geralmente estudada por sociólogos e jornalistas.

Certamente, essas são questões importantes e não devem ser ignoradas, mesmo porque são polêmicas e debates que afligem não apenas historiadores, mas outros pesquisadores sociais da atualidade. O historiador do presente fora por muito tempo estigmatizado e criticado por se dedicar à pesquisa de processos demasiadamente recentes, sem dar tempo suficiente para que se ‘acalmem as paixões’; por lidar com corpus documental supostamente limitado devido a possíveis censuras burocrático-administrativas de documentos relativos a administrações políticas em andamento; e por ‘invadir o terreno alheio’, adentrando os campos da sociologia e da ciência política.

Diante de tantos obstáculos, seria possível, então, pensar e efetivamente fazer uma história do presente? Acreditamos que sim. E este trabalho é um exemplo de que o historiador tem, deve e pode se aventurar em mais um terreno fértil à espera de exploração. É necessário, contudo, que certos cuidados sejam observados por aqueles que analisam o presente. Por privilegiar o exame de contextos atuais este pesquisador é, assim, agente e analista dos processos sociais simultaneamente. O historiador do presente é, nesse caso, duas vezes ator, primeiramente ao viver e finalmente ao fazer a história de um momento vivido. Desta delicada posição deve o estudioso do presente estar consciente.³²³

O professor Ciro Flamarion Cardoso, em entrevista à revista *História Agora*, sustenta que “as razões invocadas no passado contra a prática da História Imediata (...) refletiam uma História que acreditava no mito da imparcialidade e dava importância exagerada ou, mais exatamente, unilateral à documentação e às temáticas *políticas*.”³²⁴

³²³ CHAUVEAU, Agnès (org). **Questões para a história do presente**. Bauru: Edusc, 1999, p21.

³²⁴ CARDOSO, Ciro Flamarion. Entrevista com o Professor Ciro Flamarion Cardoso. In: **História Agora** 19 de Março, 2007.

Quanto às críticas em torno da incursão em campos das ciências sociais, Cardoso rebate e com ele concordamos que:

Na verdade, o historiador, a meu ver, estuda as sociedades humanas (passadas ou presentes) no tempo e, por tal razão, traz aos estudos da História Imediata uma perspectiva bem-vinda por ser diferente da dos outros cientistas sociais: em especial, o historiador tem uma sensibilidade maior para o processo de transformação em sua fluidez; não sente tão fortemente a tentação de recortar o tempo em momentos imóveis comparados entre si (em função, por exemplo, de dados dos censos).³²⁵

A dedicação ao estudo de temáticas presentes igualmente nos possibilita o trabalho com corpus documental de qualidade variada. O espaço midiático é, na era da informação, mais do que nunca um espaço de conflitos políticos e sociais, no qual atuam diferentes atores com diferentes estratégias. Lançar o olhar sobre os ‘novos’ tipos de fontes enriquece a pesquisa tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. A internet pode ser um canal, um meio muito útil e rico de acesso a tais documentos. Como um enorme arquivo contendo uma gama de informações e documentos de quantidade e qualidade muito variáveis, é imprescindível que este instrumento da atualidade seja usado com cautela.³²⁶ Apesar disso, não devemos desprezar o potencial trazido pelas novas tecnologias, as quais nos transportam com velocidade sem precedentes a diferentes realidades, ampliando não só nossas possibilidades de conhecimento, mas ao mesmo tempo de crítica sobre outras sociedades.

Todavia, como ressaltai no início dessas últimas considerações, não foram esses os obstáculos que me geraram maiores apreensões. O que efetivamente me fez pensar e repensar a decisão pelo estudo do neofascismo fora o receio da possibilidade de estar, em algum nível, contribuindo para a transmissão e difusão de tal ideologia. Então, novamente me lembrei do professor Ciro e de suas críticas ao ‘historiador-avestruz’. Percebi que mesmo correndo o risco de possivelmente meu trabalho acabar contribuindo para a indesejada difusão, pior seria ser mais um avestruz na história e optar, aberta ou dissimuladamente, por não enxergar, por desenvolver trabalhos sem sequer tocar nos problemas prementes de minha época. Isso porque, como lembra o reconhecido historiador da antiguidade, “um

³²⁵ Idem.

³²⁶ ROLLAND, Denis. Internet e história do tempo presente: estratégias de memória e mitologias políticas. In: **Tempo**. Vol.8, n.16, jan.2004.p.60.

historiador que nada tem a dizer *como historiador* sobre os maiores debates que atravessam a sua sociedade está escrevendo só para a minoria que o lê.”³²⁷

Um desses debates é exatamente o recente crescimento e profusão da ideologia fascista em países centrais e particularmente nos EUA, mesmo após o pesadelo representado pelo Holocausto. Mais peculiar parece ser, ainda, o fato desse crescimento se dar durante um processo de expansão do conservadorismo político nos países capitalistas como um todo, com o desenvolvimento das políticas neoliberais.

A grande ideologia do capitalismo contemporâneo não é, porém, o pós-modernismo, mas, sim, o neoconservadorismo neoliberal, o assim chamado “pensamento único”, que parte do princípio de que não existam alternativas ao próprio capitalismo em sua fase atual e tende a ignorar os que pensam de outro modo como proferidores de puro *nonsense*.³²⁸

Ao longo de nosso estudo, procuramos ressaltar as devidas diferenças dentro do campo do conservadorismo, de modo a não confundirmos sistemas neoliberais, mesmo os de caráter mais autoritário e com forte discurso fundamentalista como o de George W. Bush, com fascismo. A pesquisa nos revelou que o processo de precarização da qualidade de vida, observado com o avanço do neoliberalismo e as conquistas relativas uma sociedade multiculturalista acabaram levando partes dos setores médios e demais frações da classe dominada, já atraídos por alternativas políticas autoritárias, profundamente anti-democráticas e por vezes abertamente racistas, a se engajarem em organizações fascistas.

O neofascismo, enquanto expressão política, é ao mesmo tempo complexo e perigoso. Complexo porque este vem a expressar, por detrás de sua visão autoritária e discriminatória do mundo, descontentamentos legítimos acerca da queda de qualidade de vida nos EUA. Perigoso porque canaliza os medos e as esperanças de certo grupo de pessoas para uma alternativa política que só conduz ao aumento da discriminação, a desigualdade e a opressão, dificultando mais ainda o diálogo e as relações humanas na sociedade norte-americana.³²⁹

Fascistas são uma realidade, ainda que desagradável de se admitir. E eles estão entre nós. Não usam mais capuzes brancos, nem engomados uniformes verdes. Não carregam

³²⁷ CARDOSO, Ciro Flamarion.op.cit.

³²⁸ Idem.

³²⁹ BERLET, Chip & LYONS, Matthew. **Right-wing populism in America: too close for comfort**. New York: Guilford Press, 2000.p.345.

mais cruzeiros em chamas, nem marcham em perfeitas formações. Os cavaleiros e soldados do passado se foram; hoje são homens de aparência modesta e gentil que lutam em aparelhos neofascistas na sociedade civil.

Aprendamos, então, com Gramsci, aprendamos com a *National Alliance*, aprendamos com a história e reconheçamos que a vantagem de se viver em tempos de democracia liberal é que se os neofascistas podem lutar, nós também podemos; se eles podem construir alternativas políticas, nós também podemos; se eles investem pesados esforços na luta pela conquista da sociedade civil, talvez seja lá também que devemos começar a investir no contra-ataque.

Bibliografia

Capítulo I:

ARENT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Cia das letras, 1989.

BAUER, Otto. O fascismo. In: : FALCON, Francisco et.alli(org). **Fascismo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

BELL, Daniel. **The end of ideology: on the exhaustion of political ideas in the fifties**. New York: Free Press, 1965.

BERLET, Chip & LYONS, Matthew. **Right-wing populism in America: too close for comfort**. New York: Guilford Press, 2000.

BIANCHI, Álvaro. Revolução passiva: o pretérito do futuro. In: BOITO Jr., Armando, GALVÃO, Andréia, TOLEDO, Caio.(org) **Crítica Marxista**. nº23. São Paulo: Revan, 2006.

CASTELLS, Manuel.(a) **A sociedade em rede: A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. Vol.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel.(b) **O poder da identidade: A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel.(c) **Fim de Milênio: A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. Vol.3. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DIAMOND, Sara. **Roads to Dominion: right-wing movements and political power in the United States**. New York: Guilford Press, 1995.

DOBRTZ, Betty & SHANKS-MEILE, Stephanie. **The White separatist movement in the United States: white power, white pride!** Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press, 2000.

FURET, François. **The passing of an illusion: the idea of communism in the twentieth century**. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HIMMELSTEIN, Jerome. **To the Right: the transformation of American conservatism**. California: Univ. of California Press, 1990.

JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização**. Petrópolis: Vozes, 2001.

- KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- LAQUEUR, Walter (org). **Fascism: a reader's guide**. Berkley: Univ. of California Press, 1976.
- LIPSET, Seymour Martin. **Political man**. New York: Doubleday, 1963.
- MANDEL, Ernest. **Sobre o fascismo**. Lisboa: Antídoto, 1976.
- NOLTE, Ernst. O fascismo enquanto fenômeno metapolítico. In: FALCON, Francisco et. al. (org). **Fascismo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- PARSONS, Talcott. Democracy and social struggle in pre-nazi Germany. In: PARSONS, Talcott. **Essays in sociological theory**. IL: Free Press, 1954.
- PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- POULANTZAS, Nicos. **Fascism and Dictatorship**. NLB: London, 1974.
- POULANTZAS, Nicos. **Fascismo e Ditadura: a terceira Internacional face ao fascismo**. Vol.1. Lisboa: Portucalense, 1972.
- RIDGEWAY, James. **Blood in the face**. New York: Thunder's Mouth Press, 1995.
- RYAN, Nick. **Into a world of hate: a journey among the extreme right**. New York: Routledge, 2004.
- SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. São Paulo: Edusc, 1999.
- STAVENHAGEN, Rodolfo. Estratificação social e estrutura de classes. In: VELHO, Otávio Guilherme et al. (org). **Estrutura de classes e estratificação social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Os fascismos. In: REIS FILHO, Daniel Aarão et. al. (org). **O século XX**. vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- TREVOR-ROPER, Hugh. O fenômeno do fascismo. In: FALCON, Francisco et. al. (org). **Fascismo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- VELHO, Otávio Guilherme et al. (org). **Estrutura de classes e estratificação social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- WEBER, Eugen. **Varieties of fascism**. New York: Van Nostrand, 1964.

WOOD, Ellen. O que é a agenda pós-moderna? In: WOOD, E. e FOSTER, J.B.(org). **Em defesa da história**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

WOOLF, Stuart Joseph. Uma Introdução. In: FALCON, Francisco et.alli(org). **Fascismo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

Capítulo II:

ARRUDA, José Jobson de Andrade. A crise do capitalismo liberal.In:AARÃO, Daniel et alli (org). **O século XX.vol.II**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BADGER, Anthony. **The New Deal: the depression years 1933-1940**. Houdmills: Macmillan, 1989.

BERLET. Chip & LYONS. Mathew. **Right-wing populism in America: too close for comfort**. New York: Gilford Press, 2000.

BERNSTEIN, Michael. The Great Depression as historical problem. In: **OAH Magazine of history**. Vol.16. Nº1.Fall, 2001.

BERNSTEIN, Michael. Why the great Depression was great: toward a new understanding of the interwar economic crisis in the United States. In:GERSTLE, Gary & FRASER, Steve. **The rise and fall of the New Deal order:1930-1980**. New Jersey: Princeton Univ. Press, 1989.

BRINKLEY, Alan. **Voices of protest: Huey Long, Father Coghlin and the Great Depression**. New York: Alfred Knopf,1982.

DIAMOND, Sara. **Roads to dominion: right-wing movements and political power in the United States**.New York: Gilford Press, 1995.

DUMEIL, Gerard & LEVY, Dominique. Superação da crise, ameaças de crise e novo capitalismo. In: CHESNAIS, François et all. **Uma nova fase do capitalismo?** São Paulo: Xamã, 2003.

FERGUSON, Thomas & ROGERS, Joel. **Right Turn: The decline of the democrats and the future of American politics**. New York: Hill and Wang, 1986.

FERGUSON, Thomas. The coming of the New Deal: the triumph of multinational liberalism in America. In: GERSTLE, Gary & FRASER, Steve. **The rise and fall of the New Deal order:1930-1980**. New Jersey: Princeton Univ. Press, 1989.

FISHER, Irving. **Booms and Depressions: Some First Principles**. New York: Adelphi, 1932.

GRAMSCI, Antônio.(a) **Cadernos do Cárcere**. vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antonio. (b) **Cadernos do cárcere**. vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GRAMSCI, Antonio. (c) **Cadernos do Cárcere**. vol.4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HOBBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

HUNT, John Gabriel (org). **The essential Franklin Delano Roosevelt. FDR's greatest speeches, fireside chats, messages and proclamations**. New York: Gramercy Books, 1955.

KEYNES, John Maynard. **The general theory of employment, interest and money**. New York: Harcourt Brace Jovanowitch, 1936.

LIMONCIC, Flávio. Do pacto nacional à globalização: Estado e sindicato na regulação do capitalismo norte-americano. In:**Revista de história regional**. Vol.4, nº1 (verão 1999).

MENDONÇA, Sonia Regina de. Classes, poder e Estado no Brasil.p.6 Conferência proferida durante o I Simpósio Nacional: Estado Brasileiro- conflitos intraestatais e políticas públicas UFF-RJ 2004.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley (org). **A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005.

PERKINS, Dexter. **A época de Roosevelt: 1932-1945**.Rio de Janeiro: Ed. Cruzeiro, 1967.

SCHLESINGER Jr. Arthur. **The coming of the New Deal 1933-1935**. Boston: Houghton Mifflin, 2003.

SHERMAN, Howard. **História do Pensamento Econômico**. Petrópolis: Vozes,1993.

STEINBECK, John. **As vinhas da Ira**. São Paulo: Abril Cultural,1972.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Capítulo III:

ANDERSON, Perry. Balanço do noliberalismo. In:SADER, Emir. (org). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BERLET, Chip & LYONS, Matthew. **Right-wing populism in America: too close for comfort**. NY: Guilford Press, 2000.

BIANCHI, Álvaro. Revolução passiva: o pretérito do futuro. In: BOITO Jr., Armando, GALVÃO, Andréia, TOLEDO, Caio.(org) **Crítica Marxista**. nº23.SP: Revan, 2006.

BORGES, Celia Regina Congilio. Taylorismos, fordismos e toyotismos: as relações técnicas e sociais de produção configurando reestruturações produtivas. In: BORGES, Célia Regina, MOTTA, Célia, UEMORI, Celso et alli. **Lutas Sociais**.15-16.Agosto, 2006.

BOTTOMORE, Tom. Antonio Gramsci. In: **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

BRENNER, Robert. **O boom e a bolha**.Rio de Janeiro: Record, 2003.

CHAMBERS, Whittaker. Big sister is watching you. In: **National Review** nº 4, 1957.

CHESNAIS, François. (et all). **Uma nova fase do capitalismo?** São Paulo: Xamã, 2003.

CHESNAIS, François. O capital portador de juros: acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos. In: CHESNAIS, François(org). **A finança mundializada**. São Paulo: Boitempo, 2005.

DIAMOND, Sara. **Roads to Dominion: right-wing movements and political power in the United States**. NY: Guilford Press, 1995.

FONTES, Virgínia. Lênin, o imperialismo e nosso desafio contemporâneo. **Marx Agora**. abril-março de 2007.

GRAMSCI, Antonio. (a) **Cadernos do Cárcere**. Vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antonio. (b) **Cadernos do Cárcere**. Vol.5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HIMMELSTEIN, Jerome. **To the Right: the transformation of American conservatism**. Berkley: Univ.of California Press, 1990.

LIMONCIC, Flávio. Do pacto nacional à globalização: Estado e sindicato na regulação do capitalismo norte-americano. In: **Revista de história regional** Vol.4, nº1 (verão 1999).

MEDEIROS, C. **Polarização mundial e crescimento**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MEYER, Frank. **Conservative mainstream**. New York: Arlington House, 1969.

PAMPLONA, Marco Antônio. **Reverendo o sonho americano: 1890-1972**. São Paulo: Atual, 1995.

SEGRILLO, Angelo. **O declínio da união soviética: um estudo das causas**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SWEETZY, Paul & MAGDOFF, H. **A crise do capitalismo americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

TAVARES, M.T & FIORI, J.L(org).**Poder e dinheiro: uma economia política da globalização**. Petrópolis:Vozes, 1998.

VIANNA. A.M. Conservadorismo.In: TEIXEIRA DA SILVA, F.C.T(org). **Dicionário crítico do pensamento da direita: idéias, instituições, personagens**. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

Capítulo VI:

BARTHES, Roland. La chambre claire: note sur la photographie. Paris: Galimar, 1980.p.16 apud. NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel.In: PINSKY, Carla Bassanezi(org). **Fontes históricas**.SP: Contexto, 2006.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso. Ensaios críticos III**.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BAUER, M e GASKELL,G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BERLET, Chip & LYONS, Matthew. **Right-wing populism in America: too close for comfort**. New York:Guilford Press, 2000.

BERLET, Chip. How apocalyptic and millennialist themes influence right-wing scapegoating and conspiracism. In: **Public Eye Magazine** . Fall, 1998.

BRANT, Irving. **The Bill of Rights: its origin and meaning**. Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1965.

CRAWFORD, Robert et alli.**The northwest imperative: documenting a decade of hate**. Portland:CHD,1994.

DOBRAZT, Betty & SHANKS-MEILE, Stephanie.**White power, White pride:the White separatist movement in the United States**. Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press,2000.

FERRO, Marc. “O filme” In: LE GOFF, J. et alli. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: F. Alves Ed., 1976.

GOLDHAGEN, Daniel. **Os carrascos voluntários de Hitler**. São Paulo: Cia da letras, 2002.

GRAMSCI, Antonio. (a) **Cadernos do cárcere**. Vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antonio. (b) **Cadernos do cárcere**. Vols.2, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

KERSHAW, Ian. **Hitler: um perfil do poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

LIPSET, Deborah E. **Denying the Holocaust: the growing assault on truth and memory**. London: Penguin, 1994.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

MACDONALD, Andrew. **The Turner Diaries**. Resistance Books, 1978.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 2006.

MICELLI, Sérgio. A noite da madrinha. São Paulo: Perspectiva, 1972. p.210. apud. MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 2006.

MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In: História, questões e debates. Curitiba: UFPR. N.20/38, jan/jun. 2003.p.40. apud. NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

RIDGEWAY, James. **Blood in the face**. New York: Thunder's Mouth Press, 1995.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Raymond. **Tragédia Moderna**. São Paulo: Cosac&Nasif, 2002.

Considerações Finais:

CHAUVEAU, Agnès (org). **Questões para a história do presente**. Bauru: Edusc, 1999.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Entrevista com o Professor Ciro Flamarion Cardoso. In: **História Agora**. 19 de Março, 2007.

ROLLAND, Denis. Internet e história do tempo presente: estratégias de memória e mitologias políticas. In: **Tempo**. Vol.8, n.16, jan.2004.

BERLET, Chip & LYONS, Matthew. **Right-wing populism in America: too close for comfort**. New York: Guilford Press, 2000.

Fontes

Introdução:

- 1) *Southern Poverty Law Center. Intelligence Project. Active U.S. hate groups in 2004.*
www.splcenter.org/intel/map/hate.jsp
Página consultada em Novembro de 2005.

Capítulo II:

- 1) *The New York Times* (1933-1950)
Entrada para pesquisa no catálogo on-line: 'conservatism'.
www.nytimes.com
Página consultada em Junho de 2006.
- 2) *Marxists internet archive.*
www.marxists.org/
Página consultada em Junho de 2007
- 3) *The Social Security Act of 1935.*
www.nationalcenter.org/SocialSecurityAct.html
Página consultada em Junho de 2007.

Capítulo III:

- The New York Times* (1950-1980)
Entradas para pesquisa no catálogo on-line: 'conservatism' e 'neo-nazi'.
www.nytimes.com
Página consultada em Junho de 2006.

Capítulo IV:

- 1) Materiais produzidos pela *National Alliance*
www.natvan.com
Página consultada em Abril de 2006.
 - a. Materiais impressos: *Free Speech* (1995-2002), *National Vanguard* (1977; 1984-2002), *Turner Diaries*.
 - b. Material visual: *America is a changing country* (vídeo-documentário), *Race and Reality* 1, 2, 3 e 4 (programa de entrevistas).
 - c. Material de audio: *National Dissident Voices* (1976; 1991-2002).
- 2) *National Vanguard Books*
www.natvanbooks.com/cgi-bin/webc.cgi/st_prod.html?p_prodid=179&p_catid=8
Página consultada em Janeiro de 2008.

3) *Cable News Network - CNN*

'Turner Diaries introduced in McVeigh trial'. 28 April, 1997.

www.cnn.com/US/9704/28/okc/

Página consultada em Janeiro de 2008.

4) *University of Missouri, Kansas City School of Law*

Search Warrant for the Vehicle of Timothy McVeigh 5 May, 1995.

www.law.umkc.edu/faculty/projects/trials/mcveigh/mcveighwarrant.html.

Página consultada em Janeiro de 2008.

5) *The New York Times* (1980-2002)

Entrada para pesquisa no catálogo on-line: 'neo-nazi'

6) *Southern Poverty Law Center*

Intelligence Project. Intelligence Report. 'William Pierce: a political history'. Fall, 2002.

www.splcenter.org/intel/intelreport/article.jsp?sid=35.

Página consultada em Janeiro de 2008.

7) *Anti-Defamation League*

Extremism in America. National Alliance.

www.adl.org/learn/Ext_US/N_Alliance.asp

Página consultada em Janeiro de 2008.